

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ANTROPOLOGIA**

Roselayne Miguel da Silva

Kutíya novo apê akéneke rakoxo mopôï?

Kíxoku kaná'uti kóxuna'ixeovo ukopónoti koane êno éxone ne senóhikohiko
Têrenoe ya Mato Grosso do Sul

O que tinha atrás daquele morro?

**Narrativas de Circulação e Experiências de Mulheres Terena
em Mato Grosso do Sul**

DOURADOS-MS

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Kutiya novo apê akéneke rakoxo mopôî?

Kíxoku kaná'uti kóxuna'ixeovo ukopónoti koane êno éxone ne senóhikohiko
Têrenoe ya Mato Grosso do Sul

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Antropologia, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados como requisito para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

**Orientadora: Profa. Dra Lauriene Seraguza
Olegário e Souza**

DOURADOS-MS
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S586k Silva, Roselayne Miguel Da

Kutiya novo apê akéneke rakoxo mopói?- O que tinha atrás daquele morro?: Kixoku kaná'uti kóxuna'ixeevo ukopónoti koane êno êxone ne senôhikohiko Têrenoe ya Mato Grosso do Sul - Narrativas de Circulação e Experiências de Mulheres Terena em Mato Grosso do Sul [recurso eletrônico] / Roselayne Miguel Da Silva. -- 2025.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Dra Lauriene Seraguza Olegário e Souza.

Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2024.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Têrenoe, senôhiko, família, Mato Grosso do Sul. 2. Terena, Mulheres, Família, Mato Grosso do Sul. I. Souza, Dra Lauriene Seraguza Olegário E. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

Roselayne Miguel da Silva

Kutíya novo apê akéneke rakoxo mopô?

Kíxoku kaná'uti kóxuna'ixeovo ukopónoti koane êno éxone ne senóhikohiko Têrenoe ya
Mato Grosso do Sul

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dra. Lauriene Seraguza Olegário e Souza
Presidente/Orientadora
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD/Faind

Prof. Dr. Antônio Carlos Seizer da Silva
Membro titular
Centro Estadual de Formação de Professores Indígenas de MS – CEFPI/MS

Prof. Dr. Levi Marques Pereira
Membro titular
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD/Faind

Profa. Dra. Évelin Tatiane da Silva Pereira
Membro titular
Universidade Católica Dom Bosco/UCDB

Profa. Dra. Noêmia Pereira Moura
Membro suplente
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD/FCH

“No território indígena, o silêncio é sabedoria milenar. Aprendemos com os mais velhos a ouvir, mais que falar.” – Márcia Wayna Kambeba

AGRADECIMENTOS

"Mãe não se preocupe se não der tempo, não tem problema se tudo quebrar ajunte e cole todos os cacos e faz tudo de novo."

Augusto Hoyenoo Miguel Morales

Quebra - Cabeça

Como quebra – cabeça perfeito,

Todas as peças em seu devido lugar,

Como um jarro de barro,

Você pode se quebrar e se montar,

Pode tentar suportar ficar se quebrando e montando tudo de volta,

Talvez isso te torne mais forte

Mas a partir que você começa a perecer as peças ou os pedaços viram pó e são levados pelo vento

Você vai se quebrar mais e mais,

Não vai poder se montar novamente

Por que não se monta um quebra-cabeça sem as peças,

E não se constrói um jarro sem seus pedaços.

A não ser que você possa recria-los novamente.

Nayra Uzumaki

Gratidão a todas as mulheres indígenas, mulheres de todas as etnias que nos convidam com suas histórias e ensinamentos a refletir sobre a importância dessa voz que ecoa na existência, pois é dos seu ventre que foi arquitetado, gestado, concebido, delineado o povo brasileiro.

Ainapoyakoe Senóhiko Têrenoe (Obrigada Mulheres Terena), na cidade, na aldeia, falantes e não falantes, amantes de sua cultura, da sua história que se tornem fecundas nos espaços que adentrarem e a sua voz veja como os cantos espontâneos que nossas avós cantavam, pois os cantos abrem as portas das emoções, da benção, da alegria, da existência.

O período da gestação do mestrado veio a ser possível devido ao apoio de todos que acreditaram na minha capacidade, no incentivo de todos da minha família da aldeia Kali-Lavona e da aldeia Jaguapiru, meus professores que compartilharam seus conhecimentos comigo. A minha comunidade onde cresci e recebi as primeiras influências que me impulsionaram as trilhas do conhecimento, onde aprendi a ler e escrever na escola Marcolino Lili, processo que se iniciou e nem imaginava que me levaria até aqui, podendo contribuir com algo para a jornada da vida. Aos colegas professores da comunidade da aldeia Jaguapiru a qual resido atualmente, especificamente ao corpo escolar onde trabalho na Escola Estadual Indígena Intercultural GUATEKA Marçal de Souza, a direção, aos funcionários do administrativo e principalmente aos alunos que tive a oportunidade de conhecer, afetar e ser afetada.

Meus sinceros agradecimentos aos anciões do povo Terena espalhado no território brasileiro que são como um espécie de guardiães de saberes tradicionais e com as suas vidas deixaram caminhos trilhados, para a geração que vai surgindo é como um suporte frente as lutas do cotidiano, na política, no social, na educação, na saúde, enfim, a vida nos mostrou que podemos construir pontes que nos levam para situações ao nosso redor que sejam menos dolorosas, alguns deram literalmente sua vida nessa possibilidade de um amanhã mais justo e promissor.

A minha sincera gratidão em especial aos troncos que contribuíram para realização dessa reflexão e a participação direta e indireta na constituição da comunidade, da aldeia do Jaguapiru, que possui sua especificidade. A família do Sr Guilherme Valério (*in memoriam*) e dona Maurícia Felipe Valério, sua esposa (*in memoriam*) e seu filho Josias Felipe Valério (Kaxe) (*in memoriam*), Eucir Felipe Valério (*in memoriam*), Eliane Felipe Valério, Gerson Felipe Valério e Edios Felipe Valério, netos, netas e bisnetos dessa família que me acolheu no momento que mais precisei no processo de formação acadêmica na busca do saber dos *purutuye*.

Sou agradecida pela boa conversa e a aprendizagem que tive com a família de Benedito Faustino (*In memoriam*) e Alaíde Reginaldo Faustino que compartilharam a trajetória de vida e formação de sua família na aldeia Jaguapiru sempre buscando fazer o que podia na comunidade que os receberam, hoje já estabelecidos contribuem na estrutura da comunidade.

Obrigada professor João Machado e sua esposa Arminda Machado que prontamente me receberam e compartilharam um pouco de sua trajetória e conhecimento e a sua contribuição no meio social e principalmente na educação, um líder nato.

Gratidão a família do pastor Odair Morales e sua esposa Francisca Cabreira Morales e a toda família, filhos, filhas e netos que muito contribuíram com apoio e incentivo e o compartilhar de suas vivências e de seus pais que construíram suas histórias, ou melhor a trajetória, percorrida na reserva indígena Francisco Horta Barbosa.

Josiane Cabreira Morales e filhos que dividiram o espaço de sua casa por um período em um momento muito difícil em minha caminhada, cresci e amadureci nesses tempos morando com vocês.

A Família Miguel e Família Silva, em especial, mãe Nilza Miguel e pai Cirino da Silva, obrigada pela confiança em mim depositada. Sempre acreditaram nas possibilidades a mim apresentada, os maiores mentores e influenciadores que já conheci, possuem uma dimensão de vivência, sabem dos percalços que se apresentam e por isso sempre nos

motivam a continuar, obrigada pela vida, obrigada pelo amor, obrigada por me ensinar o caminho em que pudesse conhecer o criador *ituko'oviti*. Aos irmãos, Alessandra, sua humildade é impactante, Adriana, sua ousadia é admirável, Silvia, seu coração é imenso e sua coragem é sensacional, Reginaldo, de uma postura única frente a vida e de caráter inquestionável, Rejane, aquela que sabe ouvir e de sabedoria esplêndida, Carlos Ronaldo, determinado frente aos impasses que surgem, sua coragem e decisão é excepcional, Régio Haniel, aquele que traz alegria e aconchego com a sua presença e Kerley Tuane, carrega um potencial, um brilho próprio e singelo. A todos os sobrinhos, cada um contribuiu com carinho, apoio e orações. Aos tios, tias maternos e paternos, pelo carinho e incentivo de todos demonstrando sempre a satisfação na minha escolha de vida, obrigada pela energia e estímulos depositados em mim.

Ao Rosaldo Albuquerque e Rejane Miguel e filhos, por me orientarem sempre que precisei, contribuíram com seus conhecimentos e na medida do possível sempre realizando leituras e dando sugestões valiosas no processo de tecer a dissertação. Obrigada por serem o que são e fazer o que fazem por todos que precisam de vocês.

Agradeço ao tradutor Pastor Ladislau Farias, contar com seu apoio e empenho foi de muito indispensável, obrigada pela boa conversa e incentivo. *Ainapoyakoe*.

Professor Doutor Levi Pereira Marques, obrigada, com as palavras na medida e no tempo certo trouxeram direção muito significativa, “Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo” Prov. 25;11. Me sinto horada por receber tuas orientações e conhecimentos por um bom período de tempo, seu incentivo foram primordiais pra continuar e não desistir.

A marca da Professora Doutora Lauriene Seraguza Olegário e Souza foram definitivas, um marcador de postura na elaboração da dissertação, visualizou o que eu não conseguia perceber, sua simplicidade impulsionou a vontade de terminar o que precisava ser feito, como uma águia que possui visão apurada e diferenciada foi assertiva em destacar pontos mínimos que possibilitou fazer um pouco mais e melhor. A imagem desse projeto apresentado e desenvolvido ao tecer as linhas em algo inesperado é satisfatório. Foi aquela que reacendeu as chamas, que desperta a forma de olhar para a vida.

Nilcimar Cabreira Morales é um apoiador e incentivador dessa jornada, o amigo mais querido e criativo que mais presenciou as crises emocionais que vivenciei e que percebeu o quanto sou limitada em vários aspectos, mas que me estimulava a buscar sempre o melhor em tudo, pai presente, afetuoso, um constante aprendiz, obrigada pelo esforço e dedicação a família e ao filho.

Obrigada por compreender a mamãe e ajudar me tornar mais compreensiva e rever muitas vezes minha posição, convertendo várias vezes a rota da vida, percebendo que ser mãe requer muito esforço, mesmo quando já não se sabe o que fazer surge a esperança em um simples olhar Augusto Hoyeno'o, aquele que traz o "RISO", em uma simples palavra o que contagia a minha vida de alegria e desafios, desculpa pelos momentos que me ausentei.

Ainapoyakoe Ituko'oviti, o criador por tudo até aqui, pois, me ajudaste de forma incondicional oferecendo a mim o fôlego de vida, a oportunidade de vivenciar experiências únicas, de poder conhecer seres humanos incríveis e de perceber que nesse imenso mosaico cada um tem o seu lugar, e que diante a vida, cada um tem o seu valor e como crianças podemos cair, mas cabe a nós levantar com a maturidade de adulto. Faz brotar água da rocha, fez brotar em mim a capacidade de ler e escrever e interpretar. Obrigada por não deixar eu desistir, colocando pessoas únicas na minha caminhada que me auxiliaram com o que tinham, me ofereceram o melhor que possuíam, gratidão eterna.

Kutíya novo apê akéneke rakoxo mopôí?

Kíxoku kaná'uti kóxuna'ixeovo ukopónoti koane êno éxone ne senóhikohiko Têrenoe ya
Mato Grosso do Sul

Kalihú koeti yuhôti: Enopone redação escolar yutóxoti xêti (dissertação) koane curso de pós – graduação tumúneke íhikaxeovo doutorado(mestrado) hara itukoa yútoe ukeâti ya poké'exa kopénoti, Francisco Horta Barbosa, poké'exa kopénoti Buriti, poké'exa kopénoti Taunay/Ipegue. Koati xúnati isóneuhiko kixóvoku kóukoponeo ne Têrenoe kóane ákoyea malíka yónokuhiko ínixeá tumúne. Ako tópi úkeaku xanéhiko yara kúveo mêmum, koyúhoe kiêku mezáiku enepone exene Têrenoe Kóxunakovohiko koene lutáxea. Itea honêkomaka yara Kúveo mêmum ákoyea tópi ánahi. Yokómaka koêku ne Laraia 2006 koyúhoti yupíheovo ukóponea ra koekúti xapa xane. Kene hara apresenta kixo utone itúkea koêku kóxunakeovo koukoponea íhikauvo ne senóhiko koane kóxunakoa ákoyea áuke'e kixóvoku ne Têrenoe. Póhuti yane éxeako SPI koyúhoe akoyea itúkapu kaná'uti kopénoti ne Têrenoe ite itúkeovo exékonoti itúkeo purutuyé, karai koati únati koekúti ne ítukehiko ukeâti poké'exa kopénoti Buriti ukeâti poké'exa kopénoti Pin Taunay. Koane Kóxunako fámileana Têrenoe motovâti yuíxeovokono xoko âha úkeakuke koane ya méukeke. Hara yonóhiko isóneu unako koêku koane káxunakeohiko ákoyea áuke'e emó'u koáne híyokena, ínapoxo kixóvokuhiko ákoti ohôno emó'u. Pôreu ne íhikaxeovohiko poréxoti kóxunakeovohiko koáne poréxea valor ne koati poké'exahiko óvohikoku mekúke. Koáne uhá koêti ne okópeokonoke xapa pulítika, yaxoko kulturana koene xoko religião na Yoko kóyuseyeovohiko xoko ípuxeovoku. Koáne senóhiko ukóponea ya koêkuti vékoku koane kouhe'exeovo kixóvokuhiko. Enopone kíxoakuhiko itúkea ne itukéti koati ya xêti kamokenókixonéti. Èxetina xâne hoekúti vidanake xâne koane vidanake uhá koeti xâne.

Palavras-chave: Têrenoe, senóhiko, fámilea, Mato Grosso do Sul,

O que tinha atrás daquele morro?

Narrativas de Circulação e Experiências de Mulheres Terena em Mato Grosso do Sul

RESUMO: A dissertação de mestrado é proveniente do trabalho de diversos campos desenvolvidos na Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa, Terra Indígena Buriti, Terra Indígena Taunay/Ipegue, sempre tendo em mente como a vivência Terena se desenvolve em diversos espaços e que as memórias são ferramentas de resistência e persistência da sua forma de viver, ver e desenvolver sua cosmovisão. Diversos mundos constituem um imenso mosaico que a trajetória Terena foi constituída de resistência e luta que se tornaram peças que compõe todo o universo que sofreu variações, lembrando que Laraia (2006) referia a “dinâmica” constantes do meio social e aqui procuramos apresentar o desempenho, atuação, a performance das mulheres que são como semeadoras, espelhando na prática em que é possível fortalecer, sobreviver, suportar, conservar e permanecer as “maneiras Terenas”. Uma das artimanhas impostas no período de SPI foi a de que os Terena não são indígenas “de verdade” e que são assimilados. Absorvendo os códigos do “purutuyé”, “Karai”, não indígena. O trabalho de campo foi fundamental, pois, as memórias de cada tronco que saíram de seus territórios como das Terra Indígena Buriti, Terra Indígena PIN Taunay se mantém o fortalecimento familiar e o jeito Terena de ser no trato com o outro e nas negociações internas e externas, visando o bem coletivo, desenvolvendo estratégias de resistência seja na língua, seja nas danças e principalmente nas relações cotidianas silenciosas. A contribuição para esse estudo está relacionada a resistência e a valorização de territórios tradicionais, o fortalecimento da identidade e constituição histórica na trajetória do Terena e todo impacto que sofreu com esses encontros e desencontros nas dimensões políticas, culturais e religiosas e na maneira de organizar-se internamente e a mulher e o seu desenvolvimento fundamental nos espaços que circula, deixando e aprimorando sua participação e o comprometimento com o coletivo. Os métodos recorridos para elaboração desse trabalho foi história oral, história de vida ajustados ao método etnográfico na perspectiva de uma melhor compreensão da sociabilidade da “vida diária” terena.

Palavras-chave: Terena, Mulheres, Família, Mato Grosso do Sul,

LISTAS DE SIGLAS

A.E.C – Associação de Educação Católica de Mato Grosso do Sul
APIB – Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
APIB – Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
CIMI – Conselho Indigenista Missionário
CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Física
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CTMDT – Centro de Treinamento Ministerial Diante do Trono
EAD – Educação a Distância
FUNAI – Fundação Nacional do Índio
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
FUNASA – Fundação Nacional da Saúde
GPI – Gestão de Projetos Internos
MAIC – Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio
MEI – Microempreendedor Individual
MG – Minas Gerais
MPF – Ministério Público Federal
MPI – Ministério dos Povos Indígenas
MS – Mato Grosso do SUL
MT – Mato Grosso
NOB – Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.
ONU – Organização das Nações Unidas PF – Polícia Federal
OTGD – Organização Terena da Grande Dourados
PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PIN – Posto Indígena
PIVIC – Programa Institucional de bolsas de Iniciação Científica
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PUC – Pontifícia Universidade Católica
SPI – Serviço de Proteção ao Índio
SPILTN – Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais
T.I. – Terra Indígena
UAIFA – Unidade de Acolhimento Institucional para Família e Adultos
UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UFF – Universidade Federal Fluminense

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIEDAS – União das Igrejas Evangélicas da América do Sul

UNINTINS – Universidade Estadual de Tocantins

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Minha Família, meu tronco. Foto da autora – abril 2024.	16
Figura 2 - Mapa da Reserva Indígena de Dourados. Elaboração da Autora, Google, 2024.	42
Figura 3 - Mapa da Terra Indígena Taunay-Ipegue. Elaboração da Autora, Google, 2024.	46
Figura 4- Mapa da Terra Indígena Buriti. Elaboração da Autora, Google, 2024.	48
Figura 6 - Minha mãe Neuza e seus alunos em nossa primeira escola - Acervo pessoal da autora ..	
Figura 5- Diploma de minha mãe em formação sobre problemas das mulheres - 1974 - Acervo pessoal da autora	
Figura 7 - Suely durante celebração terena. Foto de Suely, 2024.	67
Figura 8 - Cristiane - Foto de Cristiane Marques, 2024.	71
Figura 9 - Rejane - Foto de Rejane Miguel, 2024.	75
Figura 10 - Siputerena - Dança das Mulheres Terena. Acervo pessoal da autora.	82
Figura 11Eu dançando Seputerena gestante de 7 meses- Acervo pessoal da autora.2015.	
Figura 12- Eu dançando Seputerena gestante de 7 meses- Acervo pessoal da autora.2015	
Figura 13Comemoração 19 de abril – 2024 – dança kohixóti Kipaé pintura representando as duas metades. Aldeia Lagoinha/ Aquidauana. Acervo pessoal	91
Figura 14- Comemoração 19 de abril – 2024 – dança kohixóti Kipaé pintura representando as duas metades. Aldeia Lagoinha/ Aquidauana. Acervo pessoal.....	94
Figura 15 Comemoração 95 anos da Missão Caíuá, 22 agosto – 2023 – dança kohixóti Kipaé. RID/ Dourados. Acervo pessoal.....	95
Figura 16Dança de mulheres terena na aldeia Lagoinha composta por 140 participantes no dia 19 de abril 2024. Acervo pessoal da autora.	96
Figura 17 Participando da dança Seputerena. 19 de abril de 2024	96
Figura 18 Participação das o grupo de dança 19 de abril 2024. Acervo pessoal.	

Sumário

Considerações Iniciais	16
Um percurso chamado vida.....	16
Organização da Dissertação	32
Capítulo I.....	34
Os Terena em Mato Grosso do Sul.....	34
1.1. Os impactos históricos vivenciados na trajetória Terena	35
1.2. As famílias Terenas de Dourados - Viyeno Têrenoe ihay Douraduke.....	41
1.3. As famílias Terenas de Taunay – Viyenó Têrenoe ihay Taunayke.....	45
1.4. As famílias Terenas de Buriti – Viyenó Têreno ihay Buritike.....	47
1.5. A caminhada do povo Terena.....	52
Capítulo II.....	56
Trajетórias e Circulação de Mulheres Terena em Mato Grosso do Sul	56
2.1. Circulação de Mulheres Terena.....	58
2.2. Meu tronco, minha força – a trajetória de minha mãe Nilza Miguel	63
2.3. Descrição de uma vida – Trajetória de Suely.....	67
2.4. <i>Um pouco de mim, como estudante, professora e mãe Terena</i> – trajetória de Cristiane	71
2.5. <i>“O que tinha atrás daquele morro?”</i> – trajetória de Rejane	75
Capítulo III.....	81
Sêno Têrenoe - Mulheres Terena	81
3.1. <i>Sêno Têrenoe</i> – Mulheres Terena.....	82
3.2. Dança terena “séputerena” - relações entre mulheres e homens	89
3.3. Mulheres de fé e de festas	96
3.4. A fala da mulher Terena.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	112

Um percurso chamado vida...



Figura 1 - Minha Família, meu tronco. Foto da autora – abril 2024.

Se não sabemos quem somos, não podemos ter uma visão de onde estamos. O exercício de compartilhar frações da trajetória do existir ou do ser indígena, especialmente Terena está tudo ligado, está tudo conectado como algumas perguntas que vamos elaborando ao longo da nossa existência que contribuem para construção e participação ativa no meio em que está inserido tendo a oportunidade de aprender e transmitir tradições, história e conhecimentos ancestrais que fortalecem o “*kixou itukeo terenóe*”.

Quem sou? Quem é o outro? Quem somos? De onde viemos? Ou de onde vem as nossas raízes?

È impossível se desvincular dessas perguntas que surgem e que se tornaram mais intensas no decorrer do desenvolvimento e na estruturação, no momento de tecer, no sentido de arquitetar o argumento. É primordial para o momento, pois é como assentar um alicerce para iniciar uma obra. Devido a diversos momentos de dúvidas, preocupações,

crises em todas as áreas que intensificaram as incertezas e que dispuseram diversas possibilidades e essas serviram para que eu pudesse rever caminhos e formas de pensar, posto que, o ato da escrita carrega muito de mim.

Foram milhares as dúvidas que surgiram, o que gerou um movimento contínuo que levou a uma profunda reflexão que impulsionou ao que Sócrates dizia “conhece-te a ti mesmo” acreditando que era necessário retomar o ponto de partida do autoconhecimento.

O desafio para iniciar a estrutura desse trabalho foi o de rever outros olhares e perpassando no ângulo do que penso e por que penso de tal forma e se dialogo da forma que dialogo com diversos mundos, e faço o que faço cotidianamente, tem a ver como uma ação carregada de sentido, mas que normalmente passam despercebidas.

Sou a sexta dos sete filhos que meus pais tiveram. Meu pai era boiadeiro e lavrador um homem da roça, acostumado a serviços braçais, que até hoje cultiva para o consumo próprio, pois gosta de lidar com a terra. Minha mãe está aposentada atualmente, mas sua profissão é auxiliar de enfermagem e parteira da aldeia onde morávamos na Terra Indígena – Taunay/Ipegue.

Nasci no dia 25/10/1981 na aldeia do Teykue, no município de Caarapó MS, onde minha mãe trabalhou por sete anos. Morávamos naquela aldeia com os indígenas da etnia Kaiowá, uma realidade cultural e linguística muito diferente da nossa. Segundo minha mãe, no dia do meu nascimento não foi possível ir ao hospital devido à dificuldade de deslocamento, o que era muito difícil na época. Devido ao seu conhecimento de parteira, minha mãe passou as orientações ao meu pai e este realizou o trabalho de parto, então os dois juntos me ajudaram a chegar na estação da vida, mas depois de uns seis dias de nascida, minha mãe estava de férias e decidiu viajar de ônibus de Caarapó até Aquidauana, para a aldeia Lagoinha, para casa de meus avós.

Nessa viagem meu umbigo ainda estava aberto, estava mal curado, assim chamavam e minha mãe não tinha completado o resguardo, o tempo necessário de repouso depois do parto. Assim, segundo as informações, minha barriga avermelhou toda e eu chorava muito e minha mãe também passou muito mal, com dores na barriga. Então, meu pai foi buscar sua mãe, a minha avô Rosalina, que preparou um remédio a base de pena de galinha preta, torrada no fogo, depois amassada e virando um pó e colocou com um gota de óleo de cozinha no umbigo, o que o fez secar em dois dias e melhorando também a barriga da minha mãe. Segundo as informações eu e minha mãe não cumprimos o tempo de cuidados que precisávamos, após o meu parto.

Quando eu já estava com dois anos de idade, retornamos para morar na aldeia Lagoinha (Kali Lavona), localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, onde cresci me aventurando nas matas pra catar lenha, serviço necessário para preparar as refeições no fogão a lenha, lavando roupa em açude, pegando água no poço da comunidade e correndo de boiadas que por ali passavam. No período da minha infância não havia água encanada na comunidade, tinha um poço comunitário, onde todos que ali moravam abasteciam suas casas, era um momento de sociabilidade entre moradores, havia com frequência festas na comunidade, era um período de interação e de lazer.

O cheiro das primeiras horas da manhã, a brisa gostosa e suave estão gravados em minha memória ainda nos dias de hoje, o cantar dos pássaros pela madrugada, as brincadeiras no alto das árvores, colhendo as frutas que tinha em cada época, as bagunças de criança, as brincadeiras de roda e do corre-corre, era tudo muito gostoso.

O que dizer do pôr do sol alaranjado, o barulho da revoada dos pássaros na roça e das últimas refeições nos dias de muito calor. Ficar na varanda de casa ouvindo as diversas histórias das travessias de boiada que o pai fazia, histórias da guerra do Paraguai, ouvindo o canto do urutau e pela manhã a seriema cantando no campo.

Essa vivência diretamente conectada com a natureza reforçava cada vez mais a importância e a valorização do costume do povo que saiu da terra, Terena, daquele que tem por suma importância a ligação com *Poké'e* (Terra). A forma como meus familiares, especificamente meus pais, tratam e respeitam a natureza está presente na forma como os mesmos contemplam a natureza e como a sensibilidade apurada percebe o que o canto de determinado pássaro significa e é reconhecido como “olha os avisos”, a natureza e suas formas de comunicação, como o que pode vir acontecer podendo ser bom ou ruim, dependendo do canto e de qual espécie de pássaro. Reforço que nesse imaginário Terena, cada espécie de pássaro, árvores, animais silvestres são vistos como mensageiros de algo, uma espécie de intuição.

O tempo passou e comecei a perceber, então, o quanto a vida estava ficando difícil e se eu quisesse continuar estudando, não daria pra ficar ali na aldeia, chegaria o momento da partida, eu queria ir, mas ficava triste por deixar a família.

Minha saída da aldeia tinha o objetivo de encontrar meios para, no futuro, ter uma vida melhor. Sempre fui incentivada por meus pais a estudar, pois os mesmos sabiam da importância do estudo na vida de uma pessoa, ambos possuem o Ensino Fundamental incompleto.

O momento chegou. O ano era 2002 quando vivenciei a sensação da despedida e ficar sem os pais, sem os familiares, os cheiros da manhã, o cantarolar dos pássaros. Eu sabia que seria estranho e de fato, o meio para o qual eu fui foi totalmente novo, era a primeira experiência com o mundo desconhecido e diferente. Os sentimentos se misturavam como o medo, a insegurança, o incerto, o novo e o cheiro já não eram o mesmo, agora havia outros ruídos outros sotaques, outros códigos de comportamento.

No mês de junho de 2002 recebi a oportunidade que foi ofertada por um grupo de missionários da igreja Batista da Lagoinha de Minas Gerais, em Belo Horizonte, que me ofereceram uma vaga pra estudar em um Centro de Treinamento Missionário - CTMDT e precisavam que fosse alguém que tivesse concluído o ensino médio, e naquela época eu havia recém terminado o meu.

Meu avô que era o pastor e líder da comunidade, uma pessoa muito sensata me orientou a tentar e ver essa oportunidade que havia chegado. Então, eu e ele viajamos para o estado de Minas Gerais, no mês de julho.

Eu não tinha certeza se era aquilo que eu queria, mas fui em busca da oportunidade de estudar, meu avô ficou comigo uma semana para conhecer o lugar e depois retornou para comunidade. Tudo era novo e assustador, eu fiquei no internato por dois anos e essa fase foi importante pra que eu tivesse a certeza de que precisava estudar, não me importando com as dificuldades para a compreensão desse meio que era muito estranho. Concluí o curso no ano de 2004.

O tempo que estive em Minas Gerais foi o período de perceber e sentir outras realidades. As celebrações, as festas, os horários estabelecidos pra tudo, o tempo corrido, as pessoas não olhavam direito umas nas outras. Nas primeiras horas da manhã na aldeia é o momento que temos pra organizar o que vamos fazer naquele dia, na cidade é cronometrado o tempo do café da manhã, para não perder os segundos das atividades seguintes.

O período de adaptação foi o mais dolorido, solitário, pesado, sufocante, desesperador, mas com um pouco de paciência e a confiança de que tudo ia passar, pois Deus faria algo que eu ainda não compreendia. Os meus dias eram contados e recontados diariamente como forma de diminuir toda essas sensações na expectativa das férias e poder retornar pra aldeia.

Nos retornos e distanciamentos que tive que fazer, o que ajudou muitas vez foi o que vô Reginaldo dizia “pra você entender o que o branco quer falar, não pode pensar como nós, por que eles pensam diferente, mas tem que aprender o que eles sabem pra poder ajudar

nossa comunidade” e cada vez fica mais claro esse ensinamento do Vô Reginaldo, pois o caminho do aprender não indígena é a partir de rotina, disciplina, método. O processo de aprendizado nas comunidades indígenas parte da vivência nas redes de relacionamentos do cotidiano, sem muita opressão e pressão.

Naquele momento da minha vida em que o meu avô Reginaldo disse essas palavras, não estava nada claro e muito menos eu entendia a totalidade do que estava sendo dito, é evidente que era de forma inconsciente, porém, com um peso e uma profundidade de um saber inquestionável sobre a vida, ele estava orientando o que posteriormente viria a ser um ponto importante no desenvolver das vivências que eu experienciaria.

O que quero destacar é que na simples fala do meu avô, ele traz elementos que a antropologia auxiliaria muito nas reflexões entorno da “noção de pessoa” baseado especificamente no que propõe Seeger, Da Matta e Viveiros de Castro (1987). Trata-se da percepção de olhares em que propunha percursos importantes, principalmente ao discorrer a concepção e a condição do autor, visto que, trata de um desafio de acesso a dois mundos, que surgem de variadas percepções, sensações, emoções.

O processo de ir e vir desses mundos de construções variadas e simbolicamente únicas está presente em muitas vivências de indígenas que saem do seu lugar de conforto e passam acessar por um tempo um lugar do desconforto, principalmente as formas organizacionais que se diferenciam com seus processos históricos de informações específicas que vão sendo construídos, estabelecendo limites, referências.

Dumont (2003) em suas reflexões e observações na sociedade indiana ampliou a discussão “indivíduo na sociedade ocidental” a partir da vivência que seus interlocutores experienciam e a forma de reivindicar sua ideia de pertencimento local, do pertencimento da parte pelo todo. Hoje compreendo a fala do avô Reginaldo e o peso que estava colocado sobre os dois mundos, visões, jeitos, organizações opostas, era então, necessário compreender o “nós” e “eles” e vice versa. “Pensar como nós” associa os códigos, maneiras e a noção de tempo que se forma ou melhor que se processa o tempo da vivência, atividades do dia a dia e as distribuições de afazeres.

Como havia conhecido muitas pessoas no internato, um ano depois recebi um convite de uma professora de missiologia, Eloni Rosa, que havia ministrado aulas de antropologia missionária. Sua aula me chamou muito a atenção, de como ela falava das diversas formas de agir de diferentes sociedades, a afinidade com o assunto despertou dentro de mim a curiosidade do que de fato seria isso.

No ano de 2005, no mês de agosto fui para o Rio Grande do Sul a convite dessa professora pra conhecer a cidade e fazer o curso de antropologia, mas quando lá cheguei não havia o curso específico e sim o de Ciências Sociais que abrangeria a área que eu tinha interesse, mas que só havia em Santa Maria, em uma cidade diferente da que eu estava e a faculdade era particular. Então, comecei a trabalhar em um restaurante nos serviços gerais para pagar um cursinho e prestar o vestibular, uma sobrecarga intensa, pois o custo de vida era muito alto. Após seis meses, retornamos para Belo Horizonte para trabalhar na igreja onde congregávamos, nesse espaço de tempo fiquei fazendo diversos cursos de capacitação que eram ofertados pela igreja.

Chegou um tempo em que pensei não fazer mais nenhum curso superior, mas ganhei uma bolsa de estudos em um cursinho e no segundo semestre de 2008 me inscrevi no vestibular de Ciências Sociais - Bacharelado na PUC-Minas Coração Eucarístico, foi algo que eu não imaginava que conseguiria.

Em agosto do mesmo ano comecei o curso, mesmo sem bolsa, pois não havia me inscrito no Enem naquele período. Não foi fácil, pois teria que pagar o curso, eu era a única indígena da turma e as questões indígenas não tinham muito crédito naquela universidade, vivenciei variados olhares de diversas formas, uns de admiração, outros de espanto e outros de descrédito. Esses olhares vinham tanto de colegas de sala de aula quanto de professores.

Lembro-me de um dia em que a professora de Política I pediu que eu lesse o resumo dos clássicos, Tomas Hobbes e Maquiavel, me senti humilhada na frente de todos pois, eu não dominava as linguagens da Ciência Sociais e era muito tímida. Ela olhou pra turma e pediu para que eu parasse a leitura, pois estava horrível e perguntou: — De onde você saiu com essa fala truncada e sem nexos algum? Foi um dia horrível, pensei que realmente ali não seria o meu lugar, uma vez que tudo era difícil, minhas notas despencavam e eu me sentia desencorajada.

Buscando informação na assistência social da faculdade me inscrevi em diversos estágios em busca de bolsas de estudo. Consegui desconto de 30% da faculdade e com a graça de Deus fui contemplada em um estágio na área de gestão de projetos – GPI, na Assembleia Legislativa/MG, que também foi outro mundo que estava acessando, não tinha domínio algum de tecnologia e nem tinha celular, não entendia nada do que se falava, pois a forma como se falava era bem formalizada, a polidez no comportamento, me assustava, era um choque atrás de outro.

Tive que procurar um cursinho que a prefeitura de Belo Horizonte oferecia em um preço mais em conta para aprender o mínimo de acesso a computadores, visto que nem

ligar um eu sabia. Graças a Deus tive pessoas no estágio onde trabalhei que foram muito compreensivas nas minhas limitações e me deram um apoio técnico e eu estava disposta a aprender tudo que me era ensinado. Eu era encarregada de organizar diversos arquivos que eram utilizados em vários encontros e fóruns de diversos temas em diversos municípios. Foi um ótimo aprendizado.

O período de estudo que tinha era muito curto, pois pela manhã ia pra faculdade e a tarde para o estágio e eram lugares muito distantes um do outro e para chegar em casa. O tempo livre para leitura e de estudo estavam cada vez mais curtos, peguei dependência em algumas disciplinas no primeiro semestre. As coisas foram ficando difíceis, então tive que diminuir as disciplinas pra conseguir pagar a faculdade e chegou o momento que já estava insustentável continuar.

Minha irmã Rejane Miguel da Silva que já estava na UEMS fazendo enfermagem, ingressou na primeira turma de indígenas pelas cotas, me informou que havia ouvido falar do curso de Ciências Sociais na UFGD, então me inscrevi no vestibular que aconteceu no final de 2009, justamente quando meu estágio havia finalizado, fui aprovada e iniciei o curso em 2010. Ao chegar recebi muito apoio da minha irmã e do meu cunhado Rosaldo Albuquerque que também era estudante do curso de biologia na UEMS e professor das séries iniciais na escola Francisco Meirelles. Iniciei então o curso de Ciências Sociais na primeira turma de licenciatura no mês de fevereiro, nesse período, minha irmã havia finalizado seu curso de enfermagem na UEMS e estava à espera de um trabalho.

Nesse mesmo ano eu já fazia muita substituição quando solicitada na escola Municipal Francisco Meireles para vários professores, de diversas áreas e também na escola Municipal Tengatui Marangatu, deixava meu contato na secretaria da escola de forma que quando os professores precisassem de substituição no período vespertino, me acessavam.

Quero frisar que ao ingressar no curso na UFGD foi muito diferente do período experienciado na Pontifícia Universidade Católica Minas do Coração Eucarístico, visto que, era a primeira turma de licenciatura, então havia uma expectativa muito grande de como seria, as discussões eram de outras abordagens, o incentivo dado pelos professores era de muito estímulo, eu saía das aulas encorajada, o que foi reforçando cada vez mais o meu desejo de caminhar na antropologia e que me levou a arriscar a primeira iniciação científica no segundo ano com o professor Rodrigo Simas, cujo tema foi o lixo na aldeia Lagoinha que apontou o exercício de olhar pro local familiar, mas de forma crítica e o processo que as aldeias viriam a sofrer na forma de descarte e os impactos ambientais.

Assim que finalizou essa iniciação científica, entrei no PIVIC – programa voluntário de iniciação científica, em uma oportunidade para conhecer o trabalho desenvolvido pelo professor Jorge Eremites na Terra Indígena Buriti, nas festas de São Sebastião junto com Rafael Allen, colega de turma, quando então, pude conhecer outros parentes Terena e a forma de organização social e toda mobilização entorno dessa festa que também é familiar e onde se percebe bem o quanto e como essas famílias terena tem sua forma peculiar de se organizar no período de celebração. Simultaneamente a esse período, iniciei um estágio no arquivo da História, no Centro de Documentação, mas fiquei por pouco tempo, pois na metade me inscrevi e ingressei no PIBID – programa institucional de bolsa de iniciação à docência. Foi então, quando de fato passei a olhar à docência com mais aplicabilidade.

Os colegas, a amizade no estudo me proporcionaram um incentivo e busca pelo conhecimento ainda mais, pois, traziam em suas contribuições o despertar para o novo, o acesso aos professores, a abertura, foi importantíssimo na construção de um aprendizado aguçado. Estar nas aulas e participar das discussões, as abordagens em várias temáticas que o PIBID trazia nas salas de aula que na maioria das vezes eram polêmicos. Lembro o quanto causava estranhamento em alguns alunos no ensino médio na cidade quando eu iniciava a fala sobre diversos temas como violência contra mulher, a semana dos povos indígenas. Só o fato de uma indígena abordar esses assuntos já levantava burburinho e presenciei diversas reações que me levavam a preparar o melhor que eu podia dizer e se tornou um prazer, pois havia uma compreensão e eu já não me sentia tão diferente como me sentia na Pontifícia Universidade Católica/Minas.

O engajamento nos movimentos estudantis também contribuiu, pois, abriu horizontes e fortaleceu a busca por direitos. Estive também empenhada na elaboração de diversos eventos que o curso de Ciências Sociais na UFGD proporcionou.

Minha irmã Rejane e o meu cunhado Rosaldo tiveram que se mudar para Campo Grande, pois havia conseguido um emprego e passei dividir uma quitinete, um tipo de república de estudantes, com outras colegas, mas à medida que as colegas se mudavam eu fui ficando sem condição de me manter, pois, tinha apenas bolsa do PIBIC e o vale alimentação.

Nesse momento conheci a pessoa que passaria então a fazer parte da minha vida, um companheiro de caminhada, no princípio eu já havia desistido de constituir família, mas na viagem da vida existe surpresas, e o Nilcimar foi uma dessas, foi sua postura de determinação que despertou o meu interesse percebendo que poderia dar a chance de conhecê-lo, seu apoio foi fundamental para o momento que eu estava passando, quando

percebi já estávamos fazendo planos de vida a dois, mas para depois da conclusão do curso que ainda faltavam dois anos.

Me manter na cidade de Dourados estava cada vez mais difícil, como já conhecia a família do Sr. Guilherme, liderança terena bastante respeitada, expus a situação que eu estava vivendo, ele e sua família foram compreensivos comigo, me acolheram e receberam em sua casa, tive o privilégio de conviver com sua família e sou muito grata por me auxiliarem e principalmente o suporte em todas as áreas da minha vida, foi essencial para a continuação nos estudos.

Passados quatro meses morando na residência do Sr. Guilherme, fui contemplada com a moradia estudantil da UFGD, dividindo a casa com mais cinco pessoas de diversos cursos. A princípio foi muito confuso pois era o começo, mas com o passar do tempo as coisas foram se ajustando. Nesse período os trabalhos no PIBID ficaram mais intensos nas intervenções em sala de aula com as turmas do ensino médio, foi então que percebi que era um público que eu interagia melhor e me exigia um certo empenho, pois me parecia desafiador.

Chegando no final do curso no ano de 2014, em junho, já estava trabalhando na escola Municipal Indígena Ramão Martins como a disciplina de Terena e História do Brasil, a qual trabalhei até 2015. Tive a oportunidade de aperfeiçoar a prática da didática do professor e então perceber que estar em sala de aula é cansativo, mas desperta a busca por inovação e conhecimento, pois a demanda é grande e as limitações são reais e intensas.

No mês seguinte, dia 12 de julho, tivemos um momento simbólico, meu casamento tradicional com dança “*siputrena*” e o “*kohixóti Kipaé*” (dança da ema) ou bate-pau na comunidade onde cresci *Kali - Lavona* (Lagoinha) e o momento de meu casamento religioso na Igreja Indígena Batista de Lagoinha.

O primeiro momento da celebração foi pela manhã, sair pra me pintar e preparar a roupa tradicional que havia sido confeccionada pelas minhas primas que cuidaram de todos os detalhes, da escolha das sementes e dos desenhos, as grafias que são usadas nas roupas femininas. A festa foi marcante por que teve a participação de todos, os colares que a mãe preparou, o cocar que foi usado, foi de um admirável empenho de todos os familiares.

Meus irmãos, primas e tias começamos a preparar se pintando e a usar as vestimentas tradicionais de festa Terena. As mulheres com roupas de juta e os homens com os adornos e saias feita de pena de ema, também fizeram suas pinturas corporais em celebração a um momento importante.

Quando eu e o meu noivo já estávamos devidamente ornamentados, chegou a hora de encontrarmos com as famílias, assim eu saí de um lado, com meu pai, minha mãe e os demais familiares já dançando a dança feminina “*siputrena*” e ele saiu de outro lado da aldeia com os familiares dele também que vieram dançando como os demais homens acompanhando-o. E o sinal do encontro que já havia chegado o momento foi dado, o sinal com fogos de artifício, assim todos os convidados já estavam na expectativa de iniciar o casamento tradicional no barracão feito de palha que fora feito pelos familiares e amigos como forma de receber os convidados que sabiam que a festa ia começar.

Havia uma expectativa de familiares e dos presentes, iniciou então o segundo momento em que tias e as anciãs da comunidade apareceram fazendo um canto espontâneo de benção sobre o nosso casamento. E indescritível esse momento, foi inevitável conter as emoções pois simbolizava o melhor que podíamos receber de presente, são as mais sinceras e verdadeiras palavras externadas da parte delas, nos olhares aconchegantes e na própria fala, o quanto desses tem sido cada vez mais escassos, pois já não se ouve esse cantar há tempos.

O terceiro momento foi o de brincadeira que simulava a necessidade de o noivo passar por algumas provas, como cabo de guerra, provar um pedaço de carne da cabeça da vaca e todos os presentes estavam eufóricos na torcida para que o noivo concluísse as etapas.

Depois de acalmados os ânimos, iniciou o quarto momento do casamento, são os procedimentos direcionados pelo chefe de posto indígena que realiza uma cerimônia para o registro que fica validado a união na aldeia, certidão de casamento indígena assim chamada, encerrada toda essa parte.

A quinta parte foi o esperado almoço servido para todos os presentes coordenado pela minha mãe, tias, tios, irmãos, irmãs, primos e primas, pois toda a comunidade de Lagoinha havia sido convidada, era uma grande quantidade. Foi oferecido comida comum do dia a dia, mas acompanhada de um bolo tradicional feito de mandioca, ralado e depois amassado e prensado para retirar o excesso de líquido e envolvido em folha de bananeira e posto para cozinhar, o *Hihi* (significa bolo de mandioca), servido desde o café da manhã às grandes festas, o que muda são os acompanhamentos: de preferência carne seca ou outras mais temperadas pra acompanhar. Mas, isso só foi possível pelo empenho intenso dos familiares.

Assim, o pessoal da cozinha que era predominantemente mulheres já estava no preparo desde a madrugada do dia 12, para deixar tudo bem gostoso. O que seria oferecido era a mandioca (*xúpu*), o preparo do arroz (*nakaku*), macarrão (*mangarão*) e feijão (*peixau*),

além do *hihi* e a salada que acompanham o churrasco que o preparo ficava ao cargo dos homens, desde o abate até momento de assar.

Nesse espaço percebe-se o quanto o papel das mulheres é importante na manutenção de práticas de sociabilidade. O espaço feminino, que aparentemente se dá apenas para o preparo dos alimentos, tem um poder de influência muito grande, inclusive na propagação da cultura tradicional.

A última parte, finalizando a comemoração do casamento na aldeia, foi no período da noite em que se realizou o casamento religioso na I Igreja Indígena de Lagoinha novamente, todos os convidados e a comunidade compareceram e logo depois foi servido um jantar feito pela família do noivo, com o tradicional pirão e galinhada que são servidos nas festas na aldeia Jaguapiru em Dourados.

Passada a festa, decidimos retornar para aldeia na região de Dourados e passando quatro meses de casados tivemos a emocionante experiência da gestação do Augusto Hoyeno'o que significa homem consagrado. O processo de cuidados foi redobrado pois, logo no começo da gestação houve complicações, assim, tive o acompanhamento de atendimento no posto e com a medicina tradicional, com banhos de casca de aroeira e a situação foi contornada.

Augusto nasceu no dia 17 de Julho de 2015, em um dia gelado e transformou minha forma de ver as coisas, e o significado da vida ampliou para além de mim, pois o “ser mãe” e ter a possibilidade de contribuir diretamente na vida de alguém que acabou de chegar e requer a atenção necessária, como o cuidado com o umbigo, a amamentação, a alimentação precisava inteiramente da minha dedicação, assim percebi que os estudos podiam aguardar um tempo até que ele pudesse depender um pouco menos de mim.

Nessa fase de cuidados com a criança era de suma importância o apoio familiar, o que se pode ou não ser feito, o banho como deve ser realizado e para isso a voz de alguém mais experiente é imprescindível para que houvesse conexão de mundos, como a chegada de alguém que no caso era o Augusto e que me apresentava a realidade da maternidade.

Eu recorria aos ensinamentos da minha sogra que estava mais próxima de mim e de minha mãe através das ligações pelo celular, devido à distância, quando surgiam dúvidas de como tratar e qual o melhor chá para determinadas dores, cólicas, excessos de choro, ou o cuidado com o espírito da criança para que espíritos maus não a perturbasse. Um exemplo seria evitar o excesso de choro no final da tarde, pois é uma hora mais sensível da criança, evitar amamentar na direção do sol para evitar que a criança fique manhosa, jamais deixar

as roupas do bebê no varal, recolher brinquedos e pertences dessa criança, pois tais espíritos maus poderiam usufruir desses objetos. Enfim, eram orientações que eram muito cobradas.

Tal realidade experienciada abriu possibilidade de me tornar uma pessoa melhor, pois percebi que deveria ampliar as conexões de informações para que assim pudesse apresentar ao meu filho melhores escolhas diante da vida e que pudessem auxiliá-lo enquanto um indivíduo, e que pudesse valorizar a etnia a qual pertence e que possui. Desafios frente a realidade que o cerca, mas que podem se tornar uma pessoa mais acessível, sensível, flexível e principalmente que aprenda o caminho do respeito e que existem valores diante da vida e que o mesmo possui seu valor. O aprimoramento de cuidado enquanto mãe não foi nada fácil e simples como aparenta ser, pois a maternidade é um doar-se imprescindível e um abnegar-se de vontades por um período, e treinar empatia, paciência, o domínio próprio, um ser de longanimidade, a mansidão, enfim, cada ano que se passa percebo outras virtudes que ainda me faltam, mas, que só foram percebidas com a chegada de um filho.

Toda essa trajetória levou-me a perceber que minha atuação em sala de aula poderia ser aprimorada, pois, oportunizou formas diretas e indiretas em situações que pudessem auxiliar e estimular jovens e crianças nos estudos. Vejo que isso tem contribuído, posto que, propiciou as pessoas o retomar os estudos e estão hoje se profissionalizando em cursos técnicos e outros nas universidades. Ao perceber isso acontecendo, surgiu um incômodo e vi que era hora de retomar os estudos, pois, aprimorando meus conhecimentos poderia melhorar a minha contribuição com o meio social onde eu atuo enquanto professora.

Presenciei em sala de aula que meus alunos precisavam de um estímulo e expectativas de vida, embora minhas aulas fossem poucas, poderia dar uma boa aula que pudesse servir de apoio e abrir possibilidades na forma de ver, pelos estudos que poderiam conseguir atingir melhores condições que atualmente estavam sendo vivenciadas por alguns alunos, isso me deu um ânimo, creio que tudo isso abriu a minha mente em busca de mais conhecimento.

Assim, me inscrevi no processo seletivo no final de 2018 para iniciar em 2019 no mestrado na UFGD, no fim do expediente do trabalho uma colega me perguntou se eu sabia do resultado, pois a mesma havia visto o meu nome. A sensação de ter sido aprovada foi indescritível, pois, o período de preparação tinha sido bem curto e intenso varando o dia estudando e trabalhando, pois, meu tempo era bem limitado. Me emocionei de alegria e agradecendo a Deus, pois sabia que era quase impossível, a meu ver, passar na seleção.

Em março de 2019, iniciei o mestrado no mesmo período em que meu filho foi pra escolinha, foi desafiador, pois muitas vezes tive que levá-lo comigo nos dias que havia contratempo, saía de casa bem cedinho e na maioria das vezes chegava só às dez da noite. Uma rotina que exigia muito e que eu estava gostando, porém não produzia tanto quanto eu queria de ambos os lados, casa, escola e as leituras dos textos ficam sempre a desejar, embora acordasse as quatro da manhã pra ler o que era possível, intercalando com o planejamento de aulas e o que podia adiantar nas tarefas de casa.

Fim dos créditos, concluídos com muito sacrifício, já no início de dezembro comecei então a organizar pra iniciar o campo de pesquisa que seria na Terra Indígena de Buriti, assim com o meu orientador que naquele ano era o professor doutor Levi Pereira, fizemos a primeira viagem juntos a campo, ficamos hospedados na casa de familiares da esposa do orientador e chegamos em um momento que estava acontecendo muitas atividades simultâneas, visto que era final de ano. Assim, mudamos o olhar do trabalho, pois a própria dinâmica da aldeia propiciou isso.

Ao retornar dessa viagem de campo, já iniciei os preparativos para um próximo passo que seria em janeiro de 2020, estava tudo combinado para que eu retornasse a campo, quando nesse período meu pai teve complicações de saúde e fui acompanhá-lo em um tratamento na cidade de Campo Grande, em que ficou internado até apresentar melhoras. No final de fevereiro, quando recebeu alta, retornou para Terra Indígena Taunay/Ipegue na aldeia Lagoinha e eu retornando para Dourados organizei novamente pra retomar a pesquisa em março. Justamente no período que iniciaria novamente o campo foi o período que iniciou a pandemia do Covid-19 que nem imaginávamos que mudaria muitas coisas e situações e que se estenderia por um longo processo

Como o período de pandemia foi se estendendo e intensificando o contágio a larga escala, decidimos focar o desenvolvimento da pesquisa na aldeia Jaguapiru. A princípio, seria a formação das famílias terena que se consolidaram ao longo tempo e o espaço que foi sendo afetado e afetando todo local multiétnico. Iniciei a conversa com o Guilherme Valério e Maurícia sua companheira, ambos vindo da região da Terra Indígena Taunay/Ipegue da aldeia do Bananal. Fazendo uma ressalva que essa família me acolheu em um momento que eu precisava de um lugar para ficar pois, estava esperando a chamada para a casa de estudante da UFGD e esse apoio foi fundamental na minha vida de estudante e como pessoa, me ensinaram com a própria vivência a simplicidade da vida e o respeito com aqueles que são diferentes de mim.

A rotina diária do Sr. Guilherme era acordar muito cedo, sempre preocupado em organizar os afazeres, começando com o que chamo de “tradição de casa terena” que é com a limpeza do quintal da casa, e depois que terminava descansava um pouco e logo recebia pela manhã filhos, netos, toda a família e depois procurava capinar entorno da casa, pois toda sua vida sempre trabalhava com plantio de roça, roçando, arando, plantando e colhendo. Era o que gostava de fazer, porém com as forças já limitadas pela idade e contrariando muitas vezes orientações médicas que o proibiam de capinar, sempre teve o contato com a terra e a natureza, estavam conectados. Ele e sua companheira gostavam de contar como foi a construção de casa quando aqui chegaram, as camas de tarimba, mas que eles mesmo faziam e o colchão de sapé, o preparo da comida em torno do fogo, pois aqui se fazia mais frio do que a região de Taunay. Segundo Sr. Guilherme tudo que aqui se plantava, aqui se colhia de tão boa que a terra era, essa terra trazia muitas expectativas boas pra iniciar uma vida melhor no estudo para seus filhos quando aqui chegaram.

Sua profissão de fé era levada com muita dedicação pois, como ele mesmo dizia, devemos sempre fazer tudo que for possível e tiver ao nosso alcance e aquilo que nos chegar a mão dando o melhor que puder. Sr. Guilherme exemplificava isso nas diversas funções que desenvolveu ao chegar na Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa, na aldeia Jaguapiru, relembra de seu pai que trabalhava muito pra dar o alimento necessário a eles e incentivava a possibilidade de estudo para os mesmo, não podemos esquecer do esforço para organização da construção do “barracão” e a mobilização dos familiares, amigos que aqui já residiam nesse projeto, como o mesmo chamava carinhosamente, e que com sua capacidade de gestor diplomático fundou e organizou a I Igreja Presbiteriana Indígena.

O plano de Deus é muito seguro e muito abençoado, não é como o plano do homem, só um pouquinho e já acaba, mas pra Deus continua, eu trabalhei só na igreja, trabalhei no Bororo dois anos, aqui na aldeia fazendo visita e convidando pra igreja, na missão trabalhei dois anos cuidando as pessoas doentes, como a gente cuida, cuida, fala com as pessoas doentes, tem que falar com amor não pode falar pesado, duro, falar manso, com paciência, com alegria, foi dona Loide que me ensinou. (Entrevista Ancião Guilherme Felipe Valério, Arquivo pessoal, 05/07/2020).

Sr. Guilherme deixou sua marca na comunidade como líder espiritual, como pai de família, um forte representante da tradição no jeito Terena de ser terena, contribuiu com o que era proposto a ele desde que aqui chegou com sua família, passando a ser uma referência pra todos Terena que vinham de outro lugar, sempre procuravam-no.

Em julho do ano de 2020 fomos surpreendidos pelo caótico momento pandêmico e a família do Sr. Guilherme, toda, foi acometida pela COVID-19 e infelizmente Sr. Guilherme, sua esposa Maurícia e seu filho Josias Valério foram internados com o quadro grave, enquanto os filhos Gerson Valério e Edio Valério lutavam contra as complicações da doença, os demais familiares prosseguiram na quarentena em casa.

Um mês antes, 100% da minha comunidade de origem foi acometida por essa terrível pandemia, no dia 22 de junho começou uma sequência de óbitos, das aldeias da Terra indígena Taunay/Ipegue. Foram dias dramáticos pois familiares e conhecidos todos vivendo dias de luto, mas nem pensávamos que ainda estava apenas começando a sequência de casos, o que só aumentava o pavor, a incerteza e a insegurança, só cresciam.

Ao chegar no mês de agosto tivemos a triste notícia dos falecimentos do Sr. Guilherme Valério, sua esposa Maurícia Felipe Valério, seu filho Josias Felipe Valério, o que acentuou ainda mais a profunda tristeza, foi doloroso como um turbilhão de perdas, familiares, conhecidos e amigos. Infelizmente, o acúmulo de acontecimentos dolorosos foi produzindo um desânimo descontrolado e eu não conseguia mais fazer as descrições, as entrevistas e a necessidade do isolamento só acentuou e o sentimento de fracasso me aterrorizava, era como se as forças e a vontade já não tinham tanto entusiasmo.

No fim do semestre de 2020, meu corpo teve diversas reações, o que passou a fugir de controle e assim procurei ajuda médica e no meio de tantas consultas e reflexões parecia que o mestrado já havia perdido o brilho de concluí-lo, era um esforço que a meu ver nem deveria ter iniciado. Porém, o início de 2021, com ajuda de amigos comecei um tratamento medicamentoso e fui aos poucos desacelerando a mente e redefinindo muita coisa dentro de mim e a importância da conclusão do mestrado retornou, mas o tempo começou a ficar bem curto.

Tive sempre a orientação do professor Levi que, muito compreensivo, tentando no que pode me ajudar, mas eu não compreendia que esse processo de recuperação não seria tão rápido, havia muita oscilação, lidar com fracasso físico, emocional e mental desestruturou tudo, assim precisava redefinir a vida, o estudo, a família, o trabalho, filho, companheiro e terminar essa etapa de um estudo que mudou. Fui aos poucos trazendo novos sentidos, foi como uma criança que estivesse aprendendo a andar, que ao cair, dói, mas que ao dar o primeiro passo insiste no segundo. Esse retorno aconteceu, mas o prazo de limite já estava chegando, enfim meu orientador na época com muita sabedoria disse que não seria possível qualificar a tempo.

O Prazo de inscrição para turma de 2022 ainda estava aberta, foi então que reformulei o que havia escrito com muito esforço e me inscrevi na seletiva novamente, assim fui aprovada e no ano de 2022 reiniciei todo o processo de realização de créditos. Agora com novas perspectiva de estudos, mas com a mesma carga de trabalho de mulher comum que trabalha, cuida de casa, como professora prepara as aulas, atende alunos que precisam de algum apoio, que tenta socializar na medida do possível.

Pra iniciar a etapa de vindas e idas de variados temas, gostaria de frisar que meu orientador Levi Pereira Marques que já está em processo de aposentadoria é muito sábio e me deu uma direção e fizemos a troca de orientação e passei a ter como orientadora Lauriene Seraguza que em uma conversa informal, abordou um ponto que estava despercebido e começou um processo de novas reflexões, sem deixar o que já se tinha iniciado, vamos tentar explorar esse pequeno traço da existência do povo Terena, que é a circulação das mulheres, que pode e vai adentrar espaços que também já são conhecidos mas, que é valido ressaltar a importância desse conjunto de conexões que é a vida.

Com bases em pesquisas etnográficas de século XIX, é possível averiguar que os Terena estiveram nas margens ocidentais do Rio Paraguai, esse deslocamento desencadeou a junção com a sociedade não indígena, principalmente na Guerra da Tríplice Aliança que trouxe uma maior fragmentação às comunidades, o que ocasionou a introdução de novos hábitos e costumes (PEREIRA, 2009). Trouxe variados movimentos, um exemplo seria o de sair de casa para estudar, para trabalhar se abstendo por um tempo do espaço da casa e migrando para variados espaços e circulando em lugares que não era permitido, buscando a reconstrução de pontes de acesso com o ato capaz de ir e vir, sem perder esse “território”.

Mudanças e contratempos na escolha do tema seria uma gestação de complicações, posto que, precisou atenção redobrada e o retorno da trajetória foi necessária para perceber que o “*kixou itukeo terenóe*” está presente e que só é possível existir devido a correlação com a existência do território que é possível constituir o sentido e o respeito dado a natureza e o quanto se compreende desse universo diverso, tanto de biodiversidade e o quanto de culturas contribui para o conhecimento tradicional e científico.

Hoje o fato de ver o estudo como provocação e um desafio que aponta pra diversas possibilidades e uma delas é fazer algo pra sair da onde estagnei, mas não de forma opressora, mas que induz a conversão de rota que amplie a possibilidade de ser um humano um pouquinho melhor do que tenho sido, deixar de ser menos egoísta e perceber que o outro eu temos muito a crescer com responsabilidade de abranger espaços que sozinha

demora muito e se cansa rápido, porém, acompanhada e possível chegar mais longe. Representa um texto sendo construído e redigido com todas implicações.

Organização da Dissertação

O estudo sobre as narrativas das mulheres Terena do Mato Grosso do Sul, se desenvolveu destacando a circulação e principalmente a resistência do conhecimento sobre o povo Terena, julgando pertinente destacar que o fluxo dessas mulheres em variados espaços, em que, as mesmas desempenham suas profissões, estudos e se transformam e também transformam várias realidades sendo na cidade ou na aldeia .

Para tanto o desenvolvimento e organização do trabalho se deu em três capítulos aos quais discorreremos a formação social, a cultura terena, processos históricos, festas, fé, a mulher e a estrutura do meio social e familiar, realçando narrativas, tradições, e a valorização de cultura Terena potencializando o espaço da ancestralidade ampliando e compartilhando saberes.

O primeiro capítulo - Os Terena em Mato Grosso do Sul, traz uma questão introdutória para apontar os variados momentos estabelecendo um contexto histórico, especificando através de um panorama geral a estrutura social e cultural. Um outro ponto discorrido foi para destacar a resistência e as transformações vividas nas famílias Terena que pelo meio social, ambiental de algumas regiões constroem o *“jeito Terena de ser”*. Foquei em apenas algumas famílias, na Terra Indígena em Dourados, Buriti, Taunay e de alguns espaços em cidades que ampliaram e desenvolveram seus modos de vida frente a inúmeros impasses.

O segundo capítulo – Trajetória e Circulação das mulheres Terena no Mato Grosso do Sul, apresenta histórias de mulheres em diversos espaços, e apenas algumas dentre muitas que saem de seu território de origem e vão para outros e com sua vida tornam -se o território de conhecimento Terena, expandem consciente ou não, pois o modo de vida é ligado a sua história e do seu povo. Para tanto, o objetivo desse capítulo foi o de demonstrar a importância dessa mulher na propagação de códigos culturais no meio social a qual vivencia e que os relatos de vida apresentam a compreensão da dimensão social.

Diante das trajetórias apresentadas nesse capítulo e a representação da luta de inúmeras mulheres indígenas, que transpõem morros, muros existenciais que levam e

semeiam onde perpassam a valorização cultural, mesmo diante de inúmeras transformações na sociedade nacional. É perceptível que de alguma forma a trajetória dessa mulher Terena se sintoniza com essas modificações em diversas áreas que proporcionam abertura na política, em cargos administrativos, cargos de servidores públicos etc... Retomando a décadas atrás em que esses espaços eram majoritariamente de homens que monopolizavam a atuação, porém as mulheres passaram a se escolarizar e com isso assumem espaços de chefia e passam a territorializar.

O terceiro capítulo – Mulheres Terena, acreditamos que as características da “*Sêno Terena*” elementos presentes na cultura não verbalizada como a dança realizada pelas mesmas trazem consigo dinâmicas de percepção e da construção da “*identidade*”, como um todo. Tais dinâmicas se apresentam em comportamentos que são aprendidos pela vivência, sendo por tanto ensinados e que se manifestam nos espaços da espiritualidade, da organização das festas e na oralidade dessa mulher, podendo ser internamente e externamente, na prática das atividades ou tarefas realizadas, demonstrando a habilidade nas variadas funções por elas realizadas. A participação da “*Sêno Terena*” amplia o cenário nas últimas décadas frente as comunidades, falando, externando, buscando, articulando, melhorias desconstruindo parâmetros preestabelecido que impulsiona a autenticidade e valorização dessa mulher no meio social, economico, político, cultural e espiritual.

Durante a elaboração desse trabalho recorreremos as ferramentas que melhor possibilitaram realizar as reflexões sobre a “*noção de pessoa*” e a construção dessa mulher Terena e o meio social que estão profundamente ligados, recorreremos a importância de ouvir o “*outro*”, porém esse outro teve que ser estranhado, pois a autora faz parte desse meio, e precisou recorrer inevitavelmente a revisão bibliográfica, o método da história oral e da história de vida que auxiliaram muito no processo de estruturação da reflexão, recorri a noção de “*tronco familiar*” abordado pelo referencial Pereira (2009), a pesquisa de campo foi fundamental e indispensável, recorrer a etnologia que proporciona o ambiente familiar, um entendimento mais amplo do que até então se experienciava.

Segundo Strathern (2014) “*autociência*” demonstra o ponto de vista do nativo ou aquela feita em casa com a noção de tornar mais consciente de si mesmo ao aprofundar o conhecimento de sua própria sociedade, uma maior reflexividade que leve a consciência crítica, para que todo conhecimento observado traga contribuição, ou seja, perceber a importância produtiva do conhecimento adquirido na pesquisa.

Os métodos antropológicos acessados contribuíram para realização reflexiva de um processo de conhecimento sobre o povo Terena, mas que, o desenvolvimento do trabalho

abre inúmeras possibilidades de considerações que ponderam ser acrescentadas e abrir vertentes que apontam para uma ponta maior que é o conhecimento tradicional aliado ao reconhecimento do território.

Capítulo I **Os Terena em Mato Grosso do Sul**

Os Terena em Mato Grosso do Sul, originários do grupo Guaná, Chané ou Chané – Guaná demonstra vários grupos étnicos que viviam na região do Chaco e do Pantanal que fazem parte do tronco linguístico conhecido como Aruak, segundo Eremites e Pereira (2009) esse grupo saiu da região das Guianas há muitos anos, deslocando-se para o sul, havia por tanto uma variedade de subgrupos Terena; Etelené, Echoaladi, Quinquinau (equinquinau) e Laiana (Layala).

A maior população de Terena se concentra no estado do Mato Grosso do Sul, um povo com características próprias que resistem as diversas variantes que se apresentou durante a sua existência cultural frente a construções estereotipadas “aculturados”, “assimilação”, “fricção” temas presentes na etnologia Terena nos anos 1930 segundo Almeida (2013) e que lutou para manter ao máximo vivo os seus conhecimentos, consciência, entendimentos, informações sobre o que é ser Terena mesmo diante de mudanças sociais, ambientais, econômicas, políticas impostas ao longo dos tempos.

O Terena advindo do tronco linguístico Aruak presente em várias línguas indígenas das Américas; Brasil, Bolívia, Colômbia, Guiana, Paraguai, Peru, Venezuela, Suriname e Caribe e todos possuem características desenvolvidas na agricultura, pesca, coleta e trabalhos com cerâmicas.

A região atual do Pantanal Sul-Mato-Grossense fazia parte do Chaco segundo Eloy (2019) e Baltazar (2022) trazem apanhados sobre a noção de “fronteiras” que são conceitos não indígenas que instituem margens, uma vez que, o Terena migrava de um lugar para o outro realizando cultivos, estabelecendo alianças nas relações interétnicas com a sociedade não indígena e outras etnias.

Destacamos também que essas relações que se formaram marcaram diversos momentos do povo Terena, porém a responsabilidade, compromisso com o território é o que permaneceu embora tivessem que acessar novos símbolos e elementos culturais segundo Eloy (2019). Tais movimentos geográficos se deram segundo Acçolini (2004) desde o século XVIII até se estabelecerem nas regiões onde atualmente se encontram.

Eloy (2019) no seu trabalho intitulado “*Vukápanavo*” apresentou a história Terena em partes em diversos momentos importantes para compreendermos o quanto esse povo se estabeleceu até os dias atuais, inicia com a sociedade Terena na organização no Chaco Paraguai- Pantanal e a interação como os Mbaya/ Guaycuru, posteriormente a relação do Terena com a Coroa portuguesa, em seguida o Terena na Guerra do Paraguai (1864-1875), posterior o pós – guerra e a expropriação e o período de servidão, com a criação do SPI e o processo de confinamento, as construções das linhas telegráficas, estrada de ferro, e gasoduto que eram projetos de desenvolvimento, período da ditadura militar e as violações de direito, período da constituinte e a participação Terena, década de 90 a escola na sociedade terena, ano 2000 em diante inicia a luta pelo território tradicional.

1.1. Os impactos históricos vivenciados na trajetória Terena

Segundo a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, viviam no Brasil 896,9 mil indígenas no ano de 2010, porém foram realizados novos dados do Censo Demográfico no ano 2022, constatando um crescimento significativo de aproximadamente 90% da população indígena. Este contingente representa aproximadamente 0,83% da população brasileira, segundo apontam os dados apresentados pelo Censo 2022. Esse percentual está distribuído em território delimitado de terras indígenas e aqueles ainda estão em fase de análises para declaração de posse, tiveram crescimento de 501 no Censo de 2010 para 573 em 2022. A distribuição da população indígena no Brasil apresenta índice aproximado de 1.694.836 pessoas indígenas, diante do Censo 2022, segundo o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), que indica maior concentração nas regiões Norte , com 44,48%, seguida do Nordeste com 31,22%. Há também a concentração dada por estado como Amazonas (490.854 mil), Bahia (229.103 mil) e Mato Grosso do Sul (116.346 mil) IBGE 2022.

Há estimativa de aproximadamente 100 aldeias, contando com as retomadas, no Estado de Mato Grosso do Sul. Leva-se em consideração que vão surgindo novas comunidades. Estão presentes no Estado oito etnias reconhecidas como Guarani Kaiowá, Nhandeva, Terena, Guató, Ofaye, Kadiwéu, Atikum e Kinikinau e três etnias buscando reconhecimento como os Cambá (Corumbá), Ayoreo (Porto Murtinho) e os Chamacoco (Porto Murtinho na Terra Indígena Kadwéu), segundo Giovani José da Silva(2015).

Há uma estimativa fornecida pela Fundação Nacional de Saúde - FUNASA que a população de indígenas em Mato Grosso do Sul é de (70.000 mil) pessoas indígenas no ano

de 2010. Houve uma estimativa de (80.542 mil) elaborada pelo Distrito Sanitário Especial Indígena (Dsei) Mato Grosso do Sul desenvolvido pelos 14 polos base de atendimento no ano de 2022, pelo Sistema de Informação de Atenção à Saúde Indígena.

Atualmente, os Terenas vivem em territórios fragmentados, em vários municípios sul-mato-grossenses: Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dois Irmão do Buriti, Sidrolândia, Nioaque e Rochedo. Há famílias Terenas que vivem em Porto Murtinho (em terra Kadiwéu), Dourados (em terra Guarani e kaiowa), como também no Estado de São Paulo (terra indígena Araribá e outras). Campo Grande há um índice de 26 comunidades que inclui Kadwéu e a região do Indubrasil, Agua Bonita, Darcy Ribeiro, Parava, Marçal de Souza, Estrela da Manhã, Novo Dia, Agua Funda, Peyo Kaxe, Jardim Indápolis, Tarsila Amaral, Vivendo do Parque, Nova Canãa, Portal Caioba, Ceramista, Inamati Koxoneti, Roda Velha e Bordon, Associação Noroeste, Nova Lima, Jardim Aeroporto, Comunidade Tijuca, Dalva de Oliveira e Família Polidoro (DSEI, 2024).

Os Terena são conhecidos como hábeis agricultores, ceramistas e guerreiros. Temos alguns momentos que marcaram a trajetória de vida Terena, um povo de intensa mobilidade que iam e vinham no espaço conhecido como terra chaquenha ao território pantaneiro, o que ocorria com muita intensidade até a segunda metade do século XVII e que ocasionou um intenso relacionamento com a sociedade não indígena, o que de certa forma, contribuiu para que o Terena desenvolvesse a arte de “negociar”, a intermediação com aqueles que não faziam parte do seu meio social e pudessem trazer benefícios a comunidade, destacamos que nesse momento não havia divisão territorial, pois não se estabelecia fronteiras territoriais, os mesmos conheciam tudo apenas como um vasto pantanal.

Os Terena se estabeleceram em sua grande maioria na bacia do rio Miranda. Um episódio de destaque é o momento da Guerra do Paraguai, quando os mesmos já estavam estabelecidos nessas regiões pantaneiras e tiveram uma importância significativa na proteção do território que vai da bacia do rio Miranda até Cuiabá/MT, e só se tornou região brasileira pelo conhecimento da região que os Terena possuíam já naquele tempo. Os Terena e os Kadiwéu fizeram aliança subsidiando alimentos necessário em tempos de Guerra ao exército brasileiro, frente aos paraguaios, o próprio exército também foi formado por pelotões Terena que contribuíram na estratégia de conhecimento do território, permitindo maior captura dos inimigos que aqui adentravam.

O significado de Terena é aquele que sai da Terra (*Poké'e*), o que surgiu da Terra e enfrentou diversos desafios que se apresentaram diante do mesmo. Uma das descrições falaciosas que é dita pelos não indígenas é a de que o povo Terena não seria mais indígena,

ou ainda era visto como um faz de conta, ou “assimilado”, “aculturados”, pela quantidade de acontecimentos que impactaram a vida dos Terena, principalmente com a instituição do SPI e a implantação das reservas indígenas. Há muitas histórias de várias famílias que sofreram com os impactos da Guerra do Paraguai, da linha telegráfica, da implantação das fazendas e a construção das linhas do trem. Foram situações que o povo terena vivenciou diretamente e indiretamente na vida dos mesmos, mas, que ao longo dos acontecimentos, desenvolveu a arte do negociar para se manter até aqui de forma coletiva, garantindo seu espaço e território posto que indígenas nem eram ouvidos, muito menos reconhecido como povo originário desde a chegada do colonizador.

O Brasil colônia fez parte da nossa história em todos os limites territoriais, uns receberam maior ou menor influência, mas carrega o peso da submissão imposta, pois grande parte do que se vivencia foi deixado desse período, um dos exemplos é a predominância da linguagem portuguesa vinda de fora, as histórias que se contam parte de um discurso único vindo do “eurocentrismo”, em que, acaba se instalando a desvalorização e o processo do apagamento e a não aceitação regada no Brasil colônia.

Faremos um breve recorte ao remeter ao papel exercido pelos bandeirantes quando se estabeleceram nas capitâneas de Goiás e Mato Grosso, em vários territórios brasileiros em espaços particulares, pois, deparamos com um ideal no pensamento do momento que foi sendo embutido no subconsciente coletivo em que as expedições tinha por objetivo de expandir, foram sendo organizadas em muitas regiões saindo de São Paulo e adentraram para o interior das colônias, eram denominadas de bandeiras ou os aventureiros-colonizadores que realizaram o desbravamento mata a dentro buscando encontrar atividades que trouxessem lucro, ação ambígua que fora desenvolvida pelos mesmos, foi um encontro desfavorável, pois se instaurou um descaso com a humanidade, a princípio destruíram muitas aldeias no interior do antigo Mato Grosso.

Nos registros encontrados do trabalho dos bandeirante e dada em três classificações, aqueles que trabalhavam como *apresador* que se dedicou a caçada aos indígenas para o trabalho escravo nas lavouras, devido ao domínio da técnica de agricultura, dedicavam a destruir e capturar indígena nas missões que existiam na época, já o bandeirante de contato ou sertanismo de contato se dedicou ao serviço de grandes latifundiários que combatiam os indígenas e capturavam escravos fugitivos e os bandeirantes prospectores que dedicaram-se a busca de metais preciosos e desencadeou a corrida ao ouro surgido posteriormente Minas Gerais. Essa jornada era encarada pelos

mesmos e se configurou em um negócio lucrativo por isso e proporcionou a expansão territorial, pois passaram ser conhecidos (Prezia,1992).

O SPI-LTN, o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais, foi criado em 1910 como parte do Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio - MAIC no governo republicano. O órgão administrativo atuava como aparelho ou ferramenta que ajustava e favorecia os interesses do Estado na ocupação do território. Não há como negligenciar o período de colonização que gerou conflitos e perdas simbólicas, culturais, linguística, sociais, enfim rastros em todos os âmbitos e houve grupos político e econômico que tinham por prioridade atender seus próprios interesses na região em prosperidade e riqueza, pois havia aspectos favoráveis que potencializavam o lucro, a base da exploração e da escravização e do domínio do território.

De acordo com a filosofia positivista que orientava a ação do SPI, a área de acomodação era pensada como local ideal para o desenvolvimento de ações integracionista, preparando a comunidade indígena para a incorporação gradativa de práticas econômicas que lhe assegurasse a plena participação na vida nacional. (Pereira, p.68, 2009).

A ocupação e a desocupação em todo território brasileiro nessas terras que pertenciam aos povos originários dessa região são discussões polêmicas que vão se estendendo, reforçando o quanto de histórias, ou melhor dizendo, vozes de povos que foram sufocadas, mas, que insistiram em gritar a sua existência, mesmo sendo apropriadas sem o consentimento dos mesmos, sofreram abusos, exploração e violências de grupos dominantes que se propagava no final do século XIX e início XX.

Segundo Holanda (1986), não era apenas a busca por metais preciosos, mas, de captura de mão de obra indígena favorecendo o trabalho braçal, uma espécie de obter a expansão sem custo, aonde, acabava por ocultar os conflitos presentes nas relações de forma espontânea. Na tentativa de sempre levar vantagem do simples a pouco custo é comum perceber essa dizimação de forma violenta que associa as comunidades indígenas e quilombolas a um empecilho ao progresso e entraves ao desenvolvimento por ter uma cosmovisão diferenciada do colonizador.

E todo esse acontecimento deixou sequelas no pensamento social e que até hoje em nossos dias se encobre um preconceito velado, demonstra a instabilidade, a inconsistência e a irresponsabilidade da colonização de feitoria, fortalecendo o sucateamento que alongou

a exploração que havia ampliado o espírito de “aventureiro” e se desdobrava de maneira “desordenada” na colonização portuguesa.

No ano de 1900 formou-se a comissão liderada por Candido Mariano Rondon designado a construção das linhas telegráficas de São Paulo a Cuiabá, Mato Grosso, na busca de melhorar a comunicação da região, assim foi construída 32 estações, abriram estradas, desbravaram as matas, mapearam regiões e no caminho encontraram diversas aldeias que foram dadas como pacificadas, agregando diversos indígenas nesse projeto. A dramática situação se deu quando se encerrou a Guerra do Paraguai e os Terenas passaram a situação de confinamento dos seus territórios que foi então delimitada com o trabalho de Marechal Candido Mariano Rondon, criando as reservas indígenas/postos indígenas.

Não poderíamos deixar de salientar a frase do lema da bandeira brasileira “Ordem e Progresso” que carrega influências embebidas em perspectivas do cientificismo e do desenvolvimento tecnológico e o estímulo a ideia inovadora que estava surgindo, baseada no evolucionismo darwiniano de parâmetros da desejada “civilização”, desconsiderando o processo histórico dos povos “não civilizados” ou como os mesmos eram chamados de “exótico” “atrasados”. Esse período foi conhecido como uma nova visão de mundo com inclinação de super valorizar a ciência.

A sociedade indígena no geral sofreu e sofre com esse rótulo que caracteriza tipos de selvageria, sendo a primeira fase a civilizatória, isso ficou no imaginário da sociedade que reforçam e classifica o lugar de indígena e lugar de não indígena.

Foi instalado os cargos de encarregado nos postos indígenas que exerciam a função da manutenção e do controle nessas comunidades, impedindo a realização de protestos, ou seja, seguindo uma ordem que pudesse encaminhar a “emancipação”, estratégia de desvalorização da diversidade e da indignidade dos indivíduos, a ideia do embranquecimento a partir da miscigenação, do assimilacionismo, uma espécie de negação do que o outro é.

No posto indígena o funcionário era *purutuyé* (não indígena) que distribuía e designava a mão de obra indígena, os contratos com empresas, usinas e fazendas. Na ideia de pacificar e civilizar o indígena a partir da modernidade, a busca da “civilidade” procurava a integração e assimilação fortalecendo a caracterização do trabalhador nacional “emancipado”, uma espécie gradativa do desmonte da cultura indígena pela cultura do não indígena que estava no ideário de extermínio.

No início do século XX a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), companhia responsável pela linha ferroviária que principiou a estruturação dos trilhos que saía de

cidade de Bauru, São Paulo, passando por Campo Grande com destino, a cidade de Porto Esperança, na beira do Rio Paraguai com o objetivo de ligar o Mato Grosso com o restante do país teve interesses paulistas que estavam relacionados com o tipo de compra e venda de mercadoria pesada em grande quantidade para facilitar o escoamento, do que no transporte do povo. Ocorreu uma espécie de corrida de incentivo, pois, estavam estabelecendo mercado que facilitou ao “povoamento do lugar”, pois, todo território era dado como sertão “desconhecido” “desabitada”. (QUEIROZ, 1997).

Segundo Paulo Roberto Cimó Queiroz (1997), a ferrovia foi concluída entre o fim da década de 1930 e o início de 1950 e tinha por interesse de movimentar mercadorias entre São Paulo e Corumbá, foi um investimento muito alto, em que, uma ferrovia de mais de quilômetros de extensão, de maneira que pudesse evitar a via platina pois, se configurava em interesses políticos do Estado brasileiro no enfraquecimento do comércio pela via platina, assim a NOB confiscou o fluxo do comércio matogrossense e o aumento da população, da produção agrícola (QUEIROZ, 1997).

A “Marcha para o Oeste” que se constituiu um movimento do Governo Federal que intencionava a ocupação e a colonização do Território Sul-matogrossense, uma espécie de política de espaço ditos “vazios”, “desabitada”. No período da ditadura no Estado Novo, com Getúlio Vargas que pretendia estabelecer aproximação entre as fronteiras econômica e política, precisava também ocupar os territórios “vazios”, fortalecer e criar núcleos de povoamento em Terras indígenas. É válido ressaltar que nesse período havia um empenho na construção da “nacionalização” do vasto território sul matogrossense. Podemos perceber a mediação e o processo da industrialização com a ideia de expansão rápida e inovadas táticas que beneficiavam o mercado e a urbanização como “aperfeiçoamento” e “organização” que favorecem demandas de consumo de alimentos e que possibilitou a ampliação da agricultura comercial, como foi o caso do café que estimulou a economia nacional (Araújo. 2006).

Nesse novo cenário brasileiro de aspectos da inovação proporcionada no governo Vargas de “aperfeiçoamento” favorável ao povoamento ora impulsionado pelo processo de apropriação das terras “desabitadas” com foco na agricultura que trazia consigo a possibilidade de suprir necessidades e a circulação da produção em larga escala e estabelecer a riqueza e prosperidade com implantação das fazendas trazendo de forma inevitável impactos na vida do povo Terena.

Ora o mercado interno, a unificação do poder político, o rompimento de barreira impostas à circulação do poder político, o rompimento de barreiras impostas à circulação da produção traduzia o novo. Essa luta que refletia, no fundo e por vezes claramente, as grandes contradições históricas que configuravam o cenário... (Sodré, p.176 1990).

Sodré explora bem essas contradições presentes em um Brasil que buscava a “civilização” nomeada de “aperfeiçoamento” nas relações do interior com a metrópole, o que denota que as comunidades indígenas estavam nesse objetivo de Estado Novo, pois, passavam despercebidas quase sempre, de forma inexpressiva, pois suas produções não excediam, “Os indígenas se refugiavam no interior e a distância dos focos de colonização foi o seu meio de defesa. Quando lutaram, pretendiam apenas restabelecer, ali onde viviam, as condições vigentes nas comunidades...” (Sodré, p.12, 1990).

Pontuados alguns dentre os muitos fatos que aconteceram, ao longo do contexto histórico da nação brasileira tiveram encontros e desencontros de relações da diversidade presente na matriz brasileira, indígena, africana e europeia que foi adquirindo desde o seu princípio a sutileza e o silenciamento, as particularidades do racismo existente.

Um dos recortes históricos é um breve reconhecimento da trajetória de um povo que ao longo de sua caminhada sofreu com diversos impactos e acontecimentos, nas comunidades indígenas vivenciam constantemente a troca recíproca de vários elementos culturais, levando a diversas transformações e associações sociais e também culturais como a busca do desenvolvimento e “aperfeiçoamento” na relação externas e que era classificado como um indígena “assimilado” e muitos acreditavam que haviam deixado de ser indígena Terena (Araújo, p. 34. 2006).

Acreditou se durante muito tempo nessa ideia de “emancipação” cultural e que os terenas tenderiam a desaparecer, absorvendo da mistura o enfraquecimento da noção do “ser”, mas o que temos percebido é que essas relações exteriores aperfeiçoaram um ponto forte terena que é a forma de negociação que favoreça o coletivo e isso foi uma estratégia dada como resistência a diversos ataques que ameaçavam a sua existência.

1.2. As famílias Terenas de Dourados - Viyeno Têrenoe ihay Douraduke

Por meio do decreto nº 401, com uma área de 3.600 hectares, no dia 03 de setembro no ano de 1915 se deu o processo de reconhecimento da RID - Reserva Indígena de Dourados. A intenção dos aldeamentos estava associada com a incorporação do pesado

processo civilizatório embebido pelos ideais do positivismo cientificista, apostando na assimilação e na mestiçagem como forma de refrear, embasada na “aculturação”, sem dizer o que Antônio Brand (1997) apontava como “Confinamento”, ao se referir ao processo de assentamento dos indígenas nas reservas, geralmente através de expulsões e/ou transferências forçadas. Como o passar do tempo, a concentração da população em uma área tão reduzida desencadeou diversos impasses, ocorre com frequência a migração e imigração de diversas etnias que por aqui passam, pois há o atrativo de oportunidades de trabalhos, estudo e expectativa de uma vida melhor.

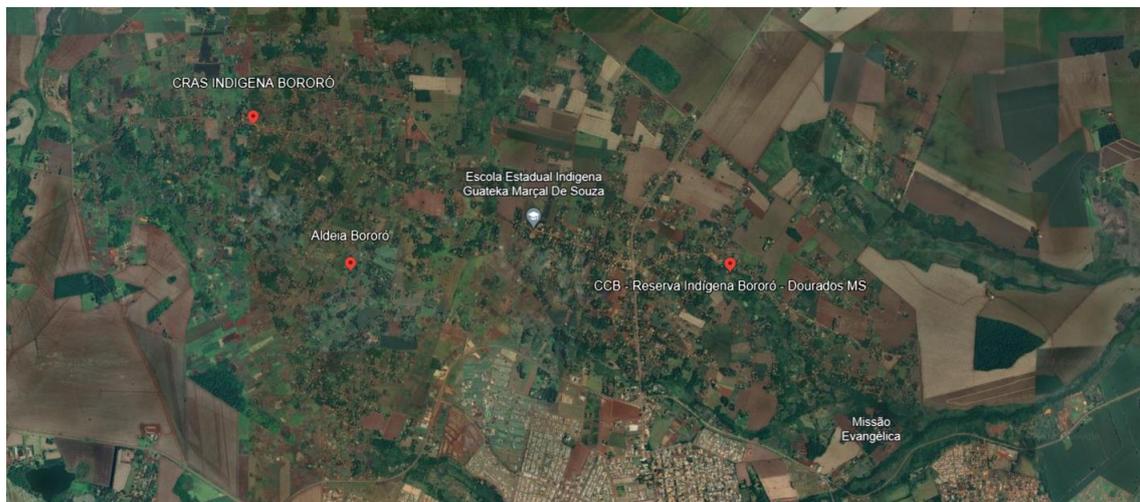


Figura 2 - Mapa da Reserva Indígena de Dourados. Elaboração da Autora, Google, 2024.

O SPI teve influência tanto na criação da reserva como espaço para indígenas, quanto no deslocamento de indígenas da etnia Terena de variadas localidades para Dourados, assim essas famílias junto com seus troncos de origem foram fazendo parte do processo da criação da reserva. Ao ouvir algumas famílias que aqui chegaram em diferentes situações, como na construção das linhas telegráficas, trabalho, estudo etc... Há relatos que já havia presença Terena e Kinikinau que residiam antes de 1915 na região da grande Dourados, segundo uma conversa que tive com o Sr. Guilherme Valerio ancião (*in memorian*).

As famílias terena vivem nesse cenário de conexão multiétnica de diversos intercâmbios sociais e trazem consigo há gerações o jeito terena de ser, a interação com o meio social e com outras etnias fizeram com que sua forma de ver o mundo pudesse transformar a si próprio sem deixar de ser o que é. Conforme a antropóloga Grazielle Acçolini, em seu trabalho “Protestantismo à moda Terena” (2015), nos tempos do Chaco

destacava-se essa troca cultural como o modo em que as alianças socioculturais foram se forjando e possibilitando a construção e reconstrução da identidade Terena.

Em comparação com outros povos em contato com o colonizador, essas relações estabeleceram-se de forma pacífica, apesar da assimetria em relação à sociedade ocidental, bem como através de alianças, e prosseguiram por este século de forma intensa, principalmente após a guerra do Paraguai, mostrando a reconstrução da identidade Terena realizada a partir dos elementos culturais que estão em jogo, tanto provenientes do exterior como do interior da aldeia. (Acçolini, p.24, 2012).

Destaca-se aqui a importância da diversidade que se formou ao longo do tempo entre os indígenas e familiares que advinham de diversas regiões e que por algum motivo se estabeleceram na reserva indígena Francisco Horta Barbosa e o impacto que eles próprios sofreram nessa troca de elementos culturais, se adaptando aos códigos locais.

O intercâmbio que existe na reserva de Dourados se configura de maneira atípica das demais aldeias espalhadas no Mato Grosso do Sul, possui sua peculiaridade devida a essa constante interação étnica, apesar dos conflitos internos que são variados, cada etnia busca reforçar sua herança cultural e também estabelecem alianças sociais, econômicas e políticas.

Focaremos especificamente então no “*kixou itukeo terenóe*”, ou seja o jeito de ser terena, na região de Dourados, lembramos também que vieram Terena de diversas regiões, ou seja, apresentam diversos códigos locais de sua origem, o que é possível identificar na forma de falar, no sotaque, uma espécie de regionalização terena, porém é na constituição familiar que se dá o aguçamento e fortalecimento de laços de solidariedade e características da recepção da hospitalidade que possibilita a resistência e desenvolve a noção do “eu” e seus direitos. Manuela Carneiro em seu livro “*Cultura e cultura entre aspas*” (2009) discute sobre o conhecimento tradicional em que aborda formas de ver, classificar e categorizar cada povo e o mesmo tem a sua forma de realizar seu olhar diante do mundo, constituindo o Brasil, um país pluriétnico de identidade que coexistem de forma particular, do passado e ao presente.

A reserva indígena de Dourados possui tanta diversidade que refletir sobre a especificidade de cada componente da sociedade local só é possível através das memórias de cada família que aqui construíram sua vida na esperança de condições melhores e que foram agentes de sua própria história, está bem claro para os indígenas, pois não estagnaram nem estão acorrentados apenas em um espaço.

A grande expectativa do futuro se atrela as lembranças do local de onde saiu e que norteia as referências contínuas de uma à outra constroem formas alternativas de organização social e de expansão dessa imaginação social em que existe possibilidades de se viver em outras regras em outras línguas.

Os conhecimentos de histórias, regras, códigos só e possível pelo compartilhar no meio relacional, de pais pra filhos, pelas atividades do dia a dia, a identidade vai se formando, segundo Geertz, a partir do conceito de pessoa que se interliga em um conjunto simbólico de palavras, imagens, instituições, comportamento de umas para as outras direcionando de como o próprio indivíduo se enxerga e como os outros povos se representam é como são. (Geertz, 1976).

Ao descrever a categorização do ser indígena ou não, fez-se necessário um paralelo sobre o ser terena ou não e o quanto está atrelada a noção e a construção do que queremos que seja ou ainda do que isso significa para o grupo familiar. Segundo Eduardo Viveiros de Castro, o homem é um sujeito moral, um objeto biológico que possui direitos e conhecimentos e que possui a capacidade de refletir sobre si (VIVEIROS DE CASTRO, 1987). Uma das suas linhas de reflexão caminhou sobre o perspectivismo cosmológico ameríndio ou como ele mesmo diz a sociologia da alteridade, ou melhor, a necessidade da constituição do outro. Outro ponto importante de destaque do autor acima citado é a pergunta que o mesmo faz durante seus anos de academia é “Quem é índio?” adequaremos então aqui para “quem são os Terena?” e apontamos como início de reflexão e que todos sem exceção dão sentido a noção do “eu” a partir do sentimento de pertença. (MACIEL, 2019).

O “*Ser ou kixou itukeo*” é a identidade construída essencial, independe do que outros tentaram impregnar na etnia dizendo “mas não são mais índios esses Terena?” um sensação de vencidos pelo contato interétnico, um projeto falido da “emancipação”. Viveiros de Castro (1987) diz “desindianizar” adaptando ao nosso contexto, diremos “desterenizar” em se tratando de “*Ser ou kixou itukeo*”, desmonta toda essa expectativa e reforça a capacidade de reconstruir, redirecionar e reconstituir variados elementos da cultura Terena.

Na abordagem de Almeida (2013) que discorreu em seu trabalho sobre a terra Indígena do Cachoeirinha, apontou *Xuve Ko’Ovokuti* para designar Tronco familiar mas também e usado no dia a dia as expressões *Há’a Ko’Ovokuti*, abrange toda uma constituição própria da família extensa que é a família terena, ou ainda, *Tuti Ko’ovokuti*. Destacamos que a suma importância que a autora remete a conjuntura familiar na dinâmica da vida da

aldeia terena é a mesma dinâmica que sucede na reserva indígena do Jaguapiru/Bororo, os grupos se tornam coesos e em torno do grupo familiar.

Segundo a autora, “os troncos” familiares são quem fazem a manutenção do jeito terena de ser, pois cada aldeia se desenvolve a partir de troncos específicos e assim nesse núcleo é transmitido através das histórias que são possibilidades de lembrar e reproduzir a maneira do Terena ver e posicionar diante do mundo enquanto pessoa e que também se desenvolve a sua própria espiritualidade no meio social em que se encontra.

Reforçamos então que toda comunidade, com vários tipos de impactos e todos os tipos de encontro e desencontros, demonstra a capacidade de reconstruir e construir novos elementos que servem de apoio e mostram que sociedades não são estáticas.

1.3. As famílias Terenas de Taunay – Viyenó Têrenoe ihay Taunayke

Baseado no resumo do relatório de identificação e delimitação de terra indígena, elaborado por Gilberto Azanha e Antônio Pereira Neto, a Terra Indígena Taunay-Ipegue tem 33.900 ha de extensão. Suas limitações são de 78.500m. Próximo do município de Aquidauana, com uma população que chega a uma população atual aproximadamente de 5.572, conforme os dados obtidos pela (FUNASA). Esse território é composto pelas seguintes aldeias Bananal, Colônia Nova, Imbirussú, Lagoinha, Morrinho, Ypegue e Água Branca e hoje temos as retomadas que estão localizadas nos entornos como a Esperança, Arara Azul, Maria do Carmo, Mangava, Ouro Preto, Cristalina, Touro e Cedro se percebe o quanto cada espaço é favorável ao desenvolvimento das práticas tradicionais, cada qual com seus troncos familiares ampliam a conexão com a localidade.



Figura 3 - Mapa da Terra Indígena Taunay-Ipegue. Elaboração da Autora, Google, 2024.

Vale destacar que esse território está situado na Planície Pré-pantaneira, o que evidencia que não é uma região de alagamento constante, pois localiza cerrado e campo e compõem condições propícias para a criação de gado e plantio de agricultura de subsistência.

Fernanda Carvalho em seus estudos apontava que o contato dos Terena com a sociedade ocidental é dado no século XVIII quando o grupo ainda habitava no Chaco Paraguaio, intensificado ainda mais quando adentrou em terras brasileiras (CARVALHO, 1987). Vale ressaltar que as Terras Indígenas Taunay/ Ipegue foram reservadas no ano de 1905 por Rondon, nesse processo houve empenho de fazendeiros que assegurassem seus limites já estabelecidos, por mais que esses locais fossem de conhecimento deles que era Território indígena.

Desse longo processo, Laraia (2006) diria então que “A cultura é Dinâmica” para destacar que ocorrem mudanças ao longo dos séculos nas comunidades indígenas. Essas mudanças foram importantes para denotar que cada grupo se posicionou frente as atrocidades impostas, mesmo que muitos não se tornaram conhecidos, mas tiveram um papel fundamental contra a criação de Reservas. Reestruturar as bases diante de impasses foi de suma importância no processo de resistência e o fortalecimento de elementos culturais, uma vez que já lutavam contra as forças externas do momento pra o processo de “embranquecimento” e a” emancipação” traz então a simbologia construída e a relação do

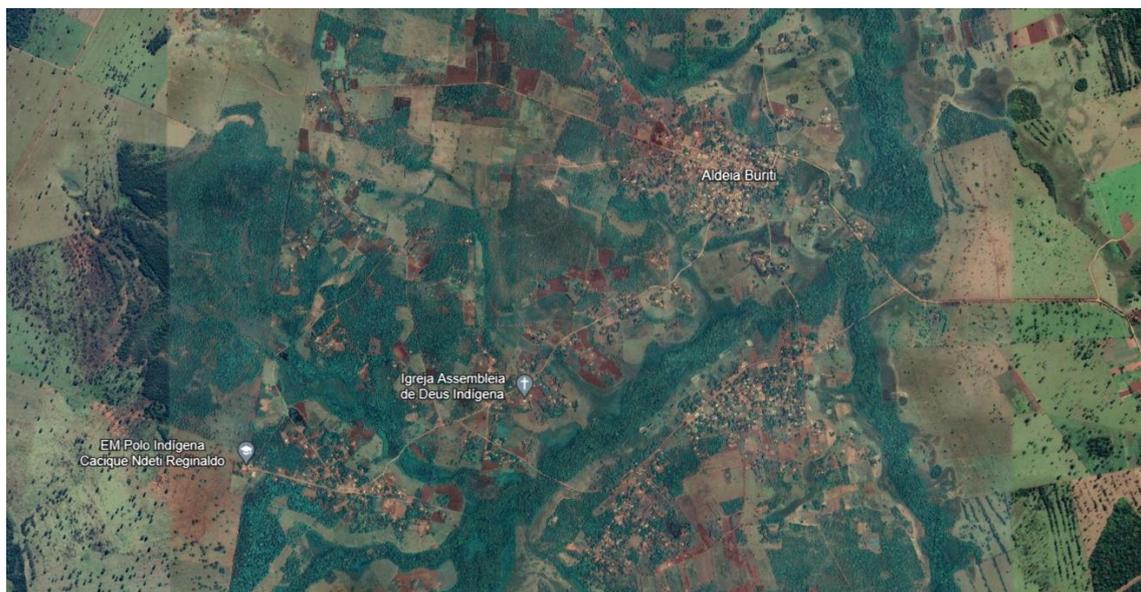
Terena com a natureza que é indissociável, posto que é conhecido como aquele que saiu da terra (*Poké'e*), e se percebe a manifestação de um Criador na natureza e que defini a visão Terena de ser, que vem de dentro pra fora, independe das ações externas .

1.4 As famílias Terenas de Buriti – Viyenó Têreno ihay Buritike

A TI aldeia Buriti é a maior e a mais antiga das oito existentes, situada nos municípios sul-mato-grossenses de Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti. As outras sete são as aldeias Água Azul, Barrerinho, Olho d'Água, Oliveira, Recanto, Córrego do Meio e Lagoinha. Há ainda a Aldeia Tereré, na Terra Indígena Tereré ou Buritzinho, situada no perímetro urbano de Sidrolândia.

Em termos organizacionais, a Aldeia Buriti possui um diferencial, se caracteriza pela formação própria dada pelos próprios moradores, em que, se dividia em 11 “vilas”, termo usado para designar unidades espaciais ocupadas por grupos constituídos por vínculos de parentesco e aliança política, sob a liderança de um único cacique. A divisão interna que os mesmos elaboram, facilita a gestão da liderança local, possibilita uma melhor compreensão nas distribuições das relações de parentesco, aliança política e formas de sociabilidade na comunidade.

Dentro dessa região existe variadas atividades de pequeno e grande porte de mobilização, em que, são elaboradas e executadas pelos moradores de cunho religioso, educacional, político, saúde, etc...



Destacaremos aqui essa mobilização que se expande tanto na comunidade local como também aos entornos dela e que ocorre anualmente a festa de São Sebastião, o santo padroeiro da aldeia, cuja organização e realização envolvem diversos grupos sociais. Trata-se da maior e mais tradicional festa religiosa da comunidade, mantida desde as primeiras décadas do século XX, quando os Terena foram acometidos por um surto de febre amarela.

Por meio do método etnográfico, buscou-se compreender o processo de organização social e que também foi observado a dinâmica de elaboração que os próprios moradores atuam diretamente ou indiretamente na festa e como os mesmos a percebem na comunidade e suas representações. Foi durante essas dinâmicas internas que ficou claro, sobretudo, a atuação das mulheres nos bastidores, e o quanta as mesmas tem um papel fundamental em todas as partes de desenvolvimento festivo.

Na expectativa de registrar e experienciar o andamento da comemoração e a dinâmica do dia de São Sebastião, 19 de janeiro, estivemos um período antes e um período durante: o primeiro para fazer contatos e conhecer o lugar e as pessoas, quando foi feita a primeira observação etnográfica; e o segundo momento foi durante a realização das comemorações.

Uma breve contextualização de quem seria São Sebastião conforme explica a tradição católica: ele teria nascido por volta do século III em Milão, na Itália. Vindo de berço cristão, teve uma vida convicta em sua fé e na propagação da mesma. Teria se engajado nas fileiras romanas, destacando-se pelo bom desempenho e dedicação, sendo considerado um dos melhores oficiais do Imperador Diocleciano. Naqueles tempos, o governador de Roma, Cromácio, e seu filho Tibúrcio, teriam recebido denúncias de que ele estava descumprindo com o seu dever oficial da lei, por ter atitudes consideradas brandas para a época. Esta acusação o obrigou a dar satisfação de seu comportamento religioso ao imperador, sendo acusado de traidor. Diante da situação, Sebastião não teria negado a sua fé e foi condenado à morte pela sua atitude. Foi amarrado em um tronco e nesta situação teria recebido flechadas diante da guarda pretoriana. (SILVA, 2013).

Conta-se, ainda, que uma viúva chamada Irene teria retirado Sebastião do tronco e depois o tratou, curando-o. Depois de recuperado, ele teria mostrado coragem e ousadia apresentando-se diante do imperador romano, denunciando a injustiça cometida contra os cristãos. Diante dessa demonstração de ousadia, o imperador ordenou que os guardas o

açoitassem até a morte. Esse fato teria ocorrido no dia 20 de janeiro de 288. Segundo a tradição, na batalha em que os franceses foram expulsos da ocupação do Rio de Janeiro, no dia 20 de janeiro, data que coincide com o dia do santo, São Sebastião foi visto com a espada na mão entre os portugueses, mamelucos e indígenas, lutando contra os franceses calvinistas. Por essa questões é que São Sebastião é considerado o protetor da humanidade contra a fome, a peste e a guerra. (MANZOTTI,2022).

Segundo explicado pelo senhor Juscelino Bernardo Figueiredo, o atual festeiro ou responsável pela organização da festa, o início da comemoração da festa de São Sebastião foi assim explicado:

A festa de São Sebastião, foi meu pai quem fez a promessa de todo ano fazer a festa. Naquele tempo não tinha médico, não tinha remédio, só raiz e benzeção, oração né? Até meu pai não ocupava muito da raiz, mas tinha a capela dele e o poder com Deus. Houve essa epidemia de febre amarela e quando teve essa epidemia tava matando quatro, cinco por dia e o povo não tava vencendo de fazer o enterro das pessoas, né? Chegaram enterrar as pessoas até sem caixão, né? Fizeram caixão até de ripa de taguarusu. Aí meu pai falou: “Vou falar com Deus!” Fez o pedido, né? De comemorar o dia de São Sebastião durante a vida dele, de pai pra filho. (Entrevista Juscelino Bernardo Figueiredo. Arquivo pessoal 2013.)

Neste sentido, faz-se oportuno citar uma referência sobre a festa de São Sebastião em Buriti:

A obrigatoriedade da realização da festa de São Sebastião surgiu por ocasião da epidemia que dizimou parcela significativa da população terena local na década de 1920-1930. Na ocasião, os Terena fizeram uma promessa ao santo e, desde então, tem sempre um *festeiro* com atribuição de coordenar os preparativos dessa festa religiosa. (Eremites de Oliveira & Pereira, 2012, p.252).

No momento em que foi alcançada a graça da proteção contra a peste, diante da tragédia da febre amarela que atingia a aldeia, a família Figueiredo passou a ser uma das responsáveis pela organização dos festejos e pela celebração religiosa. Por isso, São Sebastião é considerado pelos devotos como o santo milagroso e o padroeiro da aldeia e consagrou como um evento tradicional que está entrelaçada com o processo histórico de formação da aldeia Buriti.

O período de 1920-1930 passou a ser um marco no cotidiano e na construção da identidade dos moradores da Aldeia Buriti. A permanência da memória desse evento histórico dos Terena de Buriti reforça a construção no coletivo de um conjunto de ações simbólicas que marca o processo de devoção e tradição na preparação da festa, desenvolvendo a aplicação e empenho dos envolvidos como forma de pagar a promessa feita e a graça recebida. SILVA (2013).

A festa, por sua vez, é dividida em etapas que são bem definidas que iniciam no mês de novembro e vai até o mês de janeiro. Momentos da festa se dão entorno da promessa individual ou coletiva pelas famílias que professam a fé em São Sebastião. Cada promessa é encarada pelos devotos como uma missão ou tarefa a ser cumprida. Neste contexto religioso, de pagar as oferendas e promessas são diversas, como levar a bandeira do santo pela aldeia e redondezas, tocando e cantando em cada casa, a qual os devotos chamam de “pouso”. Durante essa peregrinação são ainda recolhidos donativos, sobretudo alimentos. No dia da festa, mulheres cozinham para os participantes e os homens participam do preparo do churrasco de novilhas doadas para a festa. SILVA (2013).

Um grupo de pessoas que fazem parte organização da festa são conhecidos como “*folieiros*” ou folia de São Sebastião, em que, os mesmos saem a pé na sua maioria para pagar promessa, tocando e cantando pelo caminho por onde o santo passa percorrendo de um lugar a outro, esse movimento inicia em novembro e vai até janeiro visitando as residências de devotos fora da aldeia. A quantidade de “*folieiros*” varia de um ano para o outro. Também é realizada uma missa no dia da saída da bandeira com os mesmos iniciando tradicionalmente no dia 2 de novembro, Dia de Finados. O deslocamento dos “*folieiros*” em cada casa segue um padrão de apresentação em se canta o primeiro hino na chegada, um pedido de permissão de entrada, onde o anfitrião recebe, a bandeira e a imagem perpassando em cada cômodos da casa e pedindo ao santo proteção, saúde e felicidade. O segundo hino é o de despedida, quando o morador retorna com a bandeira e formaliza a doação para realização da festa. Logo em seguida, o último hino é tocado especificamente para a família que recebeu a bandeira, a qual se ajoelha em reverência e faz suas preces e assim se precede e todas as casas, retornando no dia da recolhida Silva (2013). O dia com maior expectativa dos participantes é o dia 19 de janeiro, em que, uma grande multidão de devotos acompanhando a procissão externalizando sua devoção e fé,

Um momento de grande significado para muitos participantes com os quais mantivemos interlocução é o da “*recolhida*”, em que, a bandeira retorna para igreja se constitui uma conjuntura carregado de fortes emoções, tanto para família Figueiredo como

para os devotos da comunidade. Consequentemente os envolvidos depois de um longo período de empenho concluem sua missão, como os mesmos consideram o papel desenvolvido no período de festa, tal ocasião é esperado na capela, antes da bandeira ser entregue ao festeiro, senhor Juscelino Bernardo Figueiredo, são feitas três voltas no entorno da capela com todos participantes junto com o andor de São Sebastião, onde se concentra um aglomerado de pessoas participando do desfecho. Silva (2013).

(...) a recolhida do santo é o momento mais esperado. A gente fica esperando lá na frente aquele povão acompanhando. A minha mulher recebe a bandeira e leva pra frente e minha parte é agradecer os *folieiros* e todos que participaram. (Entrevista Juscelino Bernardo Figueiredo. Arquivo pessoal 2013.)

Depois da cerimônia da recolhida inicia a confraternização com a janta preparada acompanhada pelo churrasco e o baile. O último dia da festa é chamado de “Soca”, assim designado só para os índios nos tempos que se iniciou a festa, mas hoje já não se fala mais.

A finalidade de detalhar de forma simplória a dinâmica da festa, e reforçar o quanto a mobilização micro e macro das famílias que não se restringe apenas ao festeiro, mas o empenho geral dos envolvidos e destacar em linhas gerais que a festa se apresenta como um fato social total entre os Terena da Aldeia Buriti, onde a organização possui a característica única, reforça a manutenção de solidariedade e o fortalecimento da identidade étnica. Mauss chamou de *fato social total*, a capacidade de mobilização que aparecem no Kula descrito por Bronislaw Malinowski ou o Potlatch descrito por Franz Boas. No período de realização da festa ocorre uma proporção maior de ajuntamento de pessoas e acaba de certa forma sendo consciente ou não a alianças matrimoniais, políticas e religiosas, nas quais promessas feitas e cumpridas são formas de se relacionar como o divino e manter relações de reciprocidade e aliança política. (Mauss, 2003).

Vale ressaltar que a festa está atrelada ao processo histórico, seria impossível não dizer da necessidade urgente da expansão da territorialização entre os Terena da Aldeia Buriti, reforçando o quanto é de suma importância para a resistência e a luta por direitos na região, com destaque pela terra tradicional. Esse empenho e esforço pela ampliação que é por direito foi marcada pela morte o indígena Oziel Gabriel, morto por policiais armados que ali chegaram para fazer cumprir um mandato de reintegração de posse, ocorridos em 2013. Nas explicações dos autores citados anteriormente:

A superpopulação da reserva Buriti potencializa as dificuldades de convivência que ocorrem em qualquer sociedade. Assim, o fato de viverem, segundo dizem, amontoados numa reserva muito pequena, causa prejuízos morais para a sociedade, como o caso bem exemplifica, no desentendimento entre pai e filho pela disputa de espaço para as atividades econômicas. Mostra também que o deslocamento para os 2.090 ha definidos como Terra Indígena ocorre desde a década de 1930, data de início de implantação da maior parte dos estabelecimentos agropecuários. (Eremites de Oliveira & Pereira, 2012, p.152).

A situação acelerou uma série de discussões sobre o direito às terras de onde os Terena foram expulsos na primeira metade do século XX, bem com a indenização dos fazendeiros que possuem título de propriedade na área. Há 2.090 hectares regularizados como terra indígena, cuja área de ampliação, em mais de 15.000 hectares, ainda em litígio na esfera da justiça federal, totaliza 17.200 hectares, conforme explicado a seguir.

A superpopulação da área gera muitas dificuldades de convivência entre as lideranças das aldeias e este é, sem dúvida, um dentre tantos motivos que impulsionam os Terena de Buriti a reaverem suas antigas áreas para, dispondo de mais espaço, poderem construir uma disposição espacial que distensione as relações sociais então conflitivas. (Eremites de Oliveira & Pereira, 2012, p.210).

O fato de detalhar elementos presente nesse encontro de festejos católicos, não inibi as demais manifestações de variadas festas realizadas no local, mas destaco por tanto para demonstrar que nessa região e nesse período acima discorrido desenvolve uma mobilização no meio social que está presente em muitas comunidade Terena que segundo Santos descreve brilhantemente sobre bailes e alegria ao demonstrar o contentamento “*ser, alegre, saber alegrar, receber com alegria, demonstrar alegria e animação*” (Santos, 2023). É uma característica presente nas comunidades Terena e essa receptividade demonstrada com satisfação e “*alegria*”.

1.5. A caminhada do povo Terena

O Terena ou aquele que sai da Terra “*Poké'e*”, onde suas raízes e origem advém do interior da sua existência e que rompe barreiras para além de fronteiras geográficas, busca caminhos que reeditem a rotulagem imposta ao longo do processo histórico, conhecidos como “mansos, pacíficos, aculturados” para aqueles que avançam, construindo

pontes, trieiros, meios, habilidades, funções, incumbências sem deixar suas ações étnicas sobrepondo os inúmeros percalços.

Uma das descrições falaciosas que é dita sobre o povo Terena é de que seriam aqueles que não são mais indígenas, como um faz de conta, “assimilado”, “aculturados”, pela quantidade de acontecimentos que impactaram a vida dos Terena, principalmente com a instituição do SPI e a implantação das reservas indígenas.

Farei uma breve retrospectiva de lugares por onde vivi desde o nascimento em território kaiowá, especificamente na Terra Indígena de Caarapó, na aldeia de Teykue, onde tinham famílias Terena residindo antes de nossa família chegar ali. Depois, crescer na região norte do Mato Grosso do Sul, nas aldeias das Terra Indígena de Taunay/Ipegue, na aldeia Lagoinha (Kali Lavona) onde a predominância étnica é Terena, ao morar em Belo Horizonte conheci uma família Terena que havia recentemente chegado para estudar e trabalhar buscando uma melhor condição de vida por lá. Ressalto também a oportunidade de aprimorar meus estudos com professor doutor Jorge Eremites ao conhecer e estudar a Festa de São Sebastião na região do Buriti onde conheci pessoas incríveis, de uma receptividade única e atualmente constitui família em Reserva Indígena Horta Barbosa na aldeia Jaguapiru – Bororo/Dourados, uma região multiétnica com presença de famílias Terena. Há também familiares, amigos e conhecidos Terena que residem em diversos lugares como Campinas, Mogi da Cruzes, Brasília e em diversas cidades do Mato Grosso do Sul.

Pretendo com isso ressaltar que a presença Terena, em todo território brasileiro, perpassando pela busca de melhorias no estudo e trabalhando em variados segmentos da sociedade, circulando afetados e afetando os espaços por onde circulam.

Os Terenas das Terras Indígenas do Buriti, do Taunay/Ipegue, Limão verde, de Anastácio, das aldeias Urbanas de Campo Grande, de Bauru, Terenas da Reserva Horta Barbosa espalhados em todo Território brasileiro transitam em diversos mundos os quais ampliam e reforçam características e códigos étnicos e se conectam em um mesmo ponto que está definido com território ou como chamamos “*Poké’e*”, o que surgiu da Terra e enfrentou diversos desafios que se apresentaram diante dos mesmos.

Em todos os espaços acima citados possuem características de sociabilidade, integridade e pluralidade em busca de um bem coletivo e apesar de diversos impasses redescobriram e reconfiguraram cada ambiente encontrando a oportunidade de confeccionar seus traços culturais, sendo os próprios atores sociais que definem em conjunto como valorizar seus conhecimentos e transmitir a comunidade que faz parte, pois

os mesmos, são afetados por mudanças locais e globais a cada impacto com o “outro” e trazem assim a pertença e o ressignificado da identidade Terena.

Destacarei, dentre muitos, apenas alguns representantes da etnia Terena que desenvolveram um papel muito significativo dentro das Terras Indígenas e fora delas também, levando o nome de nosso povo e de nosso território para o Brasil e para o mundo:

Mariano Justino – Marcos Terena, indígena da região de Aquidauana (MS) da Terra Indígena Taunay/Ipegue trabalhou como piloto da Fundação Nacional do Índio (Funai) sendo o primeiro piloto indígena, representou o Brasil no grupo de trabalho da Organização das Nações Unidas (ONU).

Doutor Luiz Henrique Eloy Amado, Terena em Aquidauana (MS) da Terra Indígena Taunay/Ipegue. Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da UFF e Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ. Possui pós-doutorado em ciências Sociais pela Ècole des Hautes Ètudes em Sciences Sociales, França. Participou como advogado da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), é um líder que luta pelos direitos dos povos indígenas em representação no Supremo Tribunal Federal, na Corte Interamericana de Direitos Humanos e no Tribunal Penal Internacional e atualmente é secretário executivo do Ministério dos Povos Indígenas (MPI).

Fernando da Silva Souza Junior, Terena da Reserva Indígena de Dourados (RID) (MS), inicia um caminho como o primeiro promotor mais jovem indígena de Justiça, no estado do Pará, hoje um representante no Ministério Público.

Doutor Paulo Baltazar, Terena nascido na Terra Indígena Cachoeirinha, Miranda (MS). Doutor pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD e o primeiro professor Terena concursado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como docente do curso de Geografia para a Licenciatura Intercultural Indígena, possui longa trajetória na educação escolar indígena.

Doutor Antônio Carlos Seizer da Silva, Terena da Terra Indígena Cachoeirinha (MS). Doutor em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Doutorando em Antropologia pela Universidade de São Paulo. Membro do Conselho Editorial da Revista Tellus - NEPPI/UCDB. Membro do Conselho editorial da Revista Articulando e construindo saberes – UFG. Atua na formação de professores em nível médio e superior, com ênfase no ensino de Matemática, Práticas pedagógicas, Projeto Pedagógico Indígena; Legislação educacional e criança/ infância indígena.

Doutor Wanderley Dias Cardoso, Terena em Aquidauana (MS) da Terra Indígena do Limão Verde. Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Doutor Elison Floriano Tiago, Terena de Aquidauana (MS) da Terra Indígena Taunay/ Ipegue da aldeia Água Branca, doutor em Entomologia e Conservação da Biodiversidade pela Universidade Federal da Grande Dourados, atualmente aprovado no Pós- DOCS em ecologia no Instituto privada SERRAPILHEIRA.

Doutora Lindomar Lili Sebastião, Terena de Aquidauana (MS) da Terra Indígena Taunay/Ipegue da aldeia Água Branca, primeira doutora em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Doutora Tatiane da Silva Pereira, Terena, Primeira Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Sticto Senso em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (PPGE-UCDB) com a tese “Vukapanavo Sêno têreneo”: A presença das mulheres no movimento indígena - desafios e percursos.

Laura Feliciano Paulo, primeira indígena Terena de Aquidauana (MS) da Aldeia Aldeinha Anastásio a formar no curso de Medicina na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no Rio Grande do Sul.

Zuleica da Silva Tiago, Terena de Aquidauana (MS), da Aldeia Água Branca, a primeira da região a passar no curso de Medicina na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em Três Lagoas.

Amanda Caetano Amorim de Aquidauana (MS), da aldeia Córrego Seco, aprovada em primeiro lugar em Medicina na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

DJ e ativista Eric Terena, de Miranda (MS), da Terra Indígena Cachoeirinha, comunicador e artista participou da pré COP 26 (Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2021), na Itália.

Éderson dos Santos primeiro jogador indígena, de origem Terena de Aquidauana (MS), da Terra Indígena Taunay/Ipegue, nasceu em Campo Grande. Foi convocado para jogar na Seleção Brasileira de Futebol neste ano.

Essas representações são uma parcela daqueles que saíram e fizeram suas andanças em outros espaços, e tem muitos que estão traçando seus caminhos em diversas áreas e tem demarcado espaço com sua presença e tem levado consigo esse dinamismo Terena, constituindo a possibilidade de sobrevivência, administrando a rotulagem negativa imposta e reconstruindo “*trieiros*” que ampliam conexão dessa imensa rede de Terena pelo mundo de forma positiva. Cada um com sua atuação abrindo picadas nas mentes por onde passam

carregando dentro de si, a força e a possibilidade de construir vínculos que se interligam e que vão sendo gestado, originados de sua natureza e que ganha vida própria e se constitui na expectativa de traduzir, reproduzir e reconfigurar e adaptar onde estiverem.

A contribuição desse conjunto de abordagem é salientar que cada qual foi se desenvolvendo e constituindo espaços da vivência, com suas especificidades, mas que, contribui para o fortalecimento da voz Terena “*emo’u Têrenoe*” ambos buscando reintegrar dos direitos aos territórios tradicionais, fortalecimento étnico, saúde, educação, conservação ambiental, cultura etc...

O cenário atual requer dos estudantes e profissionais indígenas o aprimoramento técnico para que possam ter ações mais assertivas na busca de um conjunto de práticas para desconstruir o que foi imposto ao longo do tempo como os efeitos da colonização no meio social na dependência econômica, cultural.

Vertentes da antropologia trazem contribuições que podem ser acessadas como forma de propor discussões de valorização cultural e ações que abrangem discussões de políticas educacionais, de saúde, ambiental mais contemplativas e mais visíveis para o povo indígena. No capítulo seguinte destacaremos histórias de vidas de algumas mulheres que com sua vivência romperam estereótipos e abriram “picadas” e nos propõe reflexões sobre a trajetória dessas Terena que ainda encontram diversos empecilhos, mas que constroem pontes mais acessíveis.

Capítulo II

Trajетórias e Circulação de Mulheres Terena em Mato Grosso do Sul

A pesquisa recorreu de maneira rigorosa onde se fez uso da metodologia etnográfica que possibilita e busca compreensão e contextualização de comportamentos, experiências, histórias de vida e práticas sociais é um recurso que explora alguns aspectos subjetivos presentes em ações do meio social e que a partir das experiências e relatos partilhados, nos proporciona uma melhor compreensão.

No caso aqui apresentado são trajetórias pessoais que são carregadas de influências internas, porém, não se desvinculam de um contexto histórico Terena, pois acessam informações aprendidas e desenvolvidas ao longo do tempo vão ressignificando e transmitindo patrimônios culturais.

As participantes no desenvolvimento desse capítulo são respectivamente oriundas das Terra Indígena Taunay-Ipegue que prontamente se dispuseram em contribuir com suas trajetórias de vida. A coleta desses dados foi possível pela ida ao campo e pelas conversas

estabelecidas com as respectivas mulheres pessoalmente e por telefone. Antecipo que poderia ampliar várias histórias de vida de inúmeras mulheres, porém, nos restringiremos a essas aqui apresentadas.

Nossa perspectiva é ampliar discussão da formação da identidade e compreender que tais trajetórias forma uma expansão de espaço frente aos desafios de cada momento experienciado que construíram caminhos e principalmente estratégias dentro de sua realidade e puderam acessar espaços que deram novas configurações, mas que carregam códigos sociais do seu “tronco de origem”.

Destacaremos de forma sucinta, a partir do recorte da vivência de quatro mulheres de minha rede de parentesco que encontram nos rastros de um imenso espaço social que apresenta o quanto as várias mulheres fizeram e fazem diálogos do papel da mulher, como articuladora e podendo ser consciente ou inconsciente do empoderamento, como o alcance da visibilidade política que muitas tem alcançado.

O Povo Terena desenvolveu em sua trajetória de possibilidades e fortalecimento de sua identidade na perspectiva de que seus remanescentes pudessem de forma criativa reagir ao negacionismo e buscar desenvolver o seu melhor em cada fase existencial.

Faremos uma breve reflexão a partir da dinâmica social que desenvolveu em diversos lugares e de variadas formas de rituais e cerimônias e que se tornou possível, pois, foi nutrido pela referencial da identidade que alimentou e fortaleceu as redes de mobilização e organização de sociabilidade terena.

Relatos de algumas das mulheres com suas experiências e vivências que buscam construir trieiros e ressignificam e reelaboram seus papeis não de forma marginalizada, mas que escolhem como inúmeras mulheres dar visibilidade em suas comunidades e na sociedade em geral através dos conhecimentos tradicionais, agricultura, destacando o quando já fizeram e fazem em seus espaços e se propõem a continuar fazendo criando metodologias próprias no interior de suas casas.

A mulher indígena através desse conhecimento contribui ricamente o fortalecimento da identidade cultural e o fortalecimento de direitos e de opressão territorializando espaços de decisões e participação em uma sociedade justa democrática. Um processo de gestar a humanidade, a produção de vida, a mulher tem um papel fundamental na cultura Terena como a sementeira de códigos, símbolos, formatos de relações e organização social.

2.1. Circulação de Mulheres Terena

Ao retornarmos de forma muito sucinta ao passado obscuro da história brasileira, percebemos em todo território brasileiro os passos de um conquistador que aponta em direção à um novo mundo para ele e nesse encontro deixou sombras a medida que ia penetrando e adentrando um espaço que já havia histórias de vida em um determinado tipo de organização, porém, o desejo e o impulso de conquista impediam de perceber outro exterminando, dominando culturas, desrespeitando modos de ser e viver por onde chegaram. Esse breve relance de acontecimento drásticos apocalípticos até o século XXI, deixaram sequelas, marcas, hostilidades dessa violência em todos os âmbitos de um ser humano indígena. O que se ouve em muitos espaços brasileiro é “minha vó foi pega a laço!” carrega um peso e a dívida de uma sociedade que violou o corpo dessa mulher, trazendo doenças, acabando com a dignidade de alguém que foi vista como objeto sexual.

A sombra renascentista planejada carregou consigo a trágica história que se instaurou na figura do indígena brasileiro. No encontro entre essa mulher indígena com o homem branco, nasceu o povo brasileiro discutido por Roberto Gambini (2000) onde se aproveitou e violou os corpos femininos e a cultura, a ancestralidade, crenças, símbolos, significados, foram menosprezados. A partir dessa abordagem temos um problema que surgiu, o ofuscamento de uma identidade indígena nos primeiros séculos após a chegada do colonizador e em passos lentos vem, através de diversos profissionais intelectuais indígenas das variadas etnias, dando ecos na onde se silenciara uma nação indígena, buscam incessantemente discutir o outro lado que por anos foi abortado. Proporcionar um espaço as “mulheres” e, de certa forma, pôr em destaque essa identidade que sobreviveu as duras punições de um encontro catastrófico é também reparação histórica.

É fundamental pôr em evidencia o papel dessa mulher e ressaltar a resistência presente naquela que gesta, cuida, alimenta, protege, comparada a natureza que faz brotar do seu interior a vida, a mulher também no seu interior – mas também no seu exterior, produz vida.

Assim, existe a potência da mulher que se desenvolve dentro do espaço em que se encontra e está atrelada ao tipo da estrutura interna que está dentro de si e que circula para o meio onde as crianças são diretamente influenciadas por essas informações.

Nessa observação mais atenta, do entorno da mulher se obtém informações sobre as gerações de parentescos, de conhecimentos medicinais, que são passados na observação diária, no geral não possuem formação universitária, mas são donas de um saber notório,

dão suporte onde não há atendimento convencional de profissionais da saúde e seus saberes simples, mas complexos, salvam vidas e mantem uma rede de sociabilidades.

Existe também aquela mulher indígena que ao sair do seu meio e circular em outros espaços conciliam novos valores, possibilitam e ampliam novos lugares, suscitam ideais para as novas gerações, um caminhar que agrega novas construções em variadas esferas, porém, auxiliando na maior compreensão de quem nós somos, como forma captar os passos que foram dados anteriormente e conciliando a conexão com a identidade de ser Terena fortalecendo cada vez mais essa potencialidade seja na educação, na saúde, na política, no púlpito das igrejas, etc...

A circulação dessas mulheres Terena está em constante movimentação circulando em feiras, nas festas, nas ruas, nas escolas, nos cultos, nos jogos, nas lutas, nos nascimentos, em casamentos, em mutirão e essas vivências carregam sua dinâmica cultural, política, econômica.

O sentido de um existir também é construído no processo das diversas circulações e trajetórias vivenciadas e experienciadas, aqui pensamos trajetórias como os variados “trieiros” que se constituem no entorno das aldeias, na circulação do trânsito cidade-aldeia, e que levam para diversos lugares, há as que se conectam em algum ponto, podendo ser pelas histórias de vida, pelos graus de parentesco, pela solidariedade que se estabelece no meio social.

A trajetória carrega consigo pontes que foram e vão sendo construídas devido a variados abismos que surgiram, mas que encontra em remanescentes que estavam condenados ao desaparecimento de histórias, línguas, culturas a oportunidade de reeditar a agressividade e a violência de um suposto “desaparecimento”. Um dos povos dentre muitos estão os Kinikinau, segundo Albuquerque (2012), povo que foi considerado “extinto”, mas como estratégia de sobrevivência se mantiveram em silêncio durante muito tempo, o que favoreceu a possibilidade de reaver todo a construção de sua história e sair da situação do invisível e reivindicando seus espaços.

Nesses “trieiros” da vida que são comuns, podemos encontrar as variadas possibilidades de reeditar as caminhadas que favorecem a possibilidade de fortalecimento étnico, seu *ethos*, como ser humano que possui direitos a suas terras tradicionais. Como também o espaço na luta política que declara incessantemente pela luta pelo terra, pelo território tradicional, pois compreende que a importância do modo de vida está alinhada uma à outra.

Um outro processo que a circulação dessas mulheres para fora tem levado é a ocupação para além da aldeia estendendo, esticando as estacas da estrutura para onde vão.

De geração a geração que se passa é possível visualizar os passos dados que levam a distancias incalculáveis, espaços construídos originados de um primeiro passo realizado em algum momento e lugar por aqueles que vieram primeiro, nossos antepassados que adubaram, nutriram com saberes, fortaleceram as raízes que florestaram a imensidão da vida percorrida.

Os povos dessa “Pátria amada, idolatrada” sobreviveram à inúmeras atrocidades desde o encontro com os invasores europeus que aqui chegaram pelo litoral, desde sua chegada tentaram formatar um tipo de identidade europeizada sem permissão, impondo as visões da civilização, tentaram desfazer as bases de uma humanidade indígena existente, exigindo que todos pudessem se adequar a sua cosmovisão de mundo, mas subestimaram, pois, esses povos sabem muito bem que são de luta, a luta que ensinou a gente a prosseguir.

Nos encontros ocorridos foi inevitável a feitura de feridas que ainda existem e causam tremores na história desses povos “foi pego a laço”, “são selvagens”, sofreram inúmeros estupros, violentados no corpo, na alma, acorrentados pela violência do espírito, amordaçando a criatividade e amputando a relação com a terra. A invisibilidade das comunidades tradicionais deixadas nesse imenso Brasil escolheu sufocar e deixar despercebido as inúmeras histórias dos primeiros habitantes e suas cosmovisões diante da vida, impossibilitando o reconhecimento da diversidade de culturas.

Desfazer o subconsciente de que o atraso econômico está subjugado a um determinado grupo que decide viver de um outro modo de vida e classificando os que podem pertencer ou não a cobiçada “civilização”, associa-se ao “índio” que de propriedade só possuía sua própria vida, o que foi dito até o presente momento não possui nada de inovador, é apenas um traço em meio a um vasto processo histórico brasileiro que nos forjou em vários fragmentos ou povos com sobras existenciais.

O processo histórico mais recente é decorrente desses fragmentos que cada povo ou indivíduo reconstruiu suas memórias, recorrendo ao que foi vivenciado e de momentos experienciados em diversas viagens e descobertas rumo a resistência permanente, frente a diversos impasses e o sentido da vida que é fabulosa em sua construção. Perceber como as coisas são, como elas se desenvolvem nas relações de vivência e cada transformação são partes de um grande emaranhado relacional que fazem inúmeras conexões.

O que não se esperava é que está pulsando nas casas de cada indígena, nas aldeias “reservas” ou ainda nas aldeias urbanas, nas fronteiras, nas cidades nos grandes centros em

que a ferramenta de sobrevivência é a “consciência de si” que desfaz a passos lentos dos estereótipos classificatórios que acabam enjaulando em caixas existenciais, os sistemas construídos de forma camuflada na expectativa do já dito “embranquecimento social” persistente que subestima a criatividade de uma aquarela de multiforme e multiétnicas. Os saberes que cada povo carrega não se desvincula de forma alguma da preservação do meio ambiente, essa correlação abre portas nos diversos ganhos que a humanidade tem em todas as áreas de saberes, desmascara ideias equivocadas de “conhecimentos raros, pobres” que minimizam e inferiorizam as ricas informações.

Hoje, o maior desafio é o espaço e o tempo, a criação de pontes em que haja comunicação e proporcione a junção de gerações que tecem as relações fio a fio. Na busca pelo sentido da vida seja ontem, seja hoje, os acontecimentos não são apenas marcadores de tempo, mas sim parte de conjuntos de informações que constitui o nós no macrocosmo existencial.

Recorrendo a proposta de Dumont (2003) que com seu olhar nos leva a construção de pessoa a partir de uma construção histórica e cultural, mas que possuem sua especificidade em cada sociedade, assim nos direciona a refletir sobre a construção da identidade pessoal e simbólico a partir de si, ou seja, de seus mundos particulares, em que está associada à terra, conhecimentos ancestrais, e forças espirituais, a noção de pessoa se liga ao ambiente e a comunidade. Assim está posto o desafio em nossa abordagem sobre a vivência dessas mulheres em um determinado tempo e espaço, pois as mulheres ao qual focamos de forma ampla circulam em vários ambientes, mas está vinculada a cultura agindo e se comportando de forma específica.

Na visão dumontiana (2003) focada na sociedade indiana sobre inúmeras características que se formaram e seus estudos formidáveis, a construção de “pessoa” contribui muito para caminharmos no universo feminino terena com ressalvas pois não é um padrão terena preestabelecido, delineado ao modo global, mas, de uma mulher que possui especificidades culturais e concepções de vida.

O tracejar de uma caminhada de um sujeito social está associado também a um histórico e o quanto se amplia os diversos espaços e tempo que o sujeito está inserido a sua atuação, identidade, o meio familiar e o quanto de esforço e necessário para aperfeiçoar a interação com seu meio e lembrando que a comunicação é super importante como

ferramenta e o quanto de processos de transformação nesse encontro e desencontro de lugares e meios, mas que também se conserva os códigos culturais onde se vivencia e experencia novidades.

Em se propondo realizar um recorte e refletir sobre a trajetória de vida de alguém se percebe que no começo de tudo existem caminhos que estão atrelados a outras histórias, trago a seguir algumas trajetórias de mulheres, por onde consigo olhar a história do meu povo e da circulação das mulheres terena. Nessas histórias abaixo é um início de caminhada que certamente é muito ampla e possui características de como tal sociedade se organiza aqui especificamente, podemos direcionar uma outra questão apresentada no trabalho Terra Indígena Buriti (2012), dos especialistas Jorge Eremites de Oliveira e Levi Marques Pereira, ao discorrerem sobre os “trancos” que foram descrito por lideranças locais, pontuando a estrutura familiar e conseqüentemente descrevendo a organização social que vão sendo tecida. Essa composição citada acima também se apresenta nos demais territórios terena de diversas regiões. São pequenos grupos familiares que vão se constituindo se fortalecendo e podem ser visto partículas fundamentais de pertencimento de um corpo social maior ou ainda podendo ser potencialmente formadora de outra comunidade.

Essa distribuição também facilita a convivência social, pois no tronco convivem pessoas que se consideram relacionadas por laços de parentesco próximo, baseados na consanguinidade ou afinidade. Por outro lado, esta forma de organização social, especialmente perceptível, também serve como estratégia de adaptação cultural ao meio ambiente local, com proposito de minimizar os impactos negativos por eles causados sobre os recursos naturais de área ocupada (EREMITES e PEREIRA, 2012, p. 130).

Os trancos vão se constituindo em tempos e espaços, constroem particularidades em determinadas regiões podendo aproveitar e otimizar os recursos naturais que possuem no território e que contribui no convívio de cada família nuclear que encontra um espaço para a sociabilidade terena conduzindo a política interna e externa.

Com as variadas demandas em diversas áreas que vão surgindo nessas comunidades vão se apresentando vários desafios que impulsionando a busca de melhoria pessoal, coletiva, surgem inúmeras histórias de vida e superação atingindo e demarcando espaços. Décadas anteriores o espaço público de debates havia pouquíssimas mulheres participando e atuando, já nos espaços domésticos a atuação era bem maior, exercida em tempo integral na maternidade, no cultivo de roças de subsistência e principalmente na educação cultural. Isso vem mudando, pois, as mulheres Terena tem ganhado voz saindo de uma posição marginalizada e construindo a visibilidade e representatividade tanto geográfico como no

meio social. As experiências das inúmeras mulheres que ousaram sair de seus espaços de suas comunidades acabam moldando seu processo identitário e seus tipos de papéis que passam a exercer de maneira mais participativa e articuladora, mas destacamos a resistência em adaptar e novos contextos.

2.2. Meu tronco, minha força – a trajetória de minha mãe Nilza Miguel



Faremos um breve retorno na estrada da vida de Nilza Miguel da Silva que nasceu no dia 15 de março de 1951, na aldeia Bananal que faz parte do PIN Taunay, na região de Aquidauana, localizada na parte norte da região Centro Oeste do nosso imenso Brasil, onde morou até os 11 anos de idade. Depois se mudou para Aquidauana com seus pais Reginaldo Miguel e Helena Fialho Miguel e suas irmãs menores Zilda e Enilda e tinha dois irmãos que haviam falecido, assim a família decidiu ir em busca de um melhor sustento para vida. Foi um tempo de muita dificuldade pois todos eram falantes da língua Terena e a primeira vivência fora da aldeia foi muito diferente, pois tiveram que aprender a falar o português, a comunicação era a maior dificuldade para estudar, pois, não entendia o que se falava na escola onde frequentou com seus irmãos ao chegar na cidade.

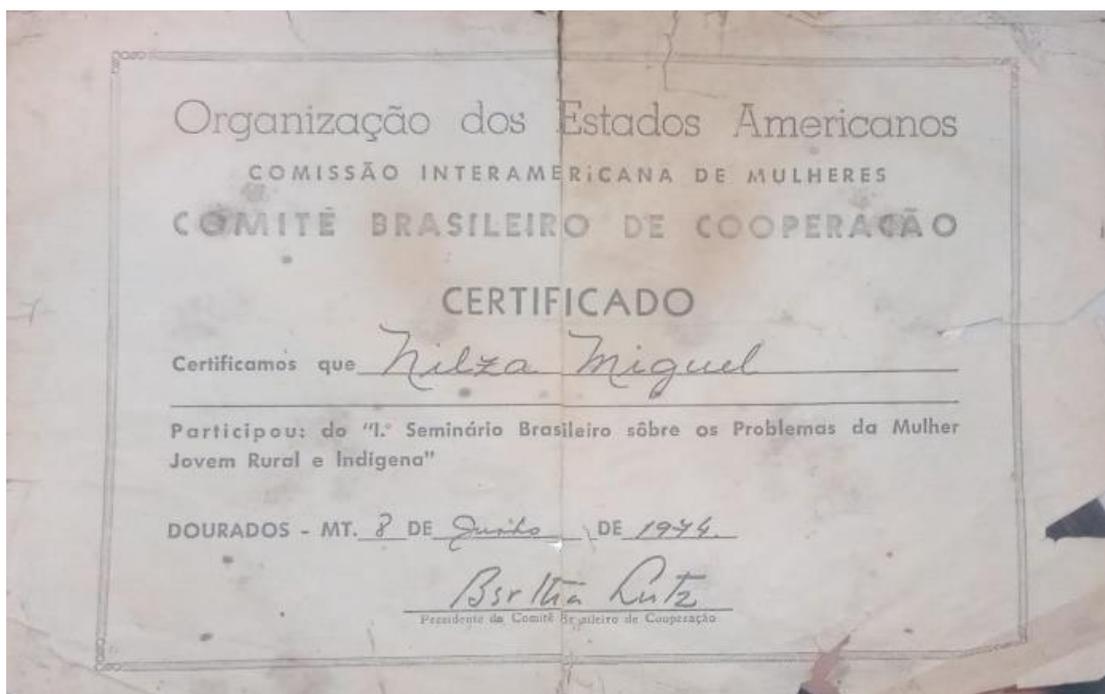


Figura 6- Diploma de minha mãe em formação sobre problemas das mulheres - 1974 - Acervo pessoal da autora

Antes de se mudarem meu avô Reginaldo Miguel decidiu ir na frente para procurar um lugar para ficar com seus filhos, assim que chegaram e se acomodaram, ele procurou uma escola para que minha mãe e seus irmãos pudessem estudar, iniciou então seu primeiro ano no colégio batista de Aquidauana ficando até o terceiro ano, dos 12 anos até aos 14 anos de idade. Nesse espaço de tempo, minha mãe começou a trabalhar cuidando de crianças para ajudar nas despesas de casa.

Com o desejo de fazer o curso de teologia, meu avô se mudou para Campo Grande foi antes de levar a família para arrumar o lugar onde ficariam, nesse intervalo de preparo vinha até Aquidauana de "leitorina" um trem de apenas um vagão que não precisa de uma locomotiva pra puxá-lo, pois, tinha seu próprio motor e na época era mais barato. Depois de conseguir ajeitar e organizar o lugar onde acomodaria a família, o vô Reginaldo buscou a mudança que foi feita de trem, na época não tinha limite de bagagem, então, tudo que tinham foi ensacado e todos foram para capital, ali tiveram um outro momento difícil para acostumar a cidade grande, minha mãe com 15 anos passou a trabalhar como doméstica em várias casa, porém, foi na casa de família turca onde ficou mais tempo que esperava, saindo só pra retornar pra aldeia.

Assim, no ano de 1971 já com o curso concluído de teologia de meu avô, retornaram para aldeia de Lagoinha, também no PIN Taunay. Quando alguns parentes da aldeia ficaram sabendo que meu avô já havia concluído o curso de teologia, disseram que

estavam precisando dele, pois tinham responsável pela igreja da aldeia, mas que não ficava direto e queriam alguém que pudesse ficar em tempo permanente, então meu avô ficou responsável por dirigir uma igreja e logo depois assumiu a capitania da aldeia, passando a organizar a estrutura da comunidade e logo percebeu a necessidade da construção de uma escola na aldeia, pois tinha muitas crianças, juntou todos os moradores da comunidade e fizeram a primeira escola.

Todo material da escola foi construído pelos próprios moradores, as mesas eram de coqueiro aberto no meio, os bancos também eram feitos de coqueiro aberto, mas com o suporte de pau, a escola era feita de sapé, então meu avô pediu a minha mãe que pudesse ensinar as crianças na escola da comunidade.

Minha mãe trabalhou sem remuneração durante um ano e percebeu que não era isso que gostaria de fazer, então sua irmã Enilda seguiu como professora em seu lugar. Mesmo não estando em sala com as crianças, trabalhou na organização e na estrutura da escola, como arrecadar material escolar.

Tinha um radialista de Aquidauana que era conhecido como Martelinho, o nome dele era Antônio Garcia e tinha um programa na rádio Independente e ajudava muito com doações que eram feitas no seu programa arrecadando lápis, caderno, lápis de cor, borracha. Meu avô sempre que podia ia até a cidade para buscar o material para atender os alunos, assim, dividiam o lápis, o caderno pela metade para durar mais tempo.

Surgiu então a primeira turma na formação de atendente da saúde indígena onde minha mãe foi contemplada para fazer o curso nos anos de 1973/74 realizada em Dourados na Missão Caiua, o curso era por módulos que aconteciam de forma trimestral e ficavam no internato na Missão e o estágio ocorria no hospital da Missão, eram realizadas algumas visitas na comunidade do Jaguapiru e Bororo, os alunos vinham de diversos lugares e diferentes etnias, foi uma preparação para atuar nos Postos Indígenas, na época eram 45 estudantes.

Logo após se formar retornou para trabalhar na aldeia do Bananal, onde, ficou por três anos e depois foi transferida para na aldeia do Teykue, no município de Caarapó/MS, se mudando com toda família, nessa época tinha apenas três filhas Alessandra, Adriana e Silvia. Nessa aldeia morou por 7 anos onde aprendeu e conheceu muito da cultura Kaiowá, nossa casa era próxima a escola e participava ativamente dos movimentos que aconteciam na comunidade, desenvolveu um bom relacionamento com os moradores.

Como desempenhava os conhecimentos de parteira realizou muitos partos e cuidados com a gestante, pois, era difícil o deslocamento para a cidade. Na época não havia

energia elétrica, assim, adquiriu um lampião a gás, passando sempre a ser convidada pelos moradores para ajudar a organizar festas, como também para ser madrinha de casamentos. Meu pai também ajudava nas atividades e no curral comunitário que tinha na aldeia, como era goleiro os times da aldeia sempre convidavam para os finais de semana para participar dos campeonatos que por lá aconteciam, assim passavam pra buscá-lo de trator. Como era de costume a família toda ir acompanhado, todos nós acabávamos indo para os torneios.

Passados os 7 anos de trabalho no Tey´kue abriu -se uma vaga para o retorno para trabalhar na aldeia Lagoinha, assim nos mudamos novamente, agora já tinha mais quatro filhos Reginaldo, Rejane, Roselayne e Carlos Ronaldo, ao todo já eram sete filhos, o tempo passou os filhos cresceram, casaram tiveram netos, trabalhou na região do Ipegue, Bananal, Agua Branca, Morrinho, Imbirussu onde se passaram 27 anos de trabalho na saúde indígena, num período que era muito difícil o deslocamento e por isso sempre recorreu a medicamentos tradicionais e o atendimento era a realizado na maioria das vezes a pé ou a bicicleta quando tinha.

Hoje aposentada vive na aldeia Lagoinha, não atua mais como parteira, mas, sempre tem alguém da comunidade, da educação, estudantes da escola fundamental, estadual e também aqueles que estão fazendo pesquisa na faculdade aparecem pedindo alguma história da fundação da aldeia, do começo da escola, algo da saúde, uma oração, hoje ajuda dessa forma.

Não sei se é certo eu pensar assim, mas vem muita gente conversar e pedir conselho familiar, como briga de casal, dificuldade com filhos, tem jovens que estão se preparando pra casar aparecem em casa pra conversarmos, sempre tem gente procurando ajuda, não tenho palavra suficiente, mas aquele pouquinho eu tento ajudar com alguma palavra que eu posso passar pra eles e o que gosto muito e fala de Deus. (entrevista Nilza Miguel da Silva. 2024)

2.3. Descrição de uma vida – Trajetória de Suely



Figura 7 - Suely durante celebração terena. Foto de Suely, 2024.

Suely Gerônimo Pereira, nascida no dia 26 de março 1979, tem 44 anos, é filha do Sr. Sófio Gerônimo (*in memoriam*) e de dona Enilda Miguel Gerônimo (*in memoriam*), é a

segunda entre os 07 irmãos, casada com Job Pereira, mãe de 03 três filhos, 02 noras e 01 netinha. Natural da aldeia Lagoinha -Aquidauana-MS, reside na aldeia urbana Nova Canãa, no município de Campo Grande - MS.

Conta que em sua infância foi muito feliz, pois se recorda das brincadeiras de antigamente, contar historinhas, correr embaixo do pé de manga, árvores que até hoje existem na aldeia. Logo no ano de 1987, cursou a 1ª série do ensino fundamental na escola Municipal Indígena Marcolino LILI na aldeia Lagoinha. Em casa, ouvia os seus pais falando quase sempre no idioma (língua terena), mas com os filhos era só em português. Teve uma educação que considera muito boa, porém em relação a língua materna era muito raro de se falar, até mesmo na escola, creio que neste tempo não havia ainda uma educação diferenciada, intercultural e bilíngue.

Em 1988, mudou-se para a cidade de José Boitex- SC, devido a transferência do seu pai como enfermeiro da FUNAI para a aldeia dos Xokleng (outra etnia), em Duque de Caxias, e sua mãe como professora. Nesta aldeia deu continuidade aos estudos, cursando do 2º a 4ª série do ensino fundamental na escola Vanhecu Patté, município de Ibirama-SC. Lembra que foi muito difícil se adaptar, pois era totalmente uma outra cultura, e com o clima diferenciado do qual era acostumada, pois era frio quase o dia inteiro, o bom disso era que como jovem se encantava em ver as águas das possas, as gramas e em cima do telhado, as águas congeladas e as fortes neblinas.

No ano de 1991, chegando aos 12 anos, contudo, começou a observar a ausência dos seus pais devido as questões profissionais deles. Iniciou as responsabilidades de casa muito cedo, sempre ajudando a mãe no que era possível, pois era professora e ainda tinha um bebê de 07 mês e estava gestante, além disso, seu pai começou a ficar doente (diabetes). Nesta correria quase não tinham diálogo, nesse tempo se lembra que um dia sua mãe lhe disse “filha logo você vai menstruar”. Conta que se recorda de ter saído da sala muito preocupada ao ponto de perguntar para o irmão o que era essa palavra.

Ainda no ano de 1991, teve que sair de casa para poder cursar o 5º ano, na cidade de Moema-SC, não se recorda quantos km, mas era uma viagem de quase duas horas para chegar à escola. Então seu pai decidiu procurar uma casa para alugar, e não tendo o valor do aluguel, Suely começou a trabalhar como ajudante em um restaurante, em troca de hospedagem. Na escola se encontrava com o seu irmão e seu primo que vinham de ônibus à escola, e na oportunidade levava pães para eles, pois sabia que saiam muito cedo de casa para poder estudar, ficavam muito felizes. Exatamente naquele mesmo ano, seu pai perdeu

a visão e decidiu voltar para a aldeia de Lagoinha. Suely teve que parar de estudar e seguir viagem retornando para a cidade de origem.

Em 1992, retornou aos estudos onde cursou o 5º ao 7º ano do ensino fundamental na escola municipal General Rondon na aldeia Bananal, aonde ia a pé com 2,400 quilômetros para chegar nesta aldeia, mas mesmo com a distância, quando juntavam com os colegas, onde quase todos eram primos, enfrentavam sol, chuva, seca sempre com muita expectativa de iniciar mais um dia na escola, e buscar por conhecimentos e aprendizagem. No ano de 1996 concluiu o ensino fundamental na escola municipal Marcolino Lili na aldeia Lagoinha.

No ano de 1997, devido ao desemprego dos seus pais, e a falta de saúde, de ambas partes, começou a gerar conflitos familiares dentro de casa. Aos 18 anos se casou com seu esposo e foi morar na aldeia Moreira na cidade de Miranda-MS. Retornou a Lagoinha onde teve o seu primeiro filho, uma fase de muita dificuldade, no qual na aldeia não havia emprego, e então, seu esposo começou trabalhar como autônomo, com cursos que tinha na área de eletrônica, começou a consertar rádios e televisões na época, único meio de renda e sobrevivência. Como gostava de cantar, no ano de 2000, Suely foi com o seu pai (já sem visão) e a sua família para a cidade de Goiânia, para gravar um CD evangélico, foi realizado a gravação do CD “Só Gloria” com um total de 12 músicas, inclusive com 02 músicas na língua materna de autoria do seu avô Pr. Reginaldo Miguel. Ainda em Goiânia, conseguiu pela saúde indígena, a cirurgia de catarata para o pai, uma grande vitória, pois após 10 anos sem a visão, podia enxergar novamente, pela graça de Deus.

No ano de 2002 retornou à cidade de Miranda com a família, e iniciaram tudo novamente (casa, móveis, roupas, trabalho), era muito difícil, pois Suely ainda não tinha uma formação. Procurou falar com a prefeita daquela cidade, e lhe pedir ajuda como solicitar um vale de compra de mercado, tinha necessidade de ter pelo menos leite para as crianças, e foi onde ela perguntou para Suely se ela tinha uma formação, que respondeu que seu esposo tinha magistério, e imediatamente o encaminhou para a secretaria de educação, pois seria contratado. Em 2005, Suely começou a trabalhar como atendente no Centro de Referência de Assistência Social de Miranda, lugar que fez, com que se interessasse a ser futuramente uma Assistente Social. Com apoio do seu esposo, pode concluir o estudo no ensino médio, e a concluir o ensino superior de Serviço social pela universidade de Tocantins - UNITINS-EAD, no ano de 2013, no qual persistiu constantemente, apesar de enfrentar dificuldades e até mesmo preconceitos por ser

indígena, não desistiu, pois tinha todo apoio da família e a fé em Deus que nunca nos deixa só.

Logo, seu esposo pediu a demissão do seu trabalho, e com o recurso que tinha decidiu empreender na área da panificação, foram muitas tentativas de se fazer um pão saboroso e de qualidade, pois não tinha nenhuma experiência como padeiro. Suely começou a ajudar na administração da empresa procurando regularizar os documentos necessário para a abertura da MEI, encontraram muitas barreiras, e principalmente por ser indígena, alegavam que por ser na área indígena não podiam liberar o CNPJ, entraram em contato com os órgãos responsáveis e exigiram o que era de direito, e conseguiram abrir a Micro Empreendedor Individual-MEI. No final de 2013, transferiram a padaria para a aldeia Lagoinha- Aquidauana-MS, convidou a sua irmã para trabalharem juntas, resolvendo pôr o nome Fantasia da empresa como “Mercearia e Padaria S&A” na Lagoinha.

Em 2015, trabalhou por um ano como monitora na escola Marcolino Lili, um trabalho que trouxe grandes experiências. Em 2016 a 2021, retornou como administradora da Mercearia e Padaria S&A. Neste período também junto com seu esposo foram indicados como os terceiros presidentes da Igreja Batista Indígena na aldeia Lagoinha.

Nas aldeias indígenas, creio que a maior dificuldade é o emprego, e assim, essa situação faz com que muitos indígenas saiam da sua própria aldeia indo para outras cidades, para poderem ter sua fonte de renda e poder se sustentarem. No caso de Suely, que nunca atuou em sua área de formação, e já estava há mais de 08 anos formada, tinha o desejo de atuar, por isso na oportunidade que surgiu o processo seletivo na cidade de Campo Grande -MS, para assistente social, decidiu com apoio do esposo fazer a inscrição.

No mês de setembro no ano de 2022, Suely foi convocada para assumir o cargo como assistente social na Unidade de Acolhimento Institucional para Família e Adultos- UAIFA 1, na cidade de Campo Grande- MS, onde se mudou para este lugar, e conseguiu residência na aldeia urbana Nova Canaã e reside junto ao seu filho de 25 anos, que também veio em busca de trabalho, hoje trabalha como assistente administrativo na empresa do Correio.

No ano de 2023, concluiu um ano de experiência na UAIFA 1, confessa que no início não foi nada fácil, pois há quase 10 anos tinha se formado e com o tempo estacionou nos estudos por várias dificuldades. Começou com muita humildade, falando a realidade para a sua Coordenadora, porém para ela era como se tudo fosse novo (pessoas, atitudes, modo de ver de falar, e outros) um choque devido a nossa cultura, principalmente em termo da tecnologia, a dificuldade de se manusear esse instrumento, conforme o tempo e a ajuda

de alguns colegas conseguiu aos poucos se adaptar no trabalho, e conhecer melhor as redes do equipamento municipal.

Com muita gratidão a Deus e pelo trabalho que tem, como Assistente Social, acredita que pode ir além, buscar por mais conhecimentos se especializando, realizando cursos de capacitação na área do serviço social, e de uma forma voltar com trabalhos sociais e contribuir para a sua comunidade. Como cantora, pretende continuar louvando a Deus, e busca gravar o segundo CD, onde através do louvor, primeiramente engradecer a Deus e divulgar a língua terena através da música no idioma. Assim, vai caminhando na certeza de que como mulher terena, pode continuar na luta, seguindo exemplo de sua mãe e avó como grandes mulheres guerreiras, com gratidão ao *Itukoóviti*, a família e ao povo Terena.

2.4. *Um pouco de mim, como estudante, professora e mãe Terena – trajetória de Cristiane*



Figura 8 - Cristiane - Foto de Cristiane Marques, 2024.

Meu nome é Cristiane Vertelino Marques, nasci no dia 13 do mês de setembro do ano de 1971, moro na Aldeia Lagoinha, Município de Aquidauana – MS, sou casada, mãe de 2 meninos e 3 meninas, tenho 4 netinhos lindos.

Antes o acesso à educação era difícil, pois, para quem almejava avançar nos estudos, precisava sair da aldeia para dar continuidade em seus estudos e muitos desistiam porque não tinham condição de ir pra cidade, hoje o ingresso para a aprendizagem é mais acessível.

Entrei pela primeira vez em uma escola em 1980, neste ano começava a minha vida escolar. Entre os anos de 1980 a 1982, cursei o Ensino Fundamental de 1ª a 3ª série na Escola Municipal Indígena Marcolino Lili, na Aldeia Lagoinha. A primeira professora a gente não esquece, e não foi diferente comigo, até hoje me lembro muito bem da minha primeira professora do 1º ano, quando ela cantava para nós dessa forma: “O meu lápis vai rodando, vai rodando sem parar, ela faz uma bolinha para a menina brincar.”

E no ano de 84, cursei a 4ª série na Escola municipal General Rondon na Aldeia Bananal, acordava cedo para ir a pé à escola que ficava uns 2,4 quilômetros, pois naquela época não havia transporte escolar, não importava se o dia fazia chuva, frio ou sol, todos os dias estava na escola. O que mais gostava na aula era quando a professora corrigia os exercícios e eu acertava todos e ela escrevia no meu caderno: “Excelente”, isso me dava mais ânimo para me dedicar aos estudos.

Já nos anos de 1985 a 1988, cursei a 5ª série até a 8ª série na Escola Evangélica de 1º grau “Lourenço Buckman no Distrito de Taunay, durante esses anos não foi fácil, encontrei muitas dificuldades, pois cada disciplina tinha uma professora ou professor diferente, e nesta escola tinham estudantes indígenas e não indígenas, fui me adaptando aos poucos e da mesma forma ia a pé para a escola que ficava uns 3 quilometro da minha casa, mas isso fez com que eu me esforçasse cada vez mais, queria ter uma profissão no futuro.

No ano de 1989, fiz um curso de enfermagem em Aquidauana, mas não deu certo, talvez essa área não era para mim. Depois fiz o curso de datilografia na cidade de Bonito, onde fui morar com meu avô que pastoreava uma igreja lá. Estudar naquela época era muito difícil, cursar o 2º grau, como era chamado na época, ainda na aldeia já era difícil, cursar uma faculdade para fora da comunidade era mais árduo, parecia um sonho que não iria alcançar. Hoje estudar se tornou mais atingível, pois há transportes que levam e trazem os acadêmicos, e até mesmo cursos que são oferecidos nas aldeias.

Então em 1994 surgiu a oportunidade de ingressar no 2º grau, cursar o magistério em Campo Grande, curso de férias oferecido pela A.E.C (Associação de Educação Católica de Mato Grosso do Sul), na Escola de 2º grau Pe. “Félix Zavattaro”, como naquela época

nas aldeias e distrito só tinha o 1º grau aproveitei a oportunidade e fui fazer o curso, embora encontrei muitas dificuldades para sair da minha aldeia e ir para Campo Grande, consegui realizar o curso. Desde então, descobri dentro deste curso de magistério, o que eu queria ser, uma professora. No mês de agosto do ano de 1994 com 23 anos fui morar com meu esposo, não foi fácil construir uma família sem ter o mínimo de ganho por mês para o sustento, foi então que percebi que precisava ter um emprego, mas pra isso precisa terminar os meus estudos e assim continuei a estudar mesmo com bastante dificuldade, e ainda cursando o magistério tive a minha primeira filha. Hoje uma moça linda, batalhadora, professora de Educação Física.

No ano de 1998 a prefeitura Municipal de Aquidauana, abriu um concurso diferenciado para professores indígenas, fiz o concurso e consegui passar, hoje sou concursada da prefeitura com 20 horas, e sou grata a Deus por ter essa profissão de onde busco o meu sustento e o da minha família. É necessário citar que antes de trabalhar como professora trabalhei 2 anos de bibliotecária e isso também contribuiu para que eu me encantasse em ser alfabetizadora.

E, em 2000, surgiu no Município de Aquidauana o curso Normal Superior Indígena oferecido pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, para professores que estavam em sala de aula e que não tinha a graduação, fiz o vestibular e passei então fiz o curso de 2001 a 2004. Quando fiz a faculdade, esse tempo foi bem difícil pra mim, pois tinha que sair pela manhã, pegar o ônibus na sexta, e no sábado, ida e volta, era bem cansativo, e fazia sempre isso de 15 em 15 dias para assistir as aulas presenciais em Aquidauana, por mais que nessa época já estava exercendo a minha profissão, mesmo assim encontrei bastante barreiras, as vezes tinha passagem de ida, mas de volta não tinha, às vezes tinha dinheiro pra comer alguma coisa, outras não tinha, mas mesmo assim persisti, não desisti e conseguir vencer, todas as dificuldades, barreiras que encontrei, pois tinha um propósito, um objetivo, um sonho na minha vida, e um Deus que nunca me desamparou, está sempre comigo.

Penso que temos que estar sempre buscando conhecimento, diante disso, em 2014 fiz a Especialização em Culturas e Histórias dos Povos Indígenas na Universidade Federal de Mato grosso do Sul. Aprendi muito, porém sei que sempre terei muito a aprender, então não pretendo parar por aqui, com fé em Deus, tenho certeza que ele irá me ajudar a chegar mais adiante e cursar um mestrado, pois é mais um dos meus sonhos que pretendo realizar.

A vida na aldeia é bastante tranquila, bem diferente da cidade, gosto muito de morar aqui, a grande dificuldade é que aqui na aldeia, não há trabalhos (empregos), o único serviço

é na área de saúde ou educação e isso infelizmente não é suficiente para empregar todos que necessitam trabalhar, esse que é o nosso grande problema. E muitas famílias precisam sair da aldeia em busca de trabalho.

A minha participação nos movimentos indígena surgiu ainda quando era criança vivenciando a luta do meu avô, o Pastor Reginaldo Miguel (*in memoriam*) que militou para defender os direitos dos povos indígenas. Como liderança, ele buscava melhorias para a comunidade, então participei de vários movimentos indígenas, como: retomadas, fechamento de rodovias em protestos por direitos indígenas, reuniões como grandes assembleias indígenas (encontros de lideranças de várias aldeias e municípios). E atualmente, sempre busco estar envolvida em movimentos indígena. E por sermos indígenas, somos discriminados, sofremos preconceito, mas isso faz com ergamos a cabeça e caminhamos mais ainda em busca de conquistas, tenho orgulho de ser índia Terena. “Posso ser o que você é sem deixar de ser o que sou”.

Hoje sou feliz pelos filhos, filhas, nora, genro e netinhos que tenho, família abençoada, apesar da situação do meu esposo, ele é diabético e faz hemodiálise, mas mesmo assim, sou grata a Deus por tudo.

2.5. “O que tinha atrás daquele morro?” – trajetória de Rejane



Figura 9 - Rejane - Foto de Rejane Miguel, 2024.

Rejane Miguel da Silva tem 43 anos, casada, três filhos, pertence a etnia Terena. Coordenadora técnica do corpo de enfermagem da casa de apoio ao Índio de Campo Grande. Nasceu no dia 12/ 02/1980 na aldeia Lagoinha. Aldeia que ama muito, seu lugar de refúgio, sempre que vai pra lá esquece dos problemas das atividades diárias, da correria da capital de Campo Grande.

Nessa aldeia nasceu, cresceu e estudou até a quinta série, pois não tinha mais como continuar, então foi para a aldeia mais próxima que era aldeia do Bananal, iam de manhã e andavam 2 quilômetros ida e volta, lembra que era bem difícil nesse período, iam a pé, não

tinha bicicleta, em dia de calor, frio, chuva. Fez até a sexta série e aí a sétima e oitava foi implantada na sua própria aldeia e pode fazer parte da primeira turma da oitava série.

Sempre pretendeu continuar a estudar, mas nessa época não tinha como, se quisesse continuar deveria sair da aldeia, e assim foi para a cidade mais próxima que era Aquidauana. Aquidauana é cercada de morro, conta que sempre olhava aqueles morros e tinha a curiosidade de saber o que tinha depois daqueles morros, hoje ela conta que depois daquele morro tinha o seu futuro.

Foi muito difícil ir pra Aquidauana, mas teve pais que sempre incentivaram a estudar, sempre ajudaram. Sua mãe percebeu que queriam continuar a estudar, alugou um quartinho bem pequenininho, mas que dava pra eles dormirem, fazer as refeições e assim iniciou o seu ensino médio na escola Estadual Cândido Mariano, concluindo em 1999.

Infelizmente depois de concluído o ensino médio, a preocupação era de como manter a faculdade, porém o gasto seria maior, mas devido a problemas financeiros retornou pra aldeia naquele momento. Mas, seu desejo era de terminar os estudos, então ficava em casa estudando sozinha o pouco que havia recebido no ensino médio do colégio Candido Mariano, o material que tinha era o que Rejane estudava para o vestibular.

Fez o primeiro vestibular pra matemática, não era o que ela queria, passou na segunda chamada, mas como naquela época só tinha orelhão na aldeia, não tinha celular, telefone, não tinha como entrar em contato com a faculdade pra ver o resultado.

Assim que foi pra cidade de Aquidauana ficou sabendo que havia passado na segunda chamada, porém, já estava na matrícula da quinta chamada. Tentou se justificar, mas infelizmente perdeu o período de matrícula, voltou triste para casa, mas não desistiu.

Continuou a estudar e no ano seguinte se inscreveu no vestibular pra letras, mas, não era o que queria também, mas fez o que tinha mais vaga. Passou no vestibular na primeira chamada, fez a matrícula e correu atrás de como se manter. Conseguiu vaga na casa do estudante, conseguiu cinquenta por cento de xerox e cinquenta por cento de alimentação. Assim, iniciado o estudo, fez todo o primeiro semestre na marra por que não era o curso que queria fazer e então decidiu voltar pra aldeia.

Retornando pra aldeia decidiu abandonar o curso, sua mãe ficou muito brava, quase lhe bateu, pois foi muito difícil conseguir tudo que já tinha conseguido pra se manter na faculdade e desistiu, foi embora e não quis voltar pra faculdade.

Mas, sempre teve em mente o que é que tinha atrás daquele morro, daquele muro, como havia dito antes, sabia que era o seu futuro.

Um dia escutou no rádio que estava aberta a inscrição do vestibular com cota indígena, na época não sabia muito bem o que era, mas foi atrás. Tinha que ir na aldeia do Bananal, se recordo que foi na chuva, de bicicleta e tinha que pagar uma taxa de vinte reais e na época era muito, em 2003. Sua mãe sempre apoiando lhe disse que pagaria pra Rejane, se ela quisesse, mas com a condição de não desistir.

Então se inscreveu no vestibular de enfermagem que seria em Dourados, não conhecia a cidade, não sabia como era o clima que tinha em Dourados. Enfim, passou no vestibular na primeira chamada e foi enfrentar a situação, era uma situação nova e tudo que novo causa um certo medo, mas foi, sua mãe disse que não era pra desistir de novo e então foi enfrentar o novo com a cara e com a coragem.

Chegando em Dourados foi até o *campus*, era retirado da cidade e Rejane não sabia onde ficava, mas foi e conseguiu fazer a matrícula. Lá conheceu um outro indígena que também estava fazendo matrícula que chegou nela e perguntou se ela tinha um lugar pra ficar e disse que não, ele informou que havia um albergue e podiam ficar lá até conseguir um outro lugar pra alugar e ele também não conhecia a cidade de Dourados, assim ficaram três meses na casa da acolhida nesta cidade.

Depois, conseguiram alugar uma casa com estudantes indígenas, mas não deu certo pois muitos estudantes não tinham como se manter e acabava sobrando pra alguns alunos pagarem o aluguel e ficou bem difícil pra Rejane, como tinha uma igreja batista próximo da casa onde morava, começou a frequentar. A zeladora da igreja pediu ao pastor se dava pra abrir um quartinho no fundo da igreja pra que Rejane pudesse continuar a estudar, participar na igreja, assim ela ajudava a pagar uma luz, uma água, pra se manter na faculdade e assim ficou por dois anos. Como o clima era bem diferente, acabou estranhando, pois achava muito frio, foi um desafio a ser enfrentado.

Mas a dificuldade maior seria dentro da faculdade. Nós indígenas enfrentamos muito preconceito, o indígena sente quando é rejeitado, quando não é bem vindo no lugar, não precisa falar, o indígena sente, e isso vinha de colegas de classe, de vários outros cursos.

Rejane fez parte da primeira turma de acadêmicos indígenas a entrar pelas cotas e percebeu que os professores também não estavam preparados para receber estes estudantes, que por natureza já são mais quietos, e ela mais ainda por ser tímida, assim, quando tinha dúvida ia embora com elas da aula e acabava não perguntando.

Havia uma espécie de barreira entre professor e aluno indígena, não havia ligação nenhuma e aí nas aulas práticas havia dificuldade de compreensão e isso dificultou o seu tempo de término na faculdade. Teve que repetir o ano e era a primeira turma que o curso

de enfermagem estava implantando aulas temáticas que reuniam um grupo de matérias em uma sala apenas, se ficasse em uma matéria ficava retida na unidade temática e não tinha como passar de ano, teria que repetir novamente e Rejane ficou em fisiologia, bioquímica retida naquele ano pra fazer na unidade temática 1.3. Eram matérias difíceis pra entender, não ia pro segundo sem fazer essa unidade e a média era 7.0. Hoje já não tem mais essa unidade por que ficou comprovada que prejudica o aluno e a média abaixou pra 6.0.

Passou-se o tempo e Rejane se adaptou ao clima, a rotina fora da aldeia, longe da família principalmente. Foi muito difícil, nós indígenas temos essa ligação familiar forte, mas enfim, concluiu em 2009 o curso e conheceu seu esposo na UEMS, ele é biólogo, se casaram e iniciaram os processos seletivos para os concursos. Rejane fez o processo seletivo da SESAI 2011, mas nesse período antes da seletiva seu esposo era professor na Escola Francisco Meirelles na Missão Caiuá, assim ela pegava aulas de reposição ou substituição.

Em 2011 fez o processo seletivo e foi aprovada na cidade de Campo Grande, não era uma cidade que estava nos seus planos, pretendia voltar pra Aquidauana onde mora sua família e atuar nas aldeias de lá ou Bonito onde morava a família do seu esposo. Não tinha interesse de morar em Campo Grande, mas só havia vaga lá, e foi-se embora.

Sabe que se fosse para Aquidauana, trabalharia somente com sua etnia, e em Campo Grande é a sede onde tem as principais e diversas especialidades, vem etnia de todo Mato Grosso do Sul, de Dourados os Guarani, Kaiowá, Guató, Kadiueu, Kinikinau, Terena. Hoje, Rejane tem o privilégio de entrar em contato com todas as etnias, mesmo sendo Terena, nem na faculdade tinha esse contato. Essa diversidade lhe proporcionou muito aprendizado, pois cada paciente reage de formas diferentes em determinadas situações, um exemplo disso quando o parente vai a óbito, os terenas se abraçam, choram, os kadiwéu também, os guarani ficam mais retraídos, mais reservados, quase não se abraçam nesse momento, entre outras coisas que aprendem a lidar e respeitar.

Na CASAI de Campo Grande recebem indígenas de outros estados como Roraima, Cuiabá pois fazem tratamento aqui. Na faculdade aprendemos teoria, mas, na CASAI é que de fato aprendemos a prática do convívio, o perfil de enfermeira, o perfil de olhar o outro e sentir a dor do outro, atendemos pacientes oncológicos em fase terminal, pacientes que fazem hemodiálise, pacientes com tratamentos paliativos, acabam por acompanhar as dores dos pacientes.

Em 02/01/2011 entrou na CASAI e já se passaram doze anos, muita experiência que adquiriu alguma ruins, que serviram pra se auto analisar e crescer como profissional,

desenvolver a espiritualidade em Deus, pois Rejane acredita que temos que recorrer em momentos de adversidades, contraditórios e tomadas de decisões, a busca de sabedoria pra conversar com o paciente, entendimento pra solucionar os problemas dentro da instituição.

Hoje, está na coordenação técnica de enfermagem, mas, desde de 2021 assumiu tanto na assistência, coordenação e chefia. Assim que assumiu a coordenação, o chefe da CASAI havia saído, acabou assumido toda a responsabilidade de um chefe, liderando 32 pessoas, cada uma de forma diferente, cada um tem o seu valor, sua religião, cada um defende aquilo que é certo, ali são várias terceirizadas, da limpeza, da cozinha, dos vigilantes, dos motoristas e da enfermagem então, tinha que lidar com tudo isso. Em junho desse ano veio uma chefe pra assumir e puderam dividir os serviços, agora está apenas na coordenação por que foram contratados mais enfermeiros.

Conta que Deus o tem dado sabedoria pra desenvolver um serviço que seja de boa qualidade pra a clientela que é o indígena. Sabe que quem veio de aldeia sabe das dificuldades dentro de uma comunidade, então busca dar o melhor, pede pra equipe dar o seu melhor, por que muito dos pacientes saem meia noite da aldeia, duas horas tem que estar nos polos, aí passa o ônibus da prefeitura para que as seis da manhã estejam em Campo Grande, alguns descem na CASAI por que já conhecem o sistema, outros descem no local de referência, o serviço é dar suporte aos pacientes, aqueles que já conhecem, ligam pra buscar, fornecem alimentação, repouso e transporte para o lugar de referência. Rejane organiza toda essa dinâmica para que todos sejam atendidos da melhor forma possível. Atualmente exerce a cinco anos a coordenação desse local.

As narrativas apresentadas por essas mulheres simbolizam no aspecto geral da tradição Terena que passou por inúmeras modificações na sua trajetória por elas vividas é semelhante a muitas outras que ao adentrarem em mundos diferentes precisaram compreender, aprender, obter o consentimentos de quem chega de fora foi inevitavelmente em muitos casos para dominar as regras locais, principalmente em espaços multiétnicos.

Segundo (Pereira,2009) as situações do momento em que se surgem ações aos quais proporciona o desenvolvimento da interação no social podendo ser para adotar o formato organizacional, adaptando ao meio multiétnico, ou ainda, para permanecer com a estrutura de suas famílias e exercer a pratica cultural.

A formação social Terena se institui na negociação. Negociando os Terena concretizam o projeto de seu *ethos* civilizador, combinando e dosando procedimentos oriundo de universos dos *natiachas*, da escola, da igreja, ou de outras instituições da sociedade nacional. A negociação opera a partir de um caráter seletivo, orientado com o modo de ser terena, o que permite continuar sendo terena mesmo com as ampliações ou mudanças dos sujeitos com as quais se negociam. (Pereira, 2009 p 161)

A despeito das mulheres Terena em todo território brasileiro sempre estão encarregadas da preservação e propagação cultural, essa mulher está dentro e fora de casa vendendo nas feiras produtos das roças, artesanatos, como também pesquisadoras, lideranças em suas comunidades, atuando na educação, na antropologia, na saúde, no meio político para defesa dos direitos dos povos indígenas.

Sêno Têrenoe atualmente transpõe expectativas sociais e culturais agindo no meio produzindo e sendo produzida em diversos setores. No próximo capítulo vamos ampliar a reflexão sobre esses espaços onde tem se desenvolvido seu protagonismo e onde se desenvolve suas habilidades culturais.

Capítulo III

Sêno Têrenoe - Mulheres Terena

Retomando os processos históricos do povo Terena é inevitável perceber as mudanças ocorridas devido as variadas intervenções políticas, econômicas, tecnologias, socioambientais enfim, todo aparato presente nos “*tempos modernos*” pensando a partir de (HALL,1992) sobre a incorporação, reprodução a implicação e desenvolvimento da cultura no espaço micro para o macro do meio social e sobre os impactos da modernidade a cultura que é afetada de alguma forma.

A construção da identidade cultural Terena foi afetada e tocada e causando transformações acima citada, onde atravessou toda sua constituição desde a saída do Êxiva no século XVII momento importante desse povo , posteriormente a participação na Guerra da Tríplice Aliança (MIRANDA, 2006) período que sofreu um dos maiores impactos da sua história, pois ocorre o processo de dispersão e a busca por trabalhos na fazenda, mudanças significativas foram acontecendo para sobrevivência como as inúmeras alianças que foram sendo estabelecidas.

A capacidade de realizar a sociabilidade na interação, fortalecendo laços, o processo de internalização das normas, valores ocorre até hoje no espaço interno das casas Terena onde é processada e reproduzida e prossegue para as demais fases.

A proposta desse capítulo é discorrer as características da mulher Terena na prática do dia a dia e principalmente, o quanto dessa tradição está presente na dança, no modo da estrutura familiar, nas organizações das festas realizadas nas comunidades, e principalmente na fala feminina em casa e fora de dela.

Está posto a reflexão de observar e aplicar - se, concentrar, cultivar e externar a história desse povo onde estiver, faremos menção as caraterísticas dessas mulheres fortes “*xúnati senó*”.

Nesse capítulo faremos destaque a esse empoderamento que ficou marcado nas últimas décadas, principalmente estando frente das comunidades reivindicando melhorias pra si e para o meio, desconstruindo estereótipos. Esse processo é contínuo e demanda uma educação de qualidade, empatia e tomada de consciência para que se tenha uma representação autêntica e respeitosa no meio social valorizando a cultura, território e direitos.

3.1. Sêno Têrenoe – Mulheres Terena



Figura 10 - Sipiterena - Dança das Mulheres Terena. Acervo pessoal da autora.

É relevante destacar o cotidiano dessas mulheres Terena dentro da própria sociedade brasileira, espaços que elas permeiam cotidianamente entre idas e vindas, enfrentando desafios nem busca do complemento para a sobrevivência, e principalmente, o enfrentamento com o preconceito existente no interior da sociedade envolvente... Dessa forma, a Mulher Terena vem se posicionando e dando a sua contribuição na forma mais íntegra de convívio dos indígenas envolvente demonstrando a sua atuação enquanto mulher expansionista. (Sebastião, 2012 p. 97-98).

Pensar na formação humana perpassa pela gestação dos nove meses para além do útero, pois esse humano vivencia etapas na sua formação que não ocorrem individualmente, mas, é no coletivo que se apresenta e o reconhece como parte, apresentando e reconhecendo a sua ancestralidade, sua história, tornando familiar carregado de símbolos e signos, que vão sendo tecidos nesse espaço existencial em que se inicia a vida e a desenvolve baseada no conhecimento que lhe é fornecido, forjando valores e escolhas e formando etapas que vão evidenciando o formato de como se vive e se organiza um determinado local.

O saber da educação da vida se dá no núcleo familiar e são inseridas ou acrescentadas as cosmovisões de mundo particulares que se interligam, interconectam,

entrelaçam com a natureza e a prática da vivência do cotidiano, onde se faz e ocorre o sentimento de pertença de cada grupo.

As cosmovisões, então, são construídas nesse coletivo variado, em diversos espaços, em um conjunto de convivências em que o papel da mulher se desenvolve no interior da casa, das festas, das articulações políticas, organizações de associações, de encontro de mulheres que se discute cuidados básicos, criação de filhos como aquele que possa receber o necessário para ser um ser que conhece os códigos culturais de sua própria sociedade.

O enfoque nesse capítulo está em descortinar um espaço próprio carregado de sentidos com perspectivas próprias que é o espaço da mulher terena que possui uma visão familiar bem fortalecida, por mais que sofra variadas mudanças e perpassa por infinitos desafios ainda assim é uma espécie de guardiã de saberes culturais, que transmite em uma roda de conversa tomando tereré, nos afazeres simples de casa lavando roupa, louça, limpando o quintal, etc... nessa interação pode se perceber o tempo, o vento, no canto de determinado animal trazendo anúncios de futuros acontecimentos como forma de se preparar pelo que poderá vir acontece, aguçamento dos ouvidos para diferenciar sons, a sensibilidade apurada, cognição aperfeiçoada, reações corpóreas frente a determinadas situações e um conjunto de ações e realizações que são compreendidas pelo convívio e práticas constantes.

Essa necessidade de aprimoramento do papel dessa mulher que retorna a ensinamentos praticados pela ancestralidade no cuidado, na relação um com outro e com a natureza, pois existe a comunicação da natureza com as pessoas, mas precisa saber ouvir e perceber para compreender e isso é transmitido no dia a dia.

Ailton Krenak (2019) nos propõe a reflexão sobre o antropoceno – a era marcada pelos impactos da existência humana – informando o sentido da existência baseada na experiência em que se constitui o ser humano que só é possível devido a construção do corpo e do sujeito se dar no coletivo e não de forma desmembrada, fragmentada, compartimentada, diluída, mas no sentido da vida ligada diretamente a natureza no diverso de conexões.

Um coletivo presente na construção do “eu” que se constitui por um povo, por uma rede, pelas famílias que vão se estendendo a partir de troncos, pelos agrupamentos e que está presente seu jeito Terena de ser como a territorialidade.

A conexão desse corpo com o meio, com “*poké’e*” a terra, o território que vem do interior, nutrido, alimentado, fortalecido, que recebe o alimento necessário pra que produza frutos saudáveis que possam alimentar gerações que constitui seu próprio tronco familiar, mas pra isso deve se conhecer regras de vivência para a realização de tarefas corriqueiras como, por exemplo, realizar plantação na roça se tiver menstruada pode levar o fruto ficar com carunchos comprometendo a qualidade, preparar alguns alimentos, colheita de remédios tradicionais, preparo da cerâmica, realização de podas nas plantas.

Destaquei algumas atividades em que as mulheres devem seguir regras para executar com sucesso a atividade, ou seja, por exemplo quando se está menstruada (*Karinéti* = doente) há uma grande influência, dependendo da atividade a ser realizada como plantio, colheita na roça ou na coleta de ervas medicinais. As ceramistas da Terra Indígena Cachoeirinha seguem à risca para a escolha da argila, quando realizam o trabalho com a cerâmica se dedicam inteiramente a essa atividade para que haja sucesso na execução das cerâmicas. Respeitando tanto o processo natural do corpo, quanto o processo a ser efetuado no material, pois ambos estão conectados e será realizada a produção de algo de forma saudável, tanto da natureza quanto do corpo dessa mulher.

É importante frisar que a menstruação não é negativa, mas que precisa se compreender o corpo e respeitá-lo como parte da produção, pois não se deve desmerecer a conexão existente entre o corpo e a matéria, ou seja, o material a ser produzido uma vez que se interligam em uma grande corrente.

Um casamento Terena geralmente acontece de forma que toda comunidade possa presenciar, participar, confraternizar com a família que está se formando, normalmente ao se darem em casamento, a marca que está tudo bem no matrimônio é quando ambos apresentam a aparência de estar bem nutridos, pois ambos estão muito felizes ou seja, o “*okovo*” está bem nutrido, é como se cuidado e o amor fosse medido pela presença da barriga ou ainda, o belo se constitui de forma diferente, pois somos diversos, não há uma linearidade.

A frase “*eloketi ongovo*” é a frase que define o estado de estar muito feliz, satisfeito, bem alimentado, se traduzido ao pé da letra fica então “minha barriga está feliz”, isso quer dizer que um casamento traz essa configuração de felicidade e satisfação, contentamento mútuo do casal. Um outro fato que acontece em muitas comunidades Terena é quando o casal assumiu seu compromisso, geralmente ainda não tem casa, assim acabam indo para casa dos pais da mulher, onde a mulher recebe instruções nessa nova fase da sua vida até

formarem sua casa. A mulher mais uma vez, sem impor acaba demarcando o espaço e acaba sendo desenvolvido etapas no desenvolvimento da mesma.

A dinâmica interna social, política, espiritual, cultural indígena se adaptou a violência predeterminada de uma sociedade colonialista em comunidades indígenas, um exemplo disso é a tentativa de assimilação o rastro colonial que foi imposto.

Ao refletir sobre essa ideia que tentou de toda forma destruir essa interconexão da natureza do indígena com a terra, esquecendo que o mesmo é da terra, ou seja, faz parte do todo, e não fragmentos, são junções que se interligam e inseparáveis, pois, vem de dentro a construção de significados e que nomeia sua cosmovisão. Vamos remeter as catequeses imposta, o indígena nesse período se adaptou forçadamente, porém os saberes tradicionais não foram abandonados, contou com o papel dessa mulheres terena que manteve viva , ou seja, guardiãs desse conhecimento.

Ampliando essa discussão, o território é a identificação do indígena, não se desvincula, pensamos então que a noção de vida, morte, nascimento, a construção do humano vai sendo forjada em cada participante, gerando uma espécie de responsável coletivo que constroem os sentidos desse território em si, como consciência, compreensão de si, para além do geográfico.

O processo de inserir elementos que pudessem fragmentar as identidades dos povos originários de um longo período, gerou a necessidade de construir pontes de resistência em todo território, alguns construíram camuflagens, como forma de construir barreiras de proteção, cada qual em sua realidade se protegeu para sobreviver “ao novo mundo” imposto.

Mato Grosso do Sul é um estado que carrega uma dívida com todos os povos originários que aqui habitam, devido a invasão criminosa que se desenvolveu ao longo do tempo em sua trajetória, reforçou a desigualdade social com a violenta desterritorialização e hoje tem crescido diversos conflitos, é preocupante a construção de identidade, esse é um exemplo de quanto a interconexão do indígena com a terra é indissociável.

A criança dentro do seu ambiente recebe um processo lento, pois se constrói um ser humano que vai conviver com outros pares e com o meio ambiente do qual ela faz parte não se separa, mas vai desenvolvendo os sentidos que se interligam e que desenvolva nela o sentimento de vínculo indissociáveis. O ser humano completo que é, na sua maioria, respeita as fases da vida sem desvincular da natureza, pois a sua vivência intensa e o que se explora desse ambiente são transmitidas pelos familiares a relação de respeito, de uso, de cuidado que proporcione a criatividade no ato de simplesmente brincar. As mulheres

tem grande participação e responsabilidade nisso. Destaco a reflexão de Daniel Munduruku (2021) sobre o ato pedagógico que é comum nas comunidades indígenas e cada qual desenvolve a sua própria metodologia.

Então, a ideia da minha literatura é tentar fazer essa aproximação. E a onde é que a gente se aproxima? A gente cria essa ponte na infância. É quando as crianças ainda estão mais abertas para entender as diferenças, as diversidades. É nesse momento em que as crianças conseguem capturar o que é essencial no outro. É nesse momento em que as crianças conseguem construir a sua própria imaginação.

Se a gente oferece para as crianças outras narrativas, elas vão compondo essas narrativas até se sentirem plenas, completas e nesse sentido a gente pode imaginar que a literatura tem um papel militante, um papel de permitir que as crianças possam aprender outras visões de mundo, que elas possam se humanizar e possam crescer como pessoa, como pessoas mais tolerantes, mais respeitadas, com a diversidade. Entrevista Daniel Munduruku, 2021.

Ao evidenciar o processo interno que vai tecendo o modo de viver, a partir de um convívio, que é rico em detalhes e evidencia esse espaço micro de forjar signos, significados, simbologias, regras vivenciadas que vão sendo afuniladas nas famílias nas comunidades que se forma. Retorno de forma breve ao mito terena em que um povo sai do buraco, poderia dizer então que é no interior da família que se forja a permanência do modo de vida que é dado de dentro, pensando principalmente na transmissão de conhecimento, valores de uma geração a outra como uma ponte por onde se realiza a manutenção desses conjuntos de desenvolvimento pertencentes ao Terena.

Destaco então esse micro espaço do cotidiano que também está vinculado ao macro e principalmente a natureza, mas que fortalecem a persistência e se constroem a decodificação, recodificação, de sentidos.

Como os povos originários do Brasil lidaram com a colonização, que queria acabar como o mundo? Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século XXI ainda esperneando, reivindicando e desafiando o coro dos contentes? Vi as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos. A civilização chama aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transforma-lo em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade. Muitas dessas pessoas não são indivíduos, mas “pessoas coletivas”, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões de tempo. (Krenak, 2019, pg. 28/ pg. 29).

Focaremos no papel das mulheres que na língua terena se diz “*sêno*”, que tem o papel de cuidar dos filhos, da casa, do companheiro onde realiza a manutenção e o funcionamento das atividades internas, o que segundo a antropóloga guarani Sandra Benites em seu trabalho, ao explicar sobre corpos saudáveis, “Digo Território por que o funcionamento do novo corpo e o novo jeito de ser mulher são territórios e identidade, tem relação com diferença e especificidade (BENITES, 2018, p. 13).

Benites ao destacar a construção de identidade da mulher guarani define etapas e realizações em cada fase do ser humano sobretudo, e o se tornar mulher nesses deslocamentos de fases e ajustes dentro do meio social em que se está inserido, faremos um esforço de perpassar em algumas dessas questões junto as mulheres terena. Como é feito o corpo da mulher no processo da gravidez? Quais os cuidados tradicionais são tomados? Quando se busca o hospital: Todos buscam? Os terenas usam massagem, remédios, rezas? Como é a juventude da mulher terena? Namoro? Casamento?

A Doutora antropóloga Lauriene Seraguza ao abordar o lugar do fogo nas casas Kaiowá e Guarani destaca a indispensável ferramenta nas dinâmicas no interior das casas, em que se proporciona o aquecimento, o suprimento, o aconchego, ou seja, na sua ausência há falta de perspectiva e o sustento constante, assim que é a subjetividade da presença da mulher no interior da casa.

A produção de pessoa coloca as mulheres num lugar de autonomia e respeito perante a família; por isso, vem dela, muitas vezes a quebra de etiqueta entre eles indígenas nas situações em que são provocadas/convocadas a agir; quando a vida de seus parentes corre perigo, quando não mais podem crescer junto dos seus. (Souza, 2023, p. 140).

Todo ensinamento para as crianças é realizado pela atuação das mulheres, onde são apresentadas as primeiras regras de vivência social do dia a dia. O trabalho, a relação com a terra, construção das casas, vestimentas se recriaram, diante desse fato, ainda assim o povo Terena tem mantido nos dias atuais a língua, a dança o artesanato, as relações familiares e políticas. (BITTENCOURT & LADEIRA, 2000).

A mulher Terena por sua vez também se configura nesse espaço como aquela que semeia nos territórios da sua casa, demarcando as identidades que não são visíveis, porém, na sua ausência desestabiliza toda a dinâmica, e justamente nesse bastidor do núcleo familiar que se constitui a manutenção de ser, frente a variáveis que vão surgindo entorno da vida. Ou ainda, nas palavras de Lauriene: “São as mulheres que ensinam a viver no

mundo dos parentes, unindo as pessoas em parentelas, orientando-as a reconhecer-se e a estranhar-se, a partir da gradientes de proximidade e distancia parental.” (Souza, 2023, p. 141).

Segundo minha mãe, Nilza Miguel da Silva, parteira que atuou diretamente com mulheres Kaiowá durante sete anos e as Terena na maior parte do tempo que esteve trabalhando na saúde indígena, realizando atendimento, destaca que, em cada lugar, tem um jeito de lidar com o processo de cuidado com a mãe e com o bebê. Mas, se lembra que durante o atendimento na região de Taunay/Ipegue pela distância da cidade e dificuldades de medicamento, o cuidado com a gestante e a criança se dava pelos remédios caseiros, se lembra que nos partos que fazia preparava o corpo da mulher com banho de feijão andu pois, fazia com que o parto fosse mais rápido. O preparo era com as folhas do feijão andu que no período das contrações passava no corpo acompanhado de massagens circulares sobre a barriga.

O pós parto era o procedimento com o “resguardo” da mãe e o cuidado redobrado com o umbigo da criança. A alimentação deveria ser bem acompanhada para que a mãe não comesse comida seca, mais um caldo. Só poderia usar carne branca de frango caipira, não poderia de forma alguma ser carne vermelha, segundo as informações dos mais velhos, era muito forte e poderia causar inflamação no útero da mãe, uma vez que estava se recuperando, “assim os antigos falavam”. Havia também o cuidado de não tocar em objetos como agulha, tesoura, arame que fossem pontiagudos, pois, o contato com o aço poderia afetar o leite de alguma forma e causar inflamação na criança.

A preocupação era com o bebê e o umbigo, como não se tinha muito acesso a medicamentos, usava remédios caseiros para proporcionar uma secagem mais rápida, era utilizado fumo passado no fogo e amassado e colocava encima do umbigo e depois passava um faixa pra segurar o remédio, também usava óleo de copaíba ou óleo de figueira.

Havia também o isolamento de no mínimo sete dias, um resguardo que varia de pessoa pra pessoa, em que mãe e bebê não poderiam receber visitas pois, ambos estariam sensíveis aos maus fluidos que poderiam vir de fora, como o mal olhado.

Hoje os partos não são mais permitidos serem realizados na comunidade, assim as gestantes são encaminhadas para cidade mais próxima para receberem os cuidados dos médicos da cidade.

São essas mulheres que concebem, contemplam, criam, imaginam, planejam, preparam, projetam, compartilham sua cosmovisão familiar, social, política, desenvolvem

a formação verbal, relacional, ambiental, financeira, espiritual das realidades como pontes de geração a outra.

Um exemplo disso em toda comunidade Terena é a valorização cultural desenvolvida na infância onde a criança observa e vai sendo nutrida desse meio ao qual está inserida, pelos códigos relacionais e locais e como vão sendo constituído a conta gota na sua subjetividade formando o “*EU*” ou ainda o processo cosmológico enquanto Terena que marcam a formação desse indivíduo.

3.2. Dança terena “séputerena” - relações entre mulheres e homens

Abordar a dança Tradicional terena como uma instituição do ponto de vista da identificação de pertença a sua constituição, faz parte da elaboração de uma cosmovisão particular. Ao destacar a composição das etapas presentes tanto na dança de homens quanto das mulheres em comunidades Terena, percebe-se a característica da dualidade, pois se compõe por duas fileiras que se completam, uma depende da outra. Essas metades só existem por que são complementares, ou seja, o masculino existe por que existe o feminino, o bravo por que existe o manso, o frio porque existe o quente, o sério porque existe o gozador, o natural e o sobrenatural. A dança das mulheres tem um ritmo mais calmo, sereno, acolhedor enquanto a dos homens é mais intenso, de luta, de enfrentamento, de ousadia, encorajamento. Segundo Seizer (2009), são as metades endogâmicas que se externam para o meio social e que está intrínseco na identidade do Terena, principalmente nas formas de negociações e articulação para além da comunidade. A saída do *Êxiva* até a constituição atual dos novos territórios, os Terena tiveram que desempenhar na sua prática cotidiana a negociação e a articulação e medição para sobrevivência e resistência de suas memórias.



Figura 11 Eu dançando Seputerena gestante de 7 meses- Acervo pessoal da autora.2015.

Figura 12- Eu dançando Seputerena gestante de 7 meses- Acervo pessoal da autora.2015



Segundo Baltazar (2022), os *Sukirikino* e os *Xumono* são a divisão presente no espaço social terena e o quanto foi de suma importância na Guerra da Tríplice Aliança (1864 -1870). Essas metades endogâmicas são de origem mitológica do povo Terena pelo

Yuríkoyuvakaé que constam em variadas versões, mas que denotam em todas elas a completude das partes para resistência.



Figura 13 Comemoração 19 de abril – 2024 – dança kohixóti Kipaé pintura representando as duas metades. Aldeia Lagoinha/ Aquidauana. Acervo pessoal

O dançar nas comunidades Terena é a representação de uma identidade que diz muito sobre a base de uma cosmovisão para cada tempo e lugar, existe uma história que descreve o início e como se constitui o formato, as peças das danças.

A dança feminina e conhecida como “*siputrena*” é também a dança exclusiva dos homens que é conhecida como “*kohixóti Kipaé*” alguns chamam de bate-pau, dança da ema. Tanto a dança dos homens como a das mulheres, acontece aos sons de tambores e flautas confeccionada de bambu.

O período que antecede o dia da celebração se conta muito o processo da preparação, pois são dias que sensibilizam todos os moradores.

A escolha do tecido que vai ser cortado e costurado no caso da vestimenta feminina, a grafia utilizada, as cores a serem utilizadas nas pinturas e isso tudo se dá em rodas de

conversas em que se realizam a costura das peças, o preparo dos acessórios a serem usados como brincos, colares, braceletes, cocares, onde vai se transmitindo as mulheres mais novas de forma subjetiva a valorização identitária.

A dança feminina é realizada em todas as aldeias terena, na semana dos povos indígenas, em algumas realizam até uma espécie de festival de grupos de dança, onde vale a criatividade e a forma de organizar as peças de apresentação dentro da dança, e as vestimentas são recorrentemente de juta a sementes.

A comemoração na Terra indígena Taunay/Ipegue é pautada em um momento que relembra a memória de um povo que lutou na guerra da Tríplice Aliança e sobreviveu e assim realizaram a recepção e celebração pela volta dos guerreiros que retornam e choram os que não retornaram. Vale ressaltar que há regiões que possuem outras explicações que tem uma visão xamânica, em que um xamã sonhou, etc.

No momento da dança é um misto de alegria e tristeza devido a perda guerreiros que lutaram bravamente reforçando a identidade de um povo destemido, as mazelas dos desafios que vão surgindo.

Uma prática de muita admiração, é muito emocionante e ouvir o canto espontâneo das anciãs Terena que proferem palavras de saudação e benção, ao mesmo tempo que dançam balançando seus lencinhos lembrando memórias e celebrando vitórias em meio a dores e sobretudo as dificuldades superadas.

O canto espontâneo tem se tornado cada vez mais raro, pois, as mulheres mais velhas não ensinaram as mais novas e não existe uma tradução específica desse canto, uma vez que se canta e vindo daquele momento, vem de dentro de cada anciã, esse canto também é ouvido no nascimento de crianças, em casamentos ao lançar benções sobre o casal que está iniciando uma família e também em eventos que trazem a lembrança de alguém que já não está mais no meio familiar, como em velórios, como forma de expressar em canto uma homenagem ao falecido e agradecer a todas as coisas boas que o mesmo fez.

Reitero que a construção de uma identidade Terena é feita no coletivo, é preciso do outro para que ocorra a transmissão de memórias de braços dados ou mão dadas, como são apresentadas em alguns elementos das danças.

Especificaremos de início o formato das fileiras que ficam paralelas umas às outras, ambas saem ao mesmo ritmo de frente uma pra outra, aos sons do tambor e da flauta inicia o movimento que é feito com o corpo seguindo a melodia indo pra trás tomando uma distância, depois saem fazendo volta.

Inicia no segundo momento, o passo da saudação em que faz a troca das mãos, cumprimentando umas às outras e aos que estão prestigiando, fazendo a volta, cumprimentando a todos os presentes, depois de ter realizada a volta, se desfaz voltando na posição inicial, para iniciar a dança e preparar-se para montar o grande círculo onde todas podem se ver, o significado desse passo é muito importante pois carrega a importância da união e o fortalecimento de um compromisso coletivo, pois somos peças que compõem um ciclo, onde todas precisamos umas das outras.

Inicia novamente a dança dando a volta novamente, mas ao retornar forma-se uma única fila, composta por três pessoas, uma dando os braços a outra, dançando próximas e aqui nessa parte destacamos a importância de estar conectada, o caminhar sozinha não há suporte, ambas precisam uma da outra, da solidariedade compartilhada. E por fim organiza novamente a fila e inicia a dança, mas agora cada uma segura a mão uma da outra, começam então a sair do ambiente da festa e se dá o encerramento das mulheres. A pintura facial que normalmente é usada e o formato de um círculo, nas cores preta branco e vermelho na região da Terra Indígena Taunay/Ipegue na aldeia Lagoinha, significa que a pintura facial pode variar de região para outra. Mas, evidencio que essa pintura também tem um significado importante do círculo que é o compromisso da unidade, da harmonia, da conjunção, da comunhão.

Logo depois inicia a dança dos homens em que também é formada uma fila paralela, porém, recebem a nomeação de “*sukirikeonó*” e “*xumonó*”, são as nossas metades. No comando do líder de dança, inicia com a batida do tambor compassadamente, como se fosse os passos de preparação e concentração pelo que vai acontecer, o corpo se inclina com a postura de que está a procura de algo com muita atenção, com essa posição se faz um meio círculo. Retornando a posição inicial o líder dá o comando do próximo passo como o grito que é o sinal para os participantes, agora é inserida os sons da flauta, com um ritmo mais acelerado do tambor que contagia o ambiente, seria os passos que os guerreiros atacariam o inimigo utilizando os bambus que se batem tinindo. Demonstrando a força na intensidade que se faz os passos e as coreografias da dança, dando a volta no espaço em que todos estão de forma circular.

Retorna novamente a posição inicial, mas agora se usa a flecha para lembrar as batalhas atirando pra cima enfrentando o inimigo que está de tocaia, o barulho que sai seria pra afugentar. Retorna novamente a posição inicial e começa a dança, mas tem diferentes formas e posições do uso da taquara, as batidas umas com a outra carregam o simbolismo da luta da caça e da celebração frente as conquistas, alcançado a vitória.



Figura 14- Comemoração 19 de abril – 2024 – dança kohixóti Kipaé pintura representando as duas metades. Aldeia Lagoinha/ Aquidauana. Acervo pessoal

E por final, com o auge da dança é preparado um suporte com as próprias taquaras de formato circular onde todos os participantes asseguram o lugar para que um líder possa subir e em alta voz e com muita segurança dizer “*Hónoyoo*” esse momento e tão esperado pois, é o ponto máximo, se externa uma profunda satisfação por ter concluído, conquistado algo que produziu profunda alegria.

É de suma importância destacar que a dança é simbólica, medindo a resistência de um com outro. Todos, na medida do possível, usam uma saia feita da pena de ema, com o corpo pintado com cinza, barro vermelho, carvão batido, alguns fazem grafismo no corpo, outros cobrem o rosto com pinturas aleatórias, outros fazem desenhos, as pintas da onça ou a cobra coral, não há uma padronização de pintura.

Então, chega o final da dança onde os participantes formam a fila, dão a última volta e vão cruzar as pontas das taquaras segurando uma na outra como sinal que a dança está encerrada.



Comemoração 95 anos da Missão Caiúá, 22 agosto – 2023 – dança kohixóti Kipaé. RID/ Dourados. Acervo pessoal.

Os elementos culturais presente nas danças são manifestações de signos, símbolos que são ensinados desde pequeno nas comunidades Terena e são representações da identidade do povo. Durante a pesquisa de campo ouvindo muitos participantes dos grupos de dança e moradores proporcionou realizar um apanhado de informações sobre a dança das mulheres e homens, também tive a contribuição de longas conversas com a professora Silvia Miguel da Silva que coordena o grupo de dança na escola e na comunidade, acessei intelectuais que já refletiram sobre a temática que foram enfatizados em seus trabalhos brilhantes, como SEIZER (2009), BALTAZAR (2010) e SEBASTIÃO (2012).

3.3. Mulheres de fé e de festas



Figura 16 Dança de mulheres terena na aldeia Lagoinha composta por 140 participantes no dia 19 de abril 2024. Acervo pessoal da autora.



Figura 17 Participando da dança Seputerena. 19 de abril de 2024

Enfatizo a disposição que o Terena tem em realizar festas e comemorações sem muito se importar com o calendário tradicional dos tempos passados ou ainda como proposta que advém de fora, há portanto um modo de produzir as festas, em todos os âmbitos como aniversários, casamentos, batizados, formaturas das escolas desde a educação infantil, ensino fundamental e o ensino médio, festas de calendário religioso, comemorações do dia do índio, festas de natal, festas de ano novo que é comemorada em comunidade, há um empenho intenso de todos os envolvidos, assim se forma uma rede de pessoas para promover a festa.

Nos espaços de festa ocorre a sociabilidade, antes porem, do evento se desenvolve a mobilização da rede de parentesco, vizinhanças e colaboradores em prol da celebração e da declaração de fé, buscando junto com o promotor da festa, ou como é chamado “*festeiro*”, os dirigentes de igreja ou de congregação movidos pela filiação religiosa, também a comunidade que compartilhar da mesma intensão acaba mobilizando convidados para a festas.

Na Terra Indígena Taunay/Ipegue, e também na Terra Indígena Buriti, com percentual dominante da presença Terena, promovem nas igrejas, nas festas, nas escolas, encontros, desfiles, reuniões e campeonatos, a sociabilidade organizada pelos próprios indígenas, desde a logística a execução um modo próprio e particular que se dá através da rede de parentesco que mobiliza todas as comunidades envolvidas. Geralmente se forma uma comissão responsável, composta pelos moradores locais, depois dessa comissão se elege um responsável por cada setor de atividade a ser realizada, cada departamento fica encarregado de produzir o que lhe foi acordado. Um detalhe importante é que cada encarregado envolve diretamente ou indiretamente seus aliados que podem ser familiares ou amigos, colaboradores.

Evidenciaremos nessa abordagem de fé e festa o papel importante dessas mulheres que na maioria das vezes está por de trás, como aquela que articula todo o preparativo dessa comemoração que pode ser na igreja, na festa, no terreiro e principalmente na casa. O espaço que é de predominância feminina é o espaço da cozinha em que festas e encontros das igrejas, escolas e comunidade são as que mais trabalham intensamente para garantir o alimento compartilhado com os participantes da festa.

Na região da RID, Reserva Indígena de Dourados foi organizada pela comunidade Terena local um encontro denominado como I Assembleia do povo Terena de Dourados, no dia 01/04/2023, também se mobilizou e organizou uma comissão a qual estavam o responsável pelo evento com o intuito de reunir a comunidade Jaguapiru e Bororo e

formalizar a Organização Terena da Grande Dourados (OTGD). Uma entidade que representa o povo indígena na região de Dourados e realizou uma cerimônia de abertura que contava com os representantes de algumas famílias Terena que aqui residem. É importante destacar que essas linhas de parentesco são interligadas de alguma forma com o processo histórico na Reserva de Dourados, na trajetória dos primeiros indígenas Terena que aqui chegaram, residiram e constituíram moradia. Cada tronco dessas famílias carrega trajetória variadas, alguns lutaram diretamente na demarcação, outros na área da saúde, outros abrindo estradas, fazendo “trieiros”, outros atuaram na construção de comunidade cristã.

A organização da OTGD busca discutir a defesa dos direitos territoriais, culturais e sociais, preservação cultural, da língua, tradições, conhecimentos ancestrais, saúde indígena, educação e gestão ambiental. Na organização e mobilização dessa comissão em grande parte e as mulheres Terena que articula, desempenha o papel de discute constrói alternativas de aprimoramento para fortalecimento, pois compreendem que são como protetoras de conhecimentos culturais, transmitem tradições, histórias, para nova geração. Segundo elas possuem voz ativa na escolha e decisões dentro da instituição onde podem contribuir com suas experiências e perspectivas.

Durante uma conversa com amigos no período que estava fazendo iniciação científica na graduação comentando sobre festas e comemorações me fizeram a seguinte pergunta sobre as vilas e a festa de São Sebastião entre os Terena da Aldeia Buriti, o que há de elemento Terena que eu percebia nesse encontro de festa católica, dada como tradicional?

A resposta para a pergunta acima citada nos permite caminhar por variados terrenos explorando inúmeros pontos que são riquíssimos de uma história, de um lugar, de pessoas que vão sendo compostas ao longo dos tempos desempenhando seus papéis na composição de uma conjuntura, carregando impasses a serem superados demonstrado pelas ações e comportamentos o quanto superaram e mantiveram vivos até hoje.

Se retornarmos brevemente e reconstituirmos à trajetória a partir do colonialismo que onde chegava explorava tudo que podia, sendo um sistema político, econômico e militar e viam em tudo produtos a serem consumidos e a serem conquistados, buscando controle e autoridade sem permitir que os mesmos possam desenvolver culturalmente e materialmente, pois, introjetaram sua cultura. Passado mais um fato marcante na trajetória do povo indígena Terena também recebemos o rótulo de “assimilados”, conhecidos em um dado momento como “emancipados”, são parte da reconstituição de um caminhar pelas

marcas de um passado que tem seus impasses, mas, que é de suma importância destacar a capacidade incrível que o ser humano tem de reeditar, rever e reiniciar variáveis. Especificamente o povo Terena destacamos o diálogo a partir da interculturalidade e de negociação que estão de fato presente nas festas religiosas, na vida social, na vida política.

Enfim a festa de São Sebastião, comemorações religiosas, encontros em igrejas, reuniões comunitárias, comemorações de fim de ano, campeonatos, mutirões, produção nas roças, atividades escolares, atividades de saúde indígenas, encontros acadêmicos, retomadas tudo e mais um pouco externam ações e comportamentos de um “POVO”.

Surgiu então a segunda reflexão, também de uma conversa do cotidiano, em uma região de predominância evangélica, as aldeias do Distrito de Taunay, do que poderia ter em suas práticas elementos Terena, ou seja, há conhecimento tradicional em nossas festas? São perguntas que assim como na região do Buriti, Taunay/Ipegue entre outras espalhadas pelo Brasil se constitui a partir de variados recursos, referências, subsídios formam sua visão de mundo capazes de criar conexões como o saber adquirido no meio familiar e adequam onde se está, pois os elementos Terena sai de dentro pra fora e pode externar e conduzi um olhar atento para o meio social semear com sua presença saber próprio do Terena.

Cada traço carrega em si as informações necessárias que autentifica sua existência e a formação de sua identidade Terena, mesmo em impasses sociais, coletivos, religiosos e principalmente econômico, essa demanda de ciclos de sobrevivência impulsionou o aperfeiçoamento do bom negociador, que proporcionou a própria vivência de muitos em variados espaços, numa espécie de retaguarda aos acontecimentos externos das relações da comunidade se desenvolveu formas de conversas de um com outro, uma espécie de dialógica intercultural que se alternam e se ampliam.

Na Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa, nas aldeias Jaguapiru – Bororo/Dourados considerada a maior do país é indispensável destacar a espiritualidade do Terena que é passada para novas gerações na cidade ou na aldeia é dado e percebido nas coisas referindo as cognições, interpretações, atitude, e as decisões e as percepções tomadas diante da vida. Na terra Indígena de Dourados há uma característica própria, multiétnica que apresenta várias manifestações da espiritualidade indígena.

Destaco as atividades desenvolvida na Terra indígena Taunay/Ipegue que tem predominância protestante de linha tradicional, pentecostal e neopentecostal e que de igual forma realizam encontros que, movimentam o meio social como festas de quinze anos, formatura de pré-escolas, formatura do ensino fundamental e do ensino médio, aniversário

da aldeia com preparos de bandas escolares, jogos e danças tradicionais e há também a dinâmica da aldeia em que associa as atividades realizadas nas igrejas de diversas denominações e que também possui sua forma própria e específica de valorização dos elementos tradicionais, principalmente no respeito com os saberes terena, no uso de medicamento a partir de raiz, cascas, folhas, frutas entre outras, percebida durante a pesquisa etnográfica.

Terenas do Buriti organizam de forma própria e específica anualmente a festa de São Sebastião, padroeiro da aldeia, cuja realização envolvem diversos grupos sociais mobilizando e proporcionando conexões presentes no processo histórico da sua ancestralidade. Trata-se da maior e mais tradicional festa em que ocorre interação interétnica religiosa na comunidade, mantida desde as primeiras décadas do século XX, quando os Terena foram acometidos por um surto de febre amarela (Silva, 2013).

Vale ressaltar que independente da religião que se predomina é importante perceber que os elementos da cultura Terena se conversam internamente e que em todos os diferentes lugares o “Ethos” Terena constituído a partir da necessidade de se afirmar, reforçar, traduzir, reproduzir e reconfigurar, reforçando a identidade com elementos culturais que possam autenticar o acesso a diversidades de mundos Terena, independente de credo religioso e localização, o acesso ao conhecimento local de determinada situação possibilita compreender as relações de parentesco, aliança política e formas de sociabilidade na comunidade.

Ao referir sobre a religião tradicional Terena, temos a contribuição de várias mulheres pesquisadoras, como a Fernanda Carvalho em seu trabalho *Koixómuneti* e outros curadores: xamanismo e práticas de cura entre os Terena (1996); Noêmia dos Santos Pereira Moura, UNIEDAS: o símbolo das apropriações do protestantismo norte-americano pelos Terena (2001), Grazielle Acçolini, Protestantismo à moda Terena (2004), Lindomar Lili Sebastião, Mulher terena: dos papéis tradicionais para atuação sociopolítica (2012) e também de homens, como o próprio Antônio Carlos Seizer da Silva, com o trabalho Educação escolar indígena na aldeia Bananal: prática e utopia (2009).

O que me chamava atenção era o canto do *koixómuneti*, uma melodia que aparentava a paz. No ritmo do som de uma porunga (instrumento feito de cabaça), o xamã cantava num tom de voz grave que aos poucos diminuía lentamente: *kiná a kali mbeêyo, kiná aka kali mbeêyo*. (Venha meu pequeno animal, venha, venha meu animal). Isso nos revela a maioria dos xamãs possuírem a figura de um animal como seu guia espiritual como nos revelou. expansionista. (Sebastião, 2012 p 68)”

Ambos os pesquisadores destacam em algum momento de suas observações a prática do uso desse conhecimento pelo indígena quando precisa, isso demonstra que não há um apagamento de tais conhecimentos, destacamos também o papel do purungueiro, do curandeiro que são quem faz as orações pedindo a benção na vida daquele que está doente e realiza as massagens, uso das plantas medicinais, compreendendo que o ser humano precisa de cura, de alívio, de saúde. Nesse processo que ocorre o conhecimento do real e do sobrenatural segundo os entendidos devem ser algo presente naquele que atua como *Koixómuneti* como vocação. Seizer (2016) em seu trabalho discute questões como tradição, identidade e educação e afirma em seu trabalho sobre uma estreita relação “entre mundos”, o acesso ao mundo dos vivos e dos mortos com dimensões que se interligam e se conectam com o objetivo de proteger, cuidar, os pertences dos seus familiares. Nesse cerimonial é utilizado alguns materiais como a pena da ema, a constelação do formato da ema que deve ser considerada como um guia protetor.

Todos possuem sua espiritualidade que faz parte da busca humana, realizando um processo de voltar pra si, o Terena expressa na sua forma de ser, independente da religião. A cada em que se concentra a presença Terena, cada família constrói caminhos baseados em memórias ancestrais e pauta sua demonização na forma de manifestação da fé, podendo livremente recorrer, aos cantos, como forma de aliviar a alma pelo chá, pelo banho, pela reza, pela oferenda, pela benzeção. pela oração,

Em uma roda de conversa do dia a dia, algumas mulheres compartilhando histórias de quando não se tinha médicos na comunidade para quem sofria de dores nas costas a prática do (costurar) as costas, isso seria uma prática de conhecimento para diminuir essas dores que se faz em diversos lugares, a ocasião em que se faz algum tipo de oração e uma determinada massagem que traz o alívio das dores na ausência de fisioterapeuta, se recorre a tais métodos nas aldeias, como também o cortar cobreiro para que a ferida não se espalhasse no corpo.

O campo é inevitável no processo que, especifica o sentir, ver, perceber e tais informações surge o “afetado” que aqui é o pesquisador, pensando que o campo precisa de um distanciamento para a desnaturalização e também de aproximação dos eventos para melhor desenvoltura no trabalho de pesquisa antropológico, no caso aqui foi de participar diretamente ou indiretamente evidenciando indo para as cozinhas das festas, participar de reuniões e ficar atenta as conversas informais para perceber os tipos de relações sociais na

prática a partir da interação, conexões como pontes e que se constitui em determinado local, relações familiares, políticas, escolar, religiosas.

Estar nesses lugares e o ato de ouvir e presenciar esses lugares foi primordial para compreender a suma importância da pesquisa etnográfica, pois propicia e expande as possibilidades da observação direta e indireta, possibilitou um caminho reflexivo dos entornos de processos comuns, e carrega informações necessária para perceber as formas organizacionais que testificas e evidenciam nas festas locais, como por exemplo, formaturas de Pré - escola, fundamental e ensino médio, festas de aniversário de 15 anos que são muito comuns nas aldeias, desfiles anuais de cada aldeia, festa de Santo Antônio, São João, São Pedro, São Sebastião... etc.

Tudo isso pra destacar que nesses lugares acima citados é inevitável dizer que a mulher é protagonista nesses espaços é na cozinha que se articula detalhes do que vai ser servido, a falas que serão feitas nesses ambientes, embora apareça ou não, ela é uma peça que atua como pontes de um lugar ao outro.

Segundo Sebastião (2018) relata em sua análise sobre o protagonismo da mulher Terena, ampliou sua atuação à medida que adentravam nos cursos superiores, pois há uma predominância da voz e atuação do homem nos espaços dentro da aldeia e as mulheres foram conquistando a confiança principalmente devido ao seu aperfeiçoamento acadêmico, o que proporcionou o conhecimento no ambiente escolar e fez com que houvesse esse destaque e passam então a ser referencias. Um dos momentos mais provocativo no espaço de predominância masculina foi quando se organizou o primeiro encontro, no ano de 2013, “I encontro de Mulheres Terena”, momento esse que buscava então a maior participação e atuação da mulher no campo político, onde, se abriu discussão que ampliaria a visibilidade dessa mulher que agora era reconhecida socialmente com articuladora de ideias e de ações que contribuíssem no meio social, sendo território com a própria presença, podendo reivindicar inúmeros pautas, mas a principal e acessar os direitos indígenas.

Quero também dizer que tem aquelas mulheres que movimentam o cotidiano que vão pra roça, auxiliam o companheiro na semeadura, na colheita, no dinamismo da casa e cuidam das pessoas que convivem, que fazem cerâmica que concentram toda a sua energia na manutenção de um cotidiano comum, mas que precisa desse aconchego, do acolhimento, do amparo.

3.4. A fala da mulher Terena

Nas Assembleias e reuniões seja no âmbito escolar, religioso, comunitário é muito recente a presença da voz feminina como articuladora das decisões, embora sejam elas que na maioria das vezes apontam as decisões a ser tomada. A mulher Terena tem uma característica própria de ouvir e discutir depois no âmbito interno da casa com seu esposo, companheiro o que é discutido nos espaços públicos. Geralmente em decisões que requer muita cautela, o homem antes de tomar a decisão final recorre a um olhar mais apurado, como o objetivo de obter estratégia de ação, ou seja, essa voz esteve sempre ecoando.

Estamos experienciando essa nova fase de grandes desafios que estão surgindo, mulheres sendo mais enfáticas na saúde, educação, artes, na produção agrícola, na escrita, no movimento social indígena, na liderança, na política, na economia, nas igrejas, na espiritualidade, nas academias encarando um chamamento aos cuidados quer seja da Terra quer seja do ser humano. A voz aqui age como ferramenta de sobrevivência desse corpo, desse conhecimento, de uma pedagogia própria, de conhecimentos medicinais, conhecimentos ambientais, dança, canto, rezas, orações etc...

O poder de fala ou aquela que faz a transmissão em poucas ou em muitas narrativas, perpassa por aquelas que são de fora e também nas que permanecem dentro das casas, seja nas reivindicações por melhoria de forma coletiva, como aquelas que são cuidadoras da manutenção do funcionamento da vida comum.

Nessas narrativas sempre estão presentes a estrutura de um viver que carrega códigos, simbologias, que definem os espaços e forjam e fortalecem as informações de uma identidade cultural que articula entre os impasses, demarcando, permanecendo e expandindo as fronteiras geográficas, político, religioso, psicológico e emocional.

Essa mulher aqui e aquela que é liderança reconhecida pelo meio social em movimentos políticos, reivindicando direitos coletivos, ou aquela que em um grupo pequeno nas igrejas dialogam com as variadas necessidades mobilizando em variados lugares de atuação, como aquelas que com o conhecimento tradicional cuidam da saúde do coletivo com seus saberes tradicional, como uso correto de plantas no preparo das garrafadas, cantos exercendo sua espiritualidade. Adentram em espaços.

Mulheres que lutam diariamente frente a um processo histórico que no dia a dia vivenciam alegrias, tristeza, nascimento, morte, tragédias, conquistas, mudanças e foi dessas mudanças que levou a muitas assumirem o percurso que eram dos homens, como

forma de sobreviver e garantir que os seus pares continuassem de alguma forma em situações melhores que as suas.

A fala em terena se diz “*émou*”. Esse lugar se tem com um peso de responsabilidade que em determinadas situações são definidas como aquela que desperta a consciência para algumas situações, pra definir na melhoria de um coletivo, seja na educação de uma criança, seja nos problemas de ordem conjugal, nas atividades da igreja, na elaboração e organização de festas na comunidade, no comando da cozinha, da sala de aula, na equipe de saúde, no campo de direito, nas passarelas de desfiles valorizando a beleza indígena etc...

São elas que com seu próprio corpo realizam inúmeras demarcações e em casos específicos, sofrem e constroem pontes como aquela que diretamente ou indiretamente participaram na conquista da Constituição Federal de 1988 que proporcionou que povos indígenas fossem reconhecidos como protagonistas capazes de articular com suas particularidades de mundo, como isso expandiu esse lugar de invisível da para visibilidade com suas demandas a serem atendidas. Cada mulher que aqui compartilhou um pouca da sua história de uma vida comum e também as muitas que aqui não apareceram, mas que são peças importantíssimas nesse imenso Brasil decidiram acreditar em sua capacidade frente a uma sociedade que insiste lembrar da violência e agressiva história do nascimento do Brasil. De uma mãe que não foi respeitada, violentada e invadida, mas que escolhe o caminho da luta e reedita sua trágica trajetória e encontra os “*trieiros*” que podem criar conexões que formulam novos sentidos que vão sendo constituído na força da resistência se forjou na potência dessa que encara esses debates e semeia a perseverança na forma de viver como um processo que alterna ciclos e sobrevive estações ao longo de 524 anos de Brasil.

Na obra de GAMBINI (2000), o autor aprofundou sobre o reflexo dessa mulher indígena que o mesmo compara com a terra a ser conquistada durante a colonização, percebe isso analisando o conteúdo das cartas jesuíticas. Enquanto psicanalista faz menção de um feminino marginalizado que fora controlado pelo colonizador logo no nascedouro desse imenso Brasil, ou seja, uma mulher de alma calada, derrotada pela civilização.

Considerando que a voz dessa mulher, vem ao longo dos anos rompendo as amarras do passado, em vista disso, a força do discurso por ela realizado é de maneira diferenciado equiparado aos homens, devido ao peso histórico, cultural e social vivenciado acima citado a mesma possui sua própria voz, pois, compreende a necessidade de ser ouvida.

Nesse capítulo focamos na fala dessa mulher que sempre esteve presente nos bastidores das casas, como uma colaboração realizando internamente todo processo relacional, porém as mudanças que vem acontecendo no cenário atual, as mesmas acabam saindo pra fora externando, expandindo, compartilhando saberes e conhecimentos, com sua vida onde entram.

Os espaços por elas acessados possuem conjunturas que lamentavelmente não as recebem com a mesma atenção que a dos homens nos seus discursos, a circulação nesses espaços tem aberto caminhos em que propiciam a viabilidade pelos diálogos realizados onde alcançam.

Cada vez mais essa mulher tem se preparado no uso da sua fala, sendo na educação, saúde, política, social, econômico e ambientam, pois, ao comunicar – se abrange o espaço e a disposição em compartilhar ideias fortalecendo, liderando e negociando os direitos indígenas.

Recorrer aos “Fatos sociais “presente no Ensaio sobre a Dádiva” (de Marcel Mauss 2013) que lança a compreensão das realizações humanas dadas pela ação, percebidas na prática e está atrelado em dimensões sociais, psicológicas, e fisiológicas, dito isto, pensar a fala elaborada por essa mulher realizada dentro e fora da sua comunidade de origem fortalecendo e ensinando ações e comportamentos no cotidiano transmitido no coletivo.

Pensar então é necessário como Mauss (2013) destaca a relação do indivíduo com a sociedade e que tem um impacto na percepção do “eu” como também de “pessoa” gestos simples e até a identidade pessoal são apreendidos e moldados a princípio pelo meio social e cultural pela troca simbólica, presente na estrutura a qual está inserido contribuindo para compreensão de mundo, normas e valores.

Nesse capítulo do lugar de fala passa ser uma ferramenta metodológica utilizada nas atividades diária em casa, nas orientações para as crianças, e principalmente na oralidade em compartilhar histórias do seu povo em encontros comunitário, em igrejas, reuniões, nas festas, em ambientes públicos, enfim a quem queira ouvir.

A contribuição dessa fala e a permanência de muitos códigos culturais presentes em cada grupo familiar que vivenciam práticas, ressalto que essa mulher experiencia variados aspectos, mas não se desvincula os elementos de sua cultura, como a luta pela terra, sobrevivência da comunidade, demandas do recurso natural, a construção de aliança para fortalecimento da luta coletiva.

É primordial olhar para o contexto indígena dessa mulher, onde, se desenvolve práticas de vivência que acaba lidando com inúmeras posições a serem tomadas em diferentes relações que surgem na comunidade buscando avançar com soluções que contemplem ao máximo o coletivo. Lembrando que a mesma tem que conhecer as condições e realidades da sociedade não indígena da qual também sofre desigualdade em vários segmentos.

A tomada de consciência da importância da fala é importante para que as muitas vozes sejam reconhecidas e garantam o seu espaço de valorização cultural, justiça social, igualdade dando visibilidade a sua identidade e assegurando as necessidades básicas para sua sobrevivência contra todo tipo de opressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nós somos donos da teia da vida.

Meu avô costuma dizer que tudo está interligado, que nada escapa da trama da vida...Em certa ocasião, ele disse que cada coisa criada está em sintonia com o criador e que cada ser da natureza inclusive o homem, precisa compreender que seu lugar na natureza não é o senhor, mas um parceiro, alguém que tem uma missão de manter o mundo equilibrado, em perfeita harmonia para que o mundo nunca despenque de seu lugar.”(Munduruku,2017, p 58.).

O desenvolvimento da dissertação nasceu de uma conversa informal colhendo algumas espigas de milho que a Doutora Lauriene havia plantado no entorno da FAIND conversando sobre a trajetória de vida da minha mãe Nilza. A pergunta feita foi, que tipo de produção eu pretendia realizar? A partir daí seguiria então o tipo de empenho que eu deveria desenvolver, a orientação prosseguiu de forma didática ao exemplificar a diferença do cultivo da couve entre o plantio e colheita que dura cerca de 70 dias, já para o cultivo das aroeiras o processo é mais demorado, entre o plantio e a produção de frutos chega de 3 a 5 anos, porém, ambas têm sua importância nutricional e cultural. Aprendizado este que tive com seu orientador Marcio Silva e com Levi Marques Pereira.

Desse encontro a conversa foi focando na perspectiva sobre as muitas mães, mulheres, filhas, anciãs que com suas andanças circulando em variados espaços foram de certa forma tecendo a teia da vida que nos entrelaça de alguma forma, a nossa ancestralidade gerando reconhecimentos e pertencimento (Munduruku, 2017, p. 58). A teia se conecta a variados pontos de encontros, ao ponto que pessoas, história, trieiros, trajetões, circulação formam a tradição contínua de um determinado povo, aqui nos referimos ao povo Terena. Dito isto, a proposta da dissertação foi destacar a valorização desse rico conhecimento que mulheres Terena possui, contribuindo na existência desse povo com saberes tradicionais, como a oralidade que vai espalhando histórias que valorizam a diversidade cultural auxiliando a nova geração para a noção de pertencimento e valorização.

A circulação das mulheres terenas no nosso Estado é apenas um pequeno trecho em uma imensidão de “triereiros” que vão se constituindo em nossas trajetórias. Os “triereiros” são

as possibilidades que cada grupo familiar desenvolve para que haja manutenção da vivência.

Recorrendo a metodologia etnográfica para realizar as observações necessárias, em que, apontam inúmeras considerações que não se esgotam, permitiram inúmeras reflexões, em que, os caminhos que se constitui são inúmeros mundos que foram se construindo e se fortalecendo. São relatos de mulheres comuns aqui representada como um relance de muitos espaços que permitem muitas outras semear onde se encontram transmitindo conhecimento.

Considerando que a transmissão de conhecimento desse povo presenciou diversos momentos, discorremos o primeiro capítulo, o qual, trouxe um panorama geral que foi possível visualizar a resistência que as famílias desenvolveram em cada região adaptando aos inúmeros impasses que surgiram transmitindo o “*jeito Terena de ser*” ampliando os conhecimentos ancestrais e o quanto dessas representações constituíram identidade dessas comunidades. No segundo capítulo destacou-se a importância dessa mulher que circulou em diversos territórios dentro do Mato Grosso do Sul como fora dele, expandindo conhecimentos e demonstrando quanto o papel dessa mulher propaga a “*noção de pessoa*” que foi historicamente construída e que ativa práticas culturais ligada a tradição que as mesmas julgam importante em sua identidade.

O Terceiro capítulo trouxe a explanação de detalhes sobre a prática dessa tradição presente na dança, das dinâmicas de comportamentos presentes nas estruturas familiares nesse ambiente, desenvolvendo no relacional a aprendizagem como os cuidados físicos, emocionais, espirituais, ambientais que reforçam o modo de vida e ações que são como ferramentas de compreensão de mundo e o sentimento de pertencimento.

E relevante retomar aos “*trieiros*” que vão sendo construído carregando histórias e valorizando memórias dessa trajetória, onde as mesmas abordam a importância de se conhecer e valorizar os seus conhecimentos e fortalecer suas raízes. A própria sementeira de história dá sentido existencial, trazem a chance de os mesmos refletirem o ontem, hoje para que o amanhã tenham subsídios suficientes para sobreviver.

Dentro dessa proposta, tecer a própria história e de seu núcleo familiar carrega composições de valorização, orientação, tipos de relações sociais e formas de comportamentos, podendo juntar ou expandir. Outra proposta desse trabalho é atingir o máximo de possibilidades e ampliar os caminhos que reforçam valores dessa cultura que vão dando diretrizes no desenvolvimento desse povo.

A importância de mergulhar em si e poder externar de alguma forma o conhecimento tradicional, favorecem temáticas que não há como negligenciar, como os direitos indígenas, diversidade cultural, cidadania, questões fundiárias, proteção ao meio ambiente, questões climáticas, educação, saúde entre outras temáticas.

Os campos de observação e aprendizado foram desenvolvidos na Reserva indígena Francisco Horta Barbosa, Terra Indígena Buriti, Terra Indígena Taunay/Ipegue que possuem elementos que podem ser acessados na sua especificidade e na sua cosmovisão, e ambas se conectam em um mesmo foco que é o processo de resistência e persistência.

Cada composição do território constrói dentro do seu espaço um meio de manter vivo a sensibilidade do natural, espiritual, relacional, cultural com performances organizacionais em variados espaços que trazem a dinâmica própria e aviva as memórias do ser “TERENA.”

Alguns elementos culturais estão presentes nesses espaços, em alguns com mais veemência, mais fervor como o uso da língua, a prática da dança feminina e masculina, práticas domésticas, práticas da espiritualidade, comportamentos, regras sociais, negociações no âmbito político, social e econômico (friso a prática das feirantes movimentam a venda de produtos orgânicos).

A sociabilidade própria do Terena é vista na educação, saúde, em eventos religiosos, eventos escolares, mobilização em movimentos sociais indígenas, cada procedimento interno e externo denota o quanto cada território desempenha sobre o meio.

O estado do Mato Grosso do Sul e a terceira região com maior presença indígena, mas em contrapartida e o estado que possui extensa área de produção agropecuária, incentivo de política a indústria e ao agronegócio e o resultado disso é percebido em todos os territórios indígenas das variadas etnias. Como consequência disso frente a tal postura é o estado que mais coloca o povo indígena em desafios significativos contra a ampliação aos direitos territoriais, as riquezas culturais, ambientais com desmatamentos, exploração, queimadas prejudicando a biodiversidade.

Considero por tanto que o foco da dissertação a trajetória de mulheres em variados lugares possa servir como ferramenta de demarcar espaços e história do povo Terena é necessário para fortalecer a construção identitária que é permanente e se liga a percepção de quem somos. Com essas reflexões da pesquisa espero favorecer o fortalecimento das memoriais, das lembranças do aspecto cultural, material e simbólico, para que, haja afirmação no imaginário pessoal e coletivo, pois, se conectam e são percebido na maneira como se descreve e se percebe e se interpreta o mundo.

Espero ter contribuído com a pesquisa auxiliando a nova geração em algo que possa auxiliar na aprendizagem para a noção de pertencimento e valorização defrontando conta o desrespeito cultural e tradicional e que muitas mulheres possam compartilhar de suas trajetórias sendo um representante da sementeira da resistência, da preservação cultural, que possam estimular a educação que valorize a identidade, desconstruindo imagens estereotipada e distorcida.

A foto é uma forma de representar as crianças que enfrentaram desafios e novas perspectivas em suas trajetórias, como também preconceitos, violências, mas que construíram” trieiros” nesses caminhos por onde ainda entraram podem acontecer inúmeras transformações no comportamento, mas que a aprendizagem verbal, oral relacional possa nutrir a formação da identidade nas futuras dinâmicas surgirem futuramente que essas crianças.

Em cada território Terena possui formas únicas específicas, mas existe uma dinâmica de desenvolver percepções na construção de “ser *Terena*” em valores, tradições, modos de vida na dimensão social, assim a formação da futura geração pode encontrar ferramentas que sirva de fortalecimento na sua representação cultural.



Figura 18 Participação das o grupo de dança 19 de abril 2024. Acervo pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACÇOLINI, Grazielle. Protestantismo à moda Terena. Tese (Doutorado em Sociologia) – UNESP, Araraquara, 2004. ACÇOLINI, Grazielle. Outros olhares, novos olhares: um estudo sobre a terra indígena de Dourados/MS. Projeto de pesquisa, UFGD, 2012
- ALTENFELDER SILVA, Fernando. Mudança cultural dos Terena. In: Revista do Museu Paulista. Nova Série. Vol. III. São Paulo. 1949.
- ALMEIDA, Carolina Perine de. *Os troncos, suas raízes e sementes: dinâmicas familiares, fluxos de pessoas e história em aldeias Terena*. 2013. 193 f. Dissertação. (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.
- AMADO, Luiz Henrique Eloy. *Poké'ixa Úti, o território indígena como direito fundamental para o etnodesenvolvimento local*. 2014. 125f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2014.
- ARAÚJO, Ana Valéria (Org.). Povos Indígenas e a Lei dos Brancos: o direito à diferença. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. 212p. (Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes n. 3)
- AZANHA, Gilberto. As terras indígenas terena no Mato Grosso do Sul. *Revista de Estudos e Pesquisas*, FUNAI, Brasília, v. 2, n. 1, p. 61-111, jul. 2005.
- AZANHA, Gilberto. Resumo do relatório circunstanciado de identificação e delimitação da terra indígena Taunay-Ipegue. In: Processo FUNAI/BSB nº. 0289/85. Brasília, FUNAI. Diário Oficial da União, 13 ago. 2004, p. 42, Seção 1.
- BALTAZAR, P. “*O Processo decisório dos Terenas*”. Dissertação, 2010 (Mestre em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Puc .
- BENITES, Sandra. “Viver na língua guarani – Mulher falando”. Dissertação de mestrado em Antropologia, Museu Nacional, 2018.
- BITTENCOURT, C. M; LADEIRA, M. E. A história do povo Terena. Brasília: MEC, 2000.
- BRAND, Antonio Jacó. 1993 O confinamento e seu impacto sobre os Paì-Kaiowá. Porto Alegre. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 210p.
- CUNHA, M. da. *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Fapesp/Secretaria Municipal de Cultura/Cia das Letras. 1992
- CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. *Cultura com asas: e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify. 2009

DA MATTA, R.; SEEGER, A.; VIVEIROS DE CASTRO, E. A noção de pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. *Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero/UFRJ. 1987 . pp. 7-41.

DUMONT, Luís. *O Individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. & PEREIRA, L. M. 2012. *Terra Indígena Buriti: perícia antropológica, arqueológica e histórica sobre uma terra terena na Serra de Maracaju, Mato Grosso do Sul*. Dourados, Editora UFGD.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. & PEREIRA, L. M. 2007. “*Duas no pé e uma na bunda*”: da participação terena na guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança à luta pela ampliação de limites da Terra Indígena Buriti. *História em Reflexão*, Dourados, 1(2):1-20

GAMBINI, Roberto. *Espelho índio; a formação da alma brasileira*. Editora Axis Mundi, 2000.

GONÇALVES, Daniele Lorenço.” O território etnoeducacional povos do Pantanal e sua relação com a Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Angelina Vicente na Aldeia Brejão, Nioaque-MS / Daniele Lorenço Gonçalves. –2018. 127 f.”

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. 1.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das letras, São Paulo, 2019.

HALL, Stuart. 2005. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. 10,ed. Dp& HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *O Extremo Oeste*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LARAIA. Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006.

MACIEL, Lucas da Costa. 2019. "Perspectivismo ameríndio". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/perspectivismo-amerindio>. Acessado: abr, 2022.

MANZOTTI, Padre Reginaldo. São Sebastião: exemplo de coragem e perseverança. 18/11/22. Disponível. <https://pt.aleteia.org/2022/01/18/sao-sebastiao-exemplo-de-coragem-e-perseveranca/>> acesso 25/10/2022

MATTA, Roberto da, LARAIA, Roque d Barros. *Índios e Castanheiros – a empresa extrativa e os índios no Médio Tocantins*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

- MAUSS, M. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Canto de morte Kaiowá: história oral de vida. São Paulo: Loyola, 1991.
- MIRANDA, Claudionor do Carmo. Territorialidade e prática agrícola: premissas para o desenvolvimento local em comunidades Terena de MS. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande.
- MORALES, Nilcimar Cabreira” A organização Famílias dos Índios Guarani e Aruak na Reserva de Dourados - MS” 2010
- MOURA, Noêmia dos Santos Pereira. O processo de terenização do cristianismo na terra indígena Taunay/Ipegue no século XX / Noêmia dos Santos Pereira Moura. - Campinas, SP : [s. n.], 2009.
- MUNDURUKU, Daniel. Sobre vivências, piolhos e afetos; roda de conversa com educadores. Lorena Sao Paulo, UK’A Editora. 2017.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. A atuação do órgão indigenista oficial brasileiro e a produção do cenário multiétnico da Reserva Indígena de Dourados, MS. 2014. Disponível em: <<https://www.anpocs.com>>. Acesso em: mar. 2022.
- PEREIRA, Levi Marques. Os Terenas de Buriti : as formas organizacionais, territoriais da identidade étnica. Editora da UFGD, 2009
- PREZIA, Benedito.A.G. História da resistência indígena no Brasil. CIMI.1992
- QUEIROZ, Paulo R. Cimó. As curvas do trem e os meandros do poder: o nascimento da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1904-1908). Campo Grande: Ed. UFMS, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro – a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1999
- SANTOS, Augusto Ventura dos. Lutar, festejar, retomar: imagens de movimentos terena. Tese (Doutorado) 2023. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. SP.
- SEIZER DA SILVA, Antônio Carlos. Educação Escolar Indígena na Aldeia Bananal: prática e utopia. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande-MS. 2009.Dissertação de Mestrado.
- SEBASTIÃO, Lindomar Lili. “ Trajetória da Mulheres Terena: do papel tradicional á arena sócio Político”. Dissertação 2012. (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Puc -SP). São Paulo 2012.

SEBASTIÃO, Lindomar Lili. “ O protagonismo das seno Têrenoe – Mulheres Terena”. Tese de doutorado (Ciências Sociais; antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Puc -SP). São Paulo 2018.

SERAGUZA, Lauriene.” *As donas do fogo – política e parentesco nos mundos guarani*”. Tese (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais) Universidade de São Paulo, 2022

SILVA, Giovani José da. Nota sobre os Chamacoco e os Ayoreo e sua presença em terras sul-mato-grossenses. Povos Indígena em Mato Grosso do Sul, cultura e transformação social. UFGD (2015).

SILVA, Roselayne Miguel. As vilas e a festa de São Sebastião. Iniciação Científica, Dourados. FCH/UFGD . 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. Capitalismo e revolução burguesa no Brasil . São Paulo: Oficina dos Livros,1990.

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2014, cap. 4, 7.

TROQUEZ, Maria Coelho de Castro. Professores índios e transformações socioculturais em um cenário multiétnico: a Reserva Indígena de Dourados (1960-2005). Dissertação de Mestrado – UFGD, Dourados, 2006.

Outras Fontes:

<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/prov0103.pdf>. Acesso em: 29/07/2022

<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3656>. Acesso em 29/07/2022

<https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/322/1/MartaCoelhoCastroTroquez.pdf>Acesso em: 30/07/2022

https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/EDITORA/catalogo/povos_indigenas_em_mato_grosso_do_sul.pdf. Acesso em: 30/07/2022

https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india_metodologiaBRASIL. Fundação Nacional do Índio. Terra Indígena Dourados. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br>>. Acesso em: 06/08/2021

https://www.servindi.org/pdf/Iwgia_Informe3.pdf 08/08/2022

<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cmads/apresentacoes-em-eventos/eventos-2012/10-05-12-questoes-indigenas/apresentacoes/fernando-souza-representante-dos-indigenas-em-mato-grosso-do-sul>. Acessado 25/10/ 2022

https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf. Acessado 27/10/202